

DM

Livros para a Juventude de Ana Teresa Pereira
Imaginário insular, diálogos interculturais

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Custódia Tânia da Côrte Nascimento

MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

setembro | 2016

Livros para a Juventude de Ana Teresa Pereira
Imaginário insular, diálogos interculturais

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Custódia Tânia da Côrte Nascimento

MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS

ORIENTADORA
Leonor da Fonseca Martins Coelho

Agradecimentos

A todos os que, de certa forma, permaneceram ao meu lado nesta caminhada, gostaria de expressar o meu sincero agradecimento:

– À Prof.^a Doutora Leonor Martins Coelho, pela disponibilidade constante ao longo das várias fases desta investigação.

– À minha família, pelo carinho e apoio e por acreditarem neste trabalho.

– A todos aqueles que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Índice

Resumo	3
Abstract	4
Introdução	5
Capítulo I – A escrita para a infância e a juventude – Problematização geral	
1.1. Uma questão de legitimação	13
1.2. O reconhecimento da literatura infantojuvenil na Europa e em Portugal – Breve panorâmica.	15
1.3. O <i>boom</i> da produção literária para a infância	23
1.4. A literatura juvenil em Portugal	29
Capítulo II – Os artefactos para a infância e juventude na Madeira	
2.1. Observações gerais.....	36
2.2. A literatura infantil na Madeira – Alguns contributos	41
2.3. Os livros para a juventude – Caminhos e tendências	49
Capítulo III – A escrita para a juventude de Ana Teresa Pereira	
3.1. A literatura juvenil – A problemática da sua caracterização.....	59
3.2. Aventuras, mistério e ação na escrita de Ana Teresa Pereira	67
3.3. <i>As Duas Casas</i> e <i>A Casa das Sombras e Outras Histórias</i> – Abrindo caminho para a <i>crossover fiction</i>	100
3.4. Do local ao global – Para uma formação cultural múltipla e diversa	108
Conclusão	112
Bibliografia	119

Resumo:

O presente trabalho intitulado *Livros para a Juventude de Ana Teresa Pereira: imaginário insular, diálogos interculturais* pretende analisar a obra de potencial recepção juvenil desta escritora. Nascida na Madeira e com grande projeção fora da Ilha, publicou para os jovens leitores a série “A Casa” na editora Caminho. Constituída por cinco narrativas: *A Casa dos Penhascos*, *A Casa da Areia*, *A Casa dos Pássaros*, *A Casa das Sombras* e *A Casa do Nevoeiro*, esta série enquadra-se na *formula fiction*. Estas narrativas foram recentemente republicadas pela editora Relógio d’Água. *A Duas Casas* reúne *A Casa das Sombras* e *A Casa do Nevoeiro*. Por sua vez, *A Casa das Sombras e Outras Histórias* reúne a totalidade das narrativas publicadas na década de 90. Entretanto, vieram a lume mais dois livros para a juventude: *A Porta Secreta* e *A Estalagem do Nevoeiro*.

Para compreendermos a produção pereiriana, procuraremos, num primeiro momento, problematizar a escrita para a infância e juventude, quer na Europa, quer em Portugal. Seguidamente, pretendemos estudar os artefactos literários para a infância e juventude na ilha da Madeira. O terceiro capítulo destina-se à análise da obra de Ana Teresa Pereira. Trata-se de uma escrita de aventuras e suspense que apresenta uma cartografia diversificada da Ilha. Nela, a escritora dá conta da cultura, da história e da paisagem local, propondo ao (jovem) leitor entrar no seu imaginário: as estradas sinuosas junto ao mar, a paisagem feita de contraste e de sombras no interior da Ilha, a casa que espreita ao longe e acolhe os jovens protagonistas, os jardins verdejantes, as passagens secretas, etc.

Os seus livros dão, igualmente, conta de uma intertextualidade cultural e literária relevante, apresentando-se, assim, como um notório contributo para a educação do público juvenil, quer no campo da literatura, quer também no campo do cinema, da pintura e da música. Ana Teresa Pereira tende a dialogar com o fenómeno *crossage*, uma vez que a escrita de recepção juvenil, pelo seu rico intertexto, não se dirige exclusivamente a um público jovem, mas pode ser rececionado por leitores de várias idades.

Palavras-chave: Ana Teresa Pereira, literatura juvenil, aventuras, imaginário insular, diálogos interculturais.

Abstract:

The current work entitled *Livros para a Juventude de Ana Teresa Pereira: imaginário insular, diálogos interculturais* aims to analyse the writer's work, probably aimed at young potential. Born in Madeira Island and also known abroad, Ana Teresa Pereira has published for young readers a compilation called "A Casa". This compilation comprises five narratives: *A Casa dos Penhascos*, *A Casa da Areia*, *A Casa dos Pássaros*, *A Casa das Sombras* and *A Casa do Nevoeiro* and fits in the *formula fiction*. These narratives have recently been published by the Relógio d'Água publisher. *As Duas Casas* assembles *A Casa das Sombras* and *A Casa do Nevoeiro*. In turn, *A Casa das Sombras e Outras Histórias* gathers all the narratives that were published in the 90s. Meanwhile, two more books have been written for the young readers: *A Porta Secreta* and *A Estalagem do Nevoeiro*.

To understand the *pereiriana* production we will initially discuss the writing for children and young people, both in Portugal and in Europe. Then, we will study the literary artefacts for both children and young people in Madeira Island. The third chapter aims to analyse Ana Teresa Pereira's work. This is a written work about adventure and suspense, showing a diversified cartography of the Island. The writer portrays the culture, the history and the local landscape, taking the (young) reader into its imaginary: the winding roads by the sea, the landscape made up by contrasts and shadows in the interior of the Island, the house that peeks from a distance and receives the young protagonists, the green gardens, the secret passages, etc.

Her books account for a relevant cultural and literary intertextuality, to be seen, thus, as a notorious contribution towards the young reader's education, not only in the field of literature, but also in the field of cinema, painting and music. Ana Teresa Pereira tends to dialogue with the phenomenon *crossage*, since that her writing for young people, due to its richness, can be read not only by young readers but to readers of various age groups.

Key words: Ana Teresa Pereira, juvenile literature, adventures, insular imaginary, intercultural dialogues.

Introdução

O presente trabalho intitulado *Livros para a Juventude de Ana Teresa Pereira: imaginário insular, diálogos interculturais* é realizado no âmbito do Mestrado em Estudo Regionais e Locais. Este Mestrado, ministrado na Universidade da Madeira, visa “adquirir conhecimentos e compreender as práticas políticas, económicas e culturais de forma integrada nas realidades legislativa, institucional e social regional e local, com base no domínio – conhecimento proporcionado por diferentes áreas do saber, da História, da Economia e do Turismo, da Geologia, da Cultura e da Arte e do Património, até à Linguística e à Literatura”.¹ Assim, para o nosso estudo, optámos pela vertente literária e cultural. Com efeito, pretendemos analisar a escrita para a juventude de Ana Teresa Pereira, por forma a entender a sua produção no âmbito da literatura de receção juvenil.

Ana Teresa Pereira nasceu no Funchal, em 1958, e, atualmente, reside na ilha da Madeira. A escritora tem uma projeção relevante, quer no contexto regional e local, quer no contexto nacional e internacional. Estreou-se como escritora, em 1989, ao publicar *Matar a Imagem*, que lhe valeu o Prémio Caminho de Literatura Policial. A partir de então, publica regularmente, tendo dado a estampa: *As Personagens* (1990), *A Última História* (1991), *A Cidade Fantasma* (1993), *Num Lugar Solitário* (1996), *Fairy Tales* (1996), *A Noite Mais Escura da Alma* (1997), *A Coisa Que Eu Sou* (1997), *As Rosas Mortas* (1998), *O Rosto de Deus* (1999), *Se eu Morrer Antes de Acordar* (2000), *Até que a Morte nos Separe* (2000), *O Vale dos Malditos* (2000), *A Dança dos Fantasmas* (2001), *A Linguagem dos Pássaros* (2001), *O Ponto de Vista dos Demónios* (2002), *Intimações da Morte* (2003), *Contos* (2003), *Se Nos Encontrarmos de Novo* (2004)², *O Mar de Gelo* (2005), *O Sentido da Neve* (2005), *Histórias Policiais* (2006), *A Neve* (2006)³, *Quando Atravessares o Rio* (2007), *A Coisa que Eu Sou* (2007), *O Fim de Lizzie* (2008), *O Verão Selvagem dos Teus Olhos* (2008), *O Fim de Lizzie e Outras*

¹ Cf. Regulamento, “Finalidades/objetivos”, ponto 1. Disponível em http://www.uma.pt/portal/modulos/curso/index.php?T=1379050009&TPESQ=PESQ_CURSO_DADOS_GERAIS&TPESQANT=PESQ_ENSINOLST_MEST&IDM=PT&IdCurso=353&Cod_Especialidade_Cx=0&NPAG=&IdLingua=1&TORDANT=&CORDANT=&SCRANT=/portal/modulos/curso/index.php&NV_MOD=MODCURSO&NV_EAGR=EAGR_CURSOMEST&NV_MOD_ANT=MODCURSO&NV_EAGR_ANT=EAGR_ENSINOLST&NV_TAB=&NV_TAB_ANT= [acedido a 4 de Agosto de 2014].

² Prémio literário P.E.N. clube de Ficção (2005).

³ Prémio Literário Edmundo Bettencourt (2006) e Prémio Máxima da Literatura (2007).

Histórias (2009), *A Outra* (2010)⁴, *Inverness* (2010), *A Pantera* (2011), *O Lago* (2011)⁵, *Num Lugar Solitário* (2012), *As Longas Tardes de Chuva em Nova Orleães* (2013), *As Velas da Noite* (2014), *Neverness* (2015), *Karen* (2016).

No entanto, não é este universo ficcional de Ana Teresa Pereira que vamos explorar. Foi a literatura de receção juvenil que chamou a nossa atenção. Na década de 90, Ana Teresa Pereira publicou a série “A Casa”, na coleção “Labirinto”, pela Editorial Caminho. Nessa altura, vieram a lume cinco narrativas: *A Casa dos Penhascos* (1991), *A Casa da Areia* (1991), *A Casa dos Pássaros* (1991), *A Casa das Sombras* (1991), *A Casa do Nevoeiro* (1992). A escritora respondeu ao apelo que se fez sentir no mercado editorial, já que a década de 80 correspondeu ao *boom* da literatura para a infância e juventude⁶, em geral, e à escrita de aventuras, em particular.

Em 2009, a autora retoma a escrita para a juventude ao publicar, pela editora Relógio d’Água, *As Duas Casas*. Neste livro, Ana Teresa Pereira recupera *A Casa das Sombras* e *A Casa do Nevoeiro*, publicadas anteriormente, introduzindo pequenas variantes. Recentemente, veio a lume *A Porta Secreta* (2013), *A Estalagem do Nevoeiro* (2014) e *A Casa das Sombras e Outras Histórias* (2015). Os dois primeiros livros não constituem uma série, mas continuam a dialogar com a escrita de aventuras e de suspense. Têm ainda em comum com as narrativas anteriores o facto de os protagonistas viverem na Madeira. O último livro reúne as cinco primeiras narrativas, retocadas e com uma nova roupagem. A editora Relógio d’Água aposta na publicação de novos livros e na republicação de livros já editados, parecendo, assim, provar o êxito desta escrita, que também tem muito de intriga policial. Pretendemos pois analisar estes livros, para entender a sua relevância no contexto nacional e ver de que forma eles dialogam com o imaginário insular.

Na escrita de receção juvenil, a escritora dá conta de vários fatores da sociedade insular, nomeadamente apontamentos da cultura local (a sua gastronomia, as suas festividades, alguns usos e costumes), a paisagem natural, assim como a paisagem edificada e humanizada. Assim, através das aventuras e desventuras dos jovens protagonistas, Ana Teresa Pereira dá a conhecer uma realidade local.

⁴ Prémio Literário Edmundo Bettencourt (2010).

⁵ Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (2012).

⁶ GOMES, José António (1998), *Para uma História da Literatura para a Infância e a Juventude*, Lisboa, Instituto do Livro e das Bibliotecas.

Todavia, a sua escrita não se reduz à esfera regional, já que dialoga, em termos picturais, musicais, cinematográficos e literários com os registos globais⁷. Foram estes aspectos que nos levaram a querer entender melhor a produção literária de Ana Teresa Pereira destinada a um público juvenil, mas também anexada pelos *young adults*.

A dissertação encontra-se dividida em três capítulos. Num primeiro momento, problematizamos, de um modo geral e diacrónico, a escrita para a infância e a juventude, na Europa e em Portugal. No contexto nacional, abordaremos, também, o estatuto que essa literatura adquiriu depois do 25 de Abril⁸, os subgéneros literários e os temas abordados, quer as temáticas consolidadas, quer os novíssimos temas⁹.

É de referir que no campo da literatura para a infância, os álbuns narrativos e o conto infantil são as propostas com mais êxito junto do jovem leitor¹⁰. Porém, o texto poético, a literatura dramática e a banda desenhada começaram a ganhar outra visibilidade.

Os temas são múltiplos e diversos: o respeito pela natureza, a proteção dos animais, a questão da interculturalidade e o apelo a uma sociedade mais fraterna são, regra geral, recorrentes. Outros temas mais dissonantes, como a emigração, a discriminação, os conflitos familiares começam a surgir em força na primeira década do século XXI¹¹. Apesar dos vários livros publicados sobre a História de Portugal, existem poucas narrativas que referem a Guerra Colonial, a vida nas colónias africanas e a questão do retorno a Portugal. De facto, no que diz respeito a essas viagens no tempo, o mercado do livro tende, sobretudo, a tratar os episódios relacionados com a formação do reino.

No que diz respeito à produção literária para jovens leitores é nos anos 80 que surgem as coleções de narrativas de aventuras, em particular com o sucesso obtido pela dupla Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. Estas narrativas são protagonizadas por um grupo de pré-adolescentes e adolescentes e desdobram-se em torno do mistério, da aventura e da indagação. As personagens principais passam de obra para obra

⁷ *Idem, Ibidem.*

⁸ *Idem, Ibidem.* Para além do livro de José António Gomes, poder-se-á consultar BLOCQUEEL, Francesca (2001), *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade*, Lisboa, Editorial Caminho.

⁹ BALÇA, Ângela (2008), "Literatura Infantil Portuguesa – De temas emergentes a temas consolidados", in *e-f@bulações - Revista Electrónica de Literatura Infantil*, nº 2 (6). Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4650.pdf> [acedido a 12 de Fevereiro de 2016]

¹⁰ RAMOS, Ana Margarida (2011), "Uma década de produção literária para a infância (2000-2010)", in *Solta Palavra*, nº 17, Porto, Centro de Recursos e Investigação Sobre Literatuura para a infância e juventude, pp. 3-10.

¹¹ *Idem, Ibidem.*

obedecendo a certos princípios da *formula fiction*¹². Acrescem as novelas “cor-de-rosa”, os romances de fantasia e textos de maior ambição literária. Nos textos para leitores juvenis de teor mais realista, quer na novela, quer no romance, os livros de Ana Saldanha são uma referência no mercado editorial. Esta escritora tornou-se uma voz incontornável no panorama literário tendo obtido este ano o prémio Bissaya Barreto de Literatura para a Infância 2016. Relativamente às novelas cor-de-rosa, encontram-se, geralmente, orientadas para as raparigas, abordam preocupações dessas idades e tendem a seguir uma estrutura própria¹³. A literatura de ambiência fantástica era considerada um vetor menor em Portugal e tardou em chegar. Porém, alguns escritores portugueses como Pedro Ventura ou Filipe Faria estão, paulatinamente, a seguir os caminhos de uma literatura que no estrangeiro tem muito sucesso.

Num segundo momento, pretendemos entender a produção para a infância e a juventude na Madeira. A cultura infantil e juvenil evolui de acordo com questões históricas e sociais da Ilha. Foi o sistema educacional que aproximou os mais novos das atividades culturais. Inicialmente, este sistema estava ligado à religião e à moral, como acontecia também em Portugal continental. A imprensa regional teve, de igual modo, um papel essencial na vida cultural dos mais novos, reservando-lhes alguns espaços à semelhança, por exemplo, da primeira série do projeto *A Canoa*.

Como iniciámos a nossa investigação num campo por nós pouco conhecido, foi nossa intenção entender alguns contributos de autores e temas na literatura infantojuvenil da região. Na produção de receção juvenil, as questões ecológicas, o respeito pelos animais e a sensibilização para o multiculturalismo são, regra geral, muito explorados por autores afetos à Madeira. O mesmo acontece com a recolha de lendas ou o recurso a figuras do imaginário dos mais novos: as bruxas e os piratas, em particular¹⁴.

No campo da literatura juvenil, destacamos, por exemplo, os primeiros romances de aventuras em contexto familiar (com alguns livros de Maria do Carmo Rodrigues), a

¹² COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2011), "História da Literatura infanto-juvenil na Madeira: os primeiros passos de uma investigação", in *Revista Portuguesa de Educação Artística*, nº 1, Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais, pp. 79-89.

¹³ GOMES, José António (2006), "Literatura para a infância e a juventude e promoção da leitura", Disponível em http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/ot_litinf_promleit_a.pdf [acedido a 17 Setembro de 2015]. Poder-se-á também consultar o artigo de Ana Margarida Ramos anteriormente referido. Cf. RAMOS, Ana Margarida (2011), *op.cit.*

¹⁴ COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2015), “A Literatura Infantil e Juvenil de Ambientação Madeirense: Contributo para o Plano Regional de Leitura”, in VERÍSSIMO, Nelson; SANTOS, Thierry Proença (eds.), *Universidade da Madeira: 25 anos*, Funchal, Associação Académica da Universidade da Madeira, pp. 229-261.

recolha de lendas (com algumas propostas de José Viale Moutinho), a banda desenhada (com o António Fournier e com as novas propostas da Sétima Dimensão) e a escrita de aventuras, suspense e de indagação com os textos de Francisco Fernandes e de Ana Teresa Pereira.

Na última parte do nosso trabalho, problematizaremos algumas questões referentes à literatura juvenil: existe uma escrita específica para jovens? Qual a faixa etária a que se destina? A produção juvenil difere da produção dita institucional? O que poderá caracterizá-la?

Nesse capítulo, é nosso propósito estudar as nove narrativas de receção juvenil de Ana Teresa Pereira. Esses livros giram em torno das aventuras vividas por um grupo de jovens que desvendam mistérios e enigmas, nos períodos de férias escolares. A ação desenrola-se nos mais variados pontos do Arquipélago da Madeira¹⁵, dando a possibilidade ao leitor de descobrir a (sua) Ilha.

Enid Blyton foi uma das pioneiras no que diz respeito à escrita de narrativas de aventura e de série. Influenciada pela escritora inglesa, Ana Teresa Pereira apresenta um modelo narrativo muito semelhante aos livros "Os Cinco" e "Os Sete". Ana Teresa Pereira cresceu também com o universo ficcional de Richmal Crompton, a autora das peripécias de Just William. A infância é um período relevante na formação do indivíduo. No entender de Ana Teresa Pereira, os livros que lemos nessa fase da vida, assim como as histórias que ouvimos, influenciam-nos profundamente. A escritora parece ter transportado para as suas obras aspetos que marcaram a sua infância, sobretudo, os seus hábitos de leitura, como teremos a oportunidade de ver.

As aventuras da série "A Casa" começam sempre com o mesmo modelo narrativo. Num primeiro momento, dá-se a chegada de Mónica à Madeira. A jovem lisboeta vem passar uma temporada junto dos familiares; num segundo momento, juntamente com a tia e os primos, sai do Funchal. O objetivo é passarem uns dias (aparentemente) mais tranquilos. Num local afastado e isolado, as aventuras sucedem-se e seguem uma matriz específica: as personagens detetam uma situação insólita, investigam e, por fim, desvendam o mistério. Os textos têm, pois, um final feliz. *A Porta Secreta* desenrola-se em torno da mudança de casa e do recomeço de uma nova vida para Ema e os filhos (Sara e Miguel).

¹⁵ COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2011), *op. cit.*

À semelhança da série “A Casa”, *A Estalagem do Nevoeiro* inicia-se com a família (Hugo, Daniela e a mãe) a sair do Funchal. Pretendem passar uns dias numa Pousada situada no Paul da Serra. A ação vai desenrolar-se em torno dessa estalagem, cujo charme está em risco de ser destruído pelo sonho megalómano do Homem.

Como podemos constatar, a casa é um lugar central nas obras de Ana Teresa Pereira. Pode ser um espaço familiar ou um espaço envolto de mistério. Segundo a escritora: “No fundo de todos nós há a imagem de uma casa, que existiu, ou não, na nossa infância.”¹⁶ E é essa casa misteriosa, mas também acolhedora, que será necessário resguardar, como veremos mais adiante, pois salvaguardar o espírito do lugar – “l’esprit des lieux” – lugares autênticos, misteriosos e próximos da natureza, ancorados em memórias que respeitam a gramática do humano.

As aventuras, regra geral, cativam o jovem leitor. A indagação, o suspense e o mistério continuam a ser uma fórmula de sucesso no mercado editorial. Alguns textos de potencial receção juvenil apresentam famílias monoparentais, reconstruídas ou separadas pelas vicissitudes da vida. Ana Teresa Pereira recuperou estas problemáticas, mas não descarta a questão da educação dos jovens, defendendo a necessidade de fomentar a autonomia dos adolescentes. Estas características parecem fazer o sucesso da sua escrita. A escritora sugere, ainda, que o diálogo entre as gerações é profícuo. Nestas novelas, é possível, de facto, compreender, quer o mundo dos adultos, quer o mundo dos mais novos: a mãe está, igualmente, muito ocupada; os jovens protagonistas são, por isso, muito independentes. Porém, todos gostam de viajar, de conviver e de fazer novas descobertas.

As viagens que encetam mostram os vários cenários e realidades do Arquipélago da Madeira. A deslocação entre o Funchal e o lugar de destino permite uma valorização do património paisagístico insular e da identidade local. Com efeito, as várias paisagens da ilha, nomeadamente Porto Moniz, Porto Santo, Madalena do Mar, Jardim da Serra, Paul do Mar, e o Paul da Serra revelam aspectos culturais e históricos da Ilha, ricos e cambiantes.

Para além deste imaginário insular, as narrativas juvenis de Ana Teresa Pereira têm a particularidade de dialogar com várias artes: a literatura, a pintura, o cinema e a música. Estes diálogos intertextuais e interdisciplinares dão a conhecer figuras

¹⁶ PEREIRA, Ana Teresa (2011), "A Escada para o Sótão", in *Isleña*, nº 48, Jan./Jun., Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, p. 50.

marcantes de uma memória cultural global. Por conseguinte, a literatura para a juventude de Ana Teresa Pereira contribuiu para a formação do (jovem) leitor¹⁷.

Finalmente, o nosso trabalho apresenta uma bibliografia, subdividida em três secções: a primeira, sub-dividida em duas partes, contempla o *corpus* estudado e outras obras de Ana Teresa Pereira; a segunda está destinada às obras de referência; a webgrafia menciona alguns artigos consultados no decorrer da investigação.

¹⁷ AZEVEDO, Fernando (2007), *Formar Leitores: Das Teórias às Práticas*, Lisboa, Lidel.

É pois no século XVIII que podemos situar o aparecimento de uma literatura de feição pedagógica destinada aos mais jovens. Com efeito, é sobretudo neste século que se escrevem as primeiras versões portuguesas de obras relevantes na literatura estrangeira para os mais jovens e que surgem os primeiros trabalhos de autores portugueses com fins eminentemente educativos. Será, contudo, no século XIX que assistimos à verdadeira génese de uma literatura para a infância em Portugal. Regista-se um nítido crescendo de publicações destinadas a infância, tanto no que respeita a traduções (continuação da reedição de fábulas, por exemplo) como a obras portuguesas (...)

(José António Gomes)

Capítulo I – A escrita para a infância e a juventude – Problematização geral

1.1. Uma questão de legitimação

A Literatura para a infância e juventude despoletou várias questões relacionadas com o seu reconhecimento no mundo literário. Com efeito, segundo Rui Marques Veloso¹⁸, a literatura para a infância “até aos anos 70, foi frequentemente rejeitada, excluída mesmo do âmbito do conceito de literatura, porque era vista como um subproduto sofrível”.

Da mesma forma, Marc Soriano¹⁹ refere que foi recorrentemente desvalorizada e considerada “uma subliteratura da área da produção literária”. A própria designação, “literatura para crianças”, “literatura para crianças e jovens”, “literatura infantojuvenil” e “literatura de receção infantil e juvenil” levantou várias contendas. É, efetivamente, o que podemos observar no artigo de Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa Rodrigues²⁰ intitulado “Literatura para a infância em Portugal: conceptualização e contextualização histórica”, de 2007, nomeadamente quando afirma:

Foram vários os autores que se debruçam sobre o mundo da literatura infantojuvenil, (...) uma pesquisa nesse âmbito revela que certas discordâncias se prendem, desde logo, com a própria designação a ser utilizada quando se refere a esse universo literário.

Para Juan Cervera, a literatura para a infância encontra-se dividida em três grupos: a literatura recuperada, a literatura criada para as crianças e a literatura instrumentalizada. Com efeito, este estudioso²¹:

Entende por literatura recuperada todas as obras que eram, inicialmente, produzidas e dedicadas aos adultos, mas de que, por circunstâncias várias, as crianças também foram se apropriando. Nesse grupo, incluem-se as narrativas tradicionais de transmissão oral e o folclore da literatura para a infância. Já a literatura criada para as crianças compreende todas as produções que foram particularmente escritas para as crianças, pensando fundamentalmente nas suas especificidades. Finalmente, a literatura instrumentalizada diz respeito aos livros com maior finalidade didáctica

¹⁸ VELOSO, Rui Marques (1994), “Uma literatura de corpo inteiro”, in *A Obra de Aquilino Ribeiro para Crianças - Imaginário e Escrita*, coleção Mundo de Saberes 12, Porto, Porto Editora, p. 15.

¹⁹ Marc Soriano citado por VELOSO, Rui Marques (1994), *op. cit.*, p. 20.

²⁰ RODRIGUES, Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa (2007), “Literatura para a infância em Portugal: conceptualização e contextualização histórica”, in *Visão Global*, vol. 10, nº 2, Jul./Dez., Joaçaba, Unoesc, p. 163.

²¹ Juan Cervera citado por RODRIGUES, Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa (2007), *op. cit.*, p. 165.

em detrimento da literária, como servem de exemplos os dicionários, enciclopédias ou os livros de imagens.

Marc Soriano²² foi um dos primeiros estudiosos a tentar definir a literatura destinada aos mais novos. Salienta que é essencial um locutor, um destinatário e um contexto num espaço e num tempo definidos, tal como podemos constatar na seguinte citação:

A literatura para a juventude é uma comunicação histórica (quer dizer localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou um escritor adulto (emissor) e um destinatário criança (receptor) que, por definição, de algum modo, no decurso do período considerado, não dispões senão de forma parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afectivas e outras que caracterizam a idade adulta.

Em Portugal, muitos são os estudiosos que se debruçaram sobre esta questão. Os estudos de Esther de Lemos (*A Literatura para a Infância em Portugal*, 1972), Maria Laura Bettencourt Pires (*História da Literatura Infantil Portuguesa*, 1982), Natércia Rocha (*Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*, 1984), José António Gomes *Para Uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*, 1998), Ana Margarida Ramos (*Livros de Palmo e Meio – Reflexões sobre Literatura para a Infância*, 2007) são relevantes nestas matérias. Alice Gomes, reconhecida escritora para os mais novos, também deixará a sua opinião. De facto, esta autora²³ refere que:

(...) há quem defenda o conceito de que a literatura é só uma, e que os livros para crianças, com qualidade de escrita, se podem pôr a par dos livros que os adultos lêem. No entanto, para a criança, são necessárias características especiais que dizem respeito aos temas e às linguagens.

Nesta linha de pensamento, Henriette Bichonnier refere que literatura para crianças e a literatura dita institucional são duas realidades diferentes. Num sentido lato, na literatura institucional, o escritor não pretende agradar a um leitor específico. Referente à criança, no mesmo artigo, Bichonnier²⁴ alude que:

²² Marc Soriano citado por VELOSO, Rui Marques (1994), *op. cit.*, p. 22.

²³ Alice Gomes citado por RODRIGUES, Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa (2007), *op. cit.*, p. 164.

²⁴ Henriette Bichonnier citado por BASTOS, Glória (1999), *Literatura Infantil e Juvenil*, Lisboa, Universidade Aberta, p. 23.

(...) a estratégia é forçosamente muito diferente, uma vez que nos dirigimos a um público preciso (...) Acrescentar “para crianças” à palavra literatura acaba, de certa maneira, por evocar um outro género literário, uma outra forma de escrita, adaptada a um público.

Como podemos constatar a literatura infantil é um conceito controverso, visto que cada autor tem, por vezes, uma opinião diferente. O certo é que o adjetivo infantil levou a que muitos estudiosos caracterizassem essa literatura como uma literatura menor. Hoje em dia, a depreciação já não vigora. Todavia, até essa mudança de paradigma, o processo foi lento e gradual.

1.2. A literatura infantojuvenil na Europa e em Portugal – Breve panorâmica

As transformações sociais, económicas, políticas, ideológicas e culturais, durante os séculos XVI e XVII, permitiram que a literatura para a infância começasse a ter outro alcance. Até então, o público leitor era limitado ao clero e à nobreza de toga. Para além do mais, os contadores de histórias divulgavam a cultura através da oralidade e esta produção era dirigida, quer para as crianças, quer para os adultos. Efetivamente, nessa época, marcada pela transição do texto oral para o texto escrito, não havia diferença entre os textos para crianças e os textos para adultos. Não podemos esquecer que a criança era considerada um adulto em miniatura, tal como é salientado por Esther Lemos²⁵:

A criança era considerada um adulto em miniatura, pertencente a um grupo – público leitor – constituído, ainda e na sua maioria, por adultos de reduzida instrução. Por isso, não se fez sentir a necessidade de estabelecer uma diferença entre temas para adultos e outros para crianças. A criança tinha acesso aos mesmos textos disponibilizados aos adultos, uma vez que se considerava que se o adulto fosse capaz de compreender em texto, a criança, como adulto em ponto pequeno, também deveria ter essa capacidade.

No século XVII e em particular no século XVIII, ou Século das Luzes, assistimos, na Europa, a uma mudança de pensamentos e de paradigmas. Intelectuais como Kant, Diderot, Montesquieu, Condorcet, Voltaire ou Rousseau acreditavam nas potencialidades da educação e no progresso. Essas alterações que afetam questões do

²⁵ Esther Lemos citado por RODRIGUES, Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa (2007), *op. cit.*, p. 170.

estado, da igreja e da sociedade vão, também, interferir no modo como se entende a criança e os artefactos que lhe são destinados. Nessa época, a igreja controlava a educação, mas os intelectuais não concordavam com essa situação visto que a igreja continuava a propor uma filosofia arcaica. Por esta razão, a educação devia sofrer alterações, cada um deveria pensar por si próprio, tornando-se, pois, como solícita Kant “um pensador independente”²⁶.

Se no século XVII alguns autores se destacaram, como aconteceu com La Fontaine e as suas *Fábulas* ou, ainda com Charles Perrault e os seus *Contes de Ma Mère L'Oye*, no século XVIII, a literatura para a infância teve um crescimento ainda mais visível. Na Inglaterra, *Robinson Crusóe* de David Defoe e *Gulliver Travels* de Jonathan Swift foram determinantes. No final do século e início do século XIX, na Alemanha as *Kinder-und Hausmärchen* de Wilhem e Jakob Grimm, entre outras obras, persistem até os nossos dias e foram também relevantes no âmbito de textos destinados aos mais novos. Não podemos esquecer que a propagação da imprensa foi importante porque através dela foi possível assistir a um aumento do número de leitores.

No século XIX, as coleções de contos tradicionais para os mais novos teve um grande desenvolvimento, nomeadamente através da publicação de adaptações de textos já existentes. De qualquer forma, foi neste século que a literatura para crianças ganhou algum destaque. Como se pretendia transmitir valores e a cultura popular, os livros que eram para os adultos passaram a ser usados para as crianças, principalmente os exemplários e as fábulas.

Em Portugal, a literatura infantojuvenil também sofreu algumas alterações. De facto, se o Iluminismo muito contribuiu para alterar as mentalidades da época, a geração de 70, no século XIX, foi um factor determinante. Até então, nas obras destinadas às crianças, tal como refere José António Gomes²⁷ estava:

ausente a tentativa de ir ao encontro da verdadeira natureza e interesses do público infantil. Sem uma real intenção estética, tais produções destinam-se muito menos a proporcionar prazer aos leitores do que a ensinar e educar em função de determinados valores adultos.

²⁶ PIRES, Maria Laura Bettencourt (2006), *Teorias da Cultura*, Lisboa, Universidade Católica Editora, p. 41.

²⁷ GOMES, José António (1998), *op. cit.*, p. 12.

A literatura para a infância portuguesa estava interligada com a escola. As primeiras obras criadas para as crianças foram de carácter pedagógico e tinham como intuito transmitir saberes. O livro era um método para educar e instruir e não para divertir o jovem leitor. Os contos tradicionais, de transmissão oral, os relatos de viagens (narrando as aventuras e descobertas de novos mundos), as fábulas, os exemplários, os catecismos, o teatro infantil e a literatura de cordel eram as formas que os mais novos tinham de entrar em contacto com a literatura.

A literatura tradicional transmitida pela oralidade é aquela que é contada pela população, de geração em geração. Sobre esta questão Esther Lemos²⁸ dir-nos-á que: “os contos tradicionais que, desde sempre, tinham servido para adormecer ou entreter as crianças, passaram a ser os pioneiros da literatura para a infância em Portugal (...).

É notória a influência estrangeira, sobretudo os *Kinder-und Hausmarchen* (*Contos para a infância e para o lar*) de Wilhelm e Jakob Grimm republicados há pouco tempo pela editora Temas & Debates. O gosto pelos contos maravilhosos bem como pelo repertório nacional levou a que muitos escritores portugueses recolhessem (e continuem a recolher) textos da tradição oral.

De facto, Almeida Garrett com o *Romanceiro* (1843) e com *Contos e Fábulas* (1853) pretendem conservar o património tradicional que, ainda hoje, pode ser lido por públicos de faixas etárias diferentes. Em todo o caso, desde a época romântica, os autores, preocupados com o devir do homem, refletem sobre a questão da educação do património e da identidade, como parece comprovar a recolha de Alexandre Herculano, nomeadamente *Lendas e Narrativas*.

Esta sensibilidade para com os mais novos será também notória na segunda metade do século, nomeadamente com o contributo dos intelectuais da geração de 70. Em Portugal, vários escritores e intelectuais determinaram novos modelos literários e novas ideias vindas da Europa Ocidental, nomeadamente, dos pedagogos John Locke, Jean-Jacques Rousseau e de Johann Heinrich Pestalozzi. Com o habitual atraso em relação à Europa, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Antero Quental, Ramalho Ortigão, entre outros, pretendem efetivamente mudar a situação.

²⁸ LEMOS, Esther citado por RODRIGUES, Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa (2007), *op. cit.*, p. 171.

Guerra Junqueiro publica *Contos para a Infância* (1875), o poemeto *Tragédia Infantil* (1878) e traduz, ainda, os contos de Hans Christian Andersen. Os contos populares também se destacaram com Teófilo de Braga e Francisco Adolfo Coelho. João de Deus publicou *Cartilha Matinal* (1876). Este livro marcou uma nova forma de ensinar as crianças a ler.

Ainda hoje muitos desses textos são republicados na coleção “Educação Literária”. *O Castelo de Faria e Outras Narrativas*, de Alexandre Herculano, destinados aos alunos do 7º ano e *A Abóbada* para alunos do 8º ano e do 11º ano vieram recentemente a lume. *Contos Populares Portugueses*, de Adolfo Coelho, destinados a alunos do 2º ano, *Contos Tradicionais do Povo Português* (uma seleção), de Teófilo Braga, para alunos do 7º ano foram também republicados. Ramalho Ortigão destaca-se, em particular, com o conto “Do Natal e das festas das crianças”, de 1881, mas (ainda) não foi reeditado.

A geração de 70 teve pois um papel muito relevante para a literatura portuguesa para a infância e a educação. Com ela veio uma grande evolução e como sublinham José António Gomes, Ana Margarida Ramos e Sara Reis da Silva²⁹:

(...) na sequência da pioneira geração de 70 (...) alguns escritores revelados nas décadas que se seguiram à revolução republicana deram contributos decisivos para que possamos encarar tal período [a viragem do século XIX para o século XX] como uma época de ouro na literatura portuguesa de recepção infantil.

Nesta época, é notória uma maior preocupação relativamente à qualidade e a adequação de obras para as crianças. A criança começa a ser analisada, por muitas ciências, principalmente pela Psicologia. Procura-se, assim, responder às necessidades e satisfazer os interesses dos mais novos. Os autores começam a escrever com moldes mais idênticos aos atuais.

Em Portugal, nos finais do século XIX e início do século XX, verificaram-se, de facto, alterações a nível cultural e político que acabaram por afetar o setor da educação, que, por sua vez, atinge a literatura para a infância. Nesta fase, aparecem incentivos culturais principalmente com a propaganda republicana e com a

²⁹ GOMES, José António; RAMOS, Ana Margarida; SILVA, Sara Reis da (2007), “Produção Canonizada na Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude (século XX)”, in GOMES, José António; ROIG RECHOU, Blanca - Ana (coord.) *Grandes Autores para Pequenos Leitores. Literatura para a Infância e a Juventude: Elementos para a Construção de um Cânone*, Porto, Deriva Editores, p. 13.

revolução pedagógica o que vai provocar uma alteração de atitudes relativamente à infância. É notório o aumento de criação de livros dedicados às crianças, especialmente as fábulas e as obras ditas tradicionais.

Assim, nos finais do século XIX surgem as primeiras revistas infantis, que, de acordo com Maria Laura Bettencourt Pires³⁰, aparecem:

(...) devido ao desenvolvimento das técnicas de impressão e ao aumento do público leitor (...) o interesse destas revistas, herdeiras dos populares almanaques, reside sobretudo em terem sido as precursoras das inúmeras publicações que viriam a surgir no século XX.

É nesse final de século, também, que se entra na área do teatro infantil com peças de Maria Rita Chiappe Cadet denominadas “A Mascara Infantil e O Primeiro Baile”. Estas peças de teatro vieram a lume entre 1883 e 1885.

É no começo do século XX que, para combater o analfabetismo, surgem em Portugal livros de carácter formativo e pedagógico. Compreender-se-á, então, que apareçam vultos incontornáveis, como Maria Amália Vaz de Carvalho e José Francisco Trindade Coelho. A primeira deixa-nos, por exemplo, o ensaio *Mulheres e crianças: notas sobre educação* (1880) ou ainda alguns contos a exemplo de *Contos para os nossos filhos* (1886), em coautoria com Gonçalves Crespo e que são traduções de textos de Grimm. Trindade Coelho deixa-nos, por exemplo, *O Primeiro Livro de Leitura* (1903), *Segundo Livro de Leitura* (1904) e *Terceiro Livro de Leitura* (1905). O livro *Os Meus Amores*, que publicou em 1891, volta agora a ser reeditado. Goza de um sucesso notório e está também numa versão *e-book*.

Na esfera feminina, Ana de Castro Osório e Virgínia de Castro e Almeida muito contribuíram para a criação de hábitos de leitura com obras de qualidade. Ana Castro Osório, conhecida pela sua luta em prol da igualdade de direitos entre homens e mulheres, deixou-nos algumas obras relevantes sobre esta questão. Para além de *A Educação da Criança e da Mulher*, destacamos *Contos Tradicionais Portugueses*, *Contos de Grimm* (tradução do alemão). *A comédia da Lili* (1903) e *O príncipe das Maças de Ouro* (1935) no que diz respeito ao teatro infantil. Sobre os contos de Ana Castro de Osório, Esther Lemos³¹ diz-nos que enveredam

³⁰ PIRES, Maria Laura Bettencourt (1983), *História da Literatura Infantil Portuguesa*, Lisboa, Vega, p. 86.

³¹ LEMOS, Esther de (1972), *A Literatura Infantil em Portugal*, Lisboa, Ministério da Educação Nacional, p. 20.

“decididamente pelo caminho da educação cívica e patriótica imposto pelos novos ideais”.

Virgínia de Castro e Almeida começa por publicar *A Fada Tentadora* (1895), patrocinado por Maria Amália Vaz de Carvalho, dirigiu a coleção “Biblioteca para os Meus Filhos”, publicou *Como devemos criar e educar os nossos filhos* (1908), traduziu e divulgou em Portugal obras de Dickens e de Cervantes, por exemplo, e deixa-nos *História de Dona Redonda e da sua Gente* (1942), *Aventuras de Dona Redonda* (1943) ou, ainda, *Céu Aberto* (1907).

As mudanças culturais afetam os modos de vida da população. Os hábitos de leitura na família também se alteram. Há uma quebra nos livros para os adultos, mas o livro para as crianças passa a ganhar relevo. Assim, assistimos a uma nova perspectiva de se encarar a literatura para a infância.

Segundo Maria Laura Bettencourt Pires³², essa literatura “[...] adquiriu a sua dimensão própria e deve ter como fim estimular a imaginação, desenvolver o sentido de humor, encorajar o gosto pela literatura em geral e alargar a compreensão de outras raças e países.” Para tal, a educação de infância passou a ter um papel mais marcante. Nesta primeira metade do século, era importante formar as crianças que podiam garantir a continuação dos ideais que se iniciaram no século das luzes.

Os ideais republicanos influenciaram a escrita e a mentalidade desse período. Efetivamente, a criança passou a ter um valor diferente. Com a instauração da República, em 1910, surgiram novas medidas, entre elas a do ensino primário obrigatório e gratuito. Da mesma forma, a literatura para os mais novos acompanha essas mudanças.

Assim, a literatura para crianças, nos primeiros decénios do século XX, caracteriza-se por duas perspectivas: por um lado, surgem trabalhos originais e de qualidade, por outro, continua-se a publicar adaptações de contos tradicionais. Até à referida época a produção portuguesa era muito escassa, os autores portugueses, na maioria das vezes, limitavam-se a traduzir e a adaptar obras estrangeiras.

Segundo Francesca Blockeel³³, o início de século caracteriza-se por um impulso nacionalista e pelo desejo de progresso. Estas características fizeram com

³² Maria Laura Bettencourt Pires citado por RODRIGUES, Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa (2007), *op. cit.*, p. 174.

³³ BLOCKEEL, Francesca (2001), *op. cit.*, p. 40.

que a literatura infantojuvenil portuguesa estivesse incutida num novo espírito, conforme refere Esther Lemos³⁴ ao afirmar: “urgia despertar nos espíritos o sentimento cívico, que substituísse velhas ideias de fidelidade e obediência e desse a cada cidadão a consciência da responsabilidade de que lhe incumbia no progresso do seu País.”

No início do século XX, existem muitas obras patrióticas, republicanas e de instrução. Em Portugal, como já foi referido, delineavam-se outros movimentos ligados aos valores e a tradição do país, nomeadamente, movimentações de índole nacionalista. Talvez por isso, os autores portugueses quando escreviam para os mais novos já não tinham como intuito apelar ao imaginário e divertir o leitor mas antes ensinar os fundamentos da cultura oficial. Assim, existe, também, uma linha destinada aos mais novos que se baseia em dar a conhecer a História de Portugal. Os criadores procuram então dar a conhecer a realidade pretérita do País. De facto, através das (re)edições de *Os Lusíadas* (1572) ou de a “Nau Catrineta” (1703) os escritores procuram valorizar os efeitos gloriosos de um povo.

Após a Primeira Grande Guerra, a literatura infantil ganhou notoriedade. Alguns escritores motivaram-se e apostam na escrita para os mais novos. Assim, surge António Sérgio com várias obras, entre as quais, destacamos: *Na Terra e no Mar* (1924), *Contos Gregos* (1925), *A Dança dos Meses* (1927).

Aquilino Ribeiro, destacou-se como sendo o “clássico” da literatura para a infância. Publicou, em 1924, *Romance da Raposa*. Esta obra foi importante para literatura infantil, pois, “veio quebrar a tradição que até então prevalecia nos textos destinados aos mais novos.”³⁵

Na década de trinta verifica-se que a produção de obras para a infância foi relevante. Neste período, Francesca Blockeel³⁶ refere que “(...) sobre a literatura infantojuvenil concorda-se que se verificou um *período de ouro* no início do século, que conheceu um auge por volta de 1930 para terminar definitivamente na década a seguir.”

Os grandes nomes desta produção para crianças são, como já referido, Ana de Castro Osório e Virgínia de Castro e Almeida, mas também Afonso Lopes Vieira, António Sérgio, Jaime Cortesão e Aquilino Ribeiro, por exemplo.

³⁴ LEMOS, Esther de (1972), *op. cit.*, p. 19.

³⁵ RODRIGUES, Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa (2007), *op. cit.*, p. 176.

³⁶ BLOCKEEL, Francesca (2001), *op. cit.*, p. 37.

Em *Romance das Ilhas Encantadas* (1926) Jaime Cortesão mistura história e lenda. Veja-se que este livro recomendado, atualmente, pelo Plano Nacional de Leitura, o autor também não descarta a referência ao espaço Insular, podendo o leitor acompanhar os mitos e as lendas locais. Por sua vez, Aquilino Ribeiro com o *Romance da Raposa* (1924), escreve de forma original, com ironia e humor e, ainda, numa linguagem cuidada.

Nesta época, a imprensa infantil teve um grande crescimento como refere Natércia Rocha e José António Gomes³⁷:

O reconhecimento da criança como consumidor de livros explica o incremento da imprensa infantil. De facto essa época dourada da literatura infanto-juvenil foi também excepcionalmente rica em jornais, revistas ou suplementos infantis, em que colaboraram muitos autores e artistas defensores da literatura de qualidade.

Até então, já existiam muitos suplementos em jornais como é o caso do “Notícias Miudinho” (1924-1928), do *Diário de Notícias*, de “Pim-Pam-Pum” (1925-1927 reaparecendo anos mais tarde), do jornal *O Século*, do “Correio dos Pequenininhos” (1926) do *Correio da Manhã* e do “Comércio Infantil” (1928), que pertence ao *Comércio do Porto*. Surgem novos títulos destinados aos mais novos, entre eles está *O Sr. Doutor* (1934), *O Papagaio* (1935) e por fim, *O Mosquito* (1936).

Porém, com o Estado Novo vem a reforma do ensino, que diminuiu os anos de escolaridade obrigatória para três anos. Desta situação resulta um impacto nos hábitos de leitura, visto que uma criança não ganha nem o gosto nem o hábito da leitura. Uma situação que as últimas décadas do século, naturalmente depois do 25 de Abril, se tenta contrariar.

Sublinhe-se, todavia, que entre as Grandes Guerras surge um leque de escritores para a infância que se vão destacar. De facto, a qualidade literária e o interesse narrativo das obras de Adolfo Simões Muller, Fernando de Castro, Sophia de Mello Breyner Andresen, Ilse Losa, Matilde Rosa Araújo e Ricardo Alberty foram, e continuam a ser, vozes referidas junto dos mais jovens. São, efetivamente, vultos relevantes que escrevem para as crianças nos finais dos anos 50. Não podemos descurar outros nomes como o de Irene Lisboa, Maria Isabel Mendonça Soares, Patrícia Joyce,

³⁷ Natércia Rocha e José António Gomes citado por BLOCKEEL, Francesca (2001), *op. cit.*, p. 43.

Maria Cecília Correia, Alice Gomes, Alves Redol, entre outros. Vieram, também eles, contribuir para que esta literatura não seja uma “literatura menor”.

No entanto, outros dados são de considerar. O serviço das Bibliotecas Gulbenkian, nomeadamente, a invenção da rede deambulante (1958) e as bibliotecas fixas (1961) foram passos muito importantes para que a criança (e não só) entrasse em contacto com os livros. Em 1964, o ensino obrigatório passou a ser de seis anos. Isto leva a um acréscimo do número de estudantes e, conseqüentemente, ao aumento de material de leitura, e à diminuição do analfabetismo no país. Acresce a esta mudança, a valorização da ilustração³⁸.

De 1970 a 1974 vão surgir novos nomes, como acontece com a Madalena Gomes, Mário Castrim, Maria Alberta Menéres, António Torrado, Alice Gomes, Luísa Dacosta e Isabel da Nóbrega.

Com o 25 de Abril de 1974, vieram novas transformações políticas, culturais e socioeconómicas. Segundo José António Gomes³⁹:

(...) o fim da censura, a livre expressão e circulação de ideias e a abertura de Portugal o exterior favoreceram o aparecimento de iniciativas ligadas à reflexão sobre o mundo da criança, a par de uma certa renovação no domínio da literatura que lhe é destinada – a qual resulta da possibilidade de escrever e publicar num clima de liberdade.

Compreender-se-á então que os anos seguintes sejam tempos de grande produção e legitimação.

1.3. O boom da produção literária para a infância

A literatura infantojuvenil adquiriu um estatuto relevante depois do 25 de Abril e várias iniciativas contribuíram para essa mudança. Entre essas iniciativas está a introdução do estudo da literatura infantil e juvenil no ensino superior, quer para os professores, quer para os educadores.

Segundo João David Pinto Correia⁴⁰, a literatura infantojuvenil começou a ser estudada, por exemplo, na Faculdade de Letras de Lisboa. Começou por fazer parte

³⁸ Para mais informação, consultar o estudo de RAMOS, Ana Margarida (2011), *op. cit.*

³⁹ José António Gomes citado por BLOCKEEL, Francesca (2001), *op. cit.*, p. 177.

⁴⁰ CORREIA, João David Pinto (1978), *Literatura Juvenil/Paraliteratura*, Lisboa, Livro Novidades Pedagógicas, p. 7.

da disciplina de Literaturas Marginais e Mass-Media. Isto significa, ainda, uma certa relutância no ensino e aprendizagem destas matérias.

Mas, paulatinamente, a situação mudou. O aumento de divulgação desta área por meio de seminários, exposições, encontro entre escritores, professores, pedagogos e especialistas, bem como a realização de ações de formação e de colóquios vieram contribuir para o reconhecimento da literatura infantojuvenil.

Outras iniciativas são de ter em consideração: o aumento e a renovação de muitas bibliotecas; a projeção de uma Rede Nacional de Bibliotecas de Leitura Pública; o contributo das revistas literárias como *Vértice*, *Malasartes* (revista destinada à crítica e à difusão das obras infantis e juvenis) e *Colóquio/Letras* têm um espaço destinado à literatura infantojuvenil; o surgimento de vários prémios e a publicação de volumes como *História da Literatura Infantil* de Maria Laura Bettencourt Pires em 1983 e em 1984 *Breve História da Literatura para crianças em Portugal* de Natércia Rocha. De facto, todos estes fatores vêm contribuir para uma valorização destes artefactos destinados a um público mais jovem.

Por isso, segundo Glória Bastos⁴¹, os anos 80 são “considerados como um novo período de “ouro” – nos parâmetros de qualidade e de quantidade”. Nesta década, há um aumento no campo editorial, não só no volume das edições, mas também no que diz respeito ao surgimento de novos autores. Nesta altura, aparecem muitas iniciativas que promovem a importância do livro para a infância. Várias instituições tiveram a iniciativa de instituir múltiplos prémios: o prémio “O Ambiente na Literatura Infantil” (1976), da Secretaria de Estado do Ambiente; o “Prémio de Teatro Infantil” (1978), da Secretária de Estado e da Cultura e o “Prémio Calouste Gulbenkian” (1980), que junta o prémio de ilustração e tradução. Em Portugal nos anos 80, existe, assim, uma aposta na área da literatura infantojuvenil.

No que diz respeito à produção infantil, existem várias possibilidades. A título de exemplo, poder-se-á contar com a literatura tradicional de transmissão oral. Muitos autores reescreveram, recriaram e adaptaram esse património. Os contos tradicionais do escritor francês Charles Perrault, os de Jacob e Wilhelm Grimm, na Alemanha, e os de Ana de Castro Osório, em Portugal, continuam a ser publicados. O público pode ainda contar com obras de ficção narrativas extensas, alicerçadas no humor, na aventura e no fantástico. *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, *Peter Pan*, de James M.

⁴¹ BASTOS, Glória (1999), *op. cit.*, p. 46.

Barrie, ou *Romance da Raposa*, de Aquilino Ribeiro, são narrativas que fazem parte de leituras recomendadas, à semelhança de obras anexadas como as fábulas de La Fontaine, *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift e *Ulisses*, de Maria Alberta Menéres.

Nos livros infantojuvenis, são abordados temas que, até então, não eram tratados, como acontece com a emigração, a pobreza, o antes e o depois de 25 de Abril, a discriminação racial, as diferenças sociais, os conflitos familiares, o divórcio e suas consequências. A título de exemplo, Alice Vieira, ao publicar, em 1979, a obra *Rosa Minha Irmã Rosa*, foi relevante para a divulgação de alguns desses temas mais dissonantes junto dos mais jovens.

Após o 25 de Abril, a publicação aumenta. Muitos autores publicam livros infantis sem terem antes escrito para este público, como acontece com Eugénio de Andrade, Lídia Jorge, Mário Cláudio, António Lobo Antunes, entre outros. A estes juntam-se os que já escreviam anteriormente para um público mais jovem como a Alice Gomes, Esther Lemos, Ilse Losa, Adolfo Simões Müller, Matilde Rosa Araújo, Sophia Andresen entre outros. Há pois um crescimento notável no número de escritores para a infância, como sublinha José António Gomes em *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*.

Atualmente, Maria Alberta Menéres, Luísa Ducla Soares, António Torrado, Alice Vieira, Manuel António Pina, Ana Maria Magalhães & Isabel Alçada, Carlos Correia, Álvaro Magalhães, José Jorge Letria, António Mota, Maria Teresa Maia Gonzalez, Ana Saldanha, Alexandre Honrado e Maria do Rosário Pedreira são autores incontornáveis junto de um público infantil e juvenil.

Ana Margarida Ramos, no estudo intitulado "Uma década de produção literária para a infância (2000 - 2010)", fez uma análise geral da produção literária infantil em Portugal, na primeira década do século XXI, destacando os principais géneros, autores e linhas temáticas.

Em Portugal, é notório um aumento na produção de obras para a infância. Segundo a ensaísta, o desenvolvimento tecnológico, que deu lugar a uma melhor qualidade gráfica nos livros, o aumento de bibliotecas escolares e públicas, o crescimento do número de editoras direcionadas para a infância e a implementação do Plano Nacional de Leitura contribuíram para esta situação.

De facto, o aumento do número de editoras, desde as pequenas e média editoras, como o "Planta Tangerina" e "Gatafunho", até às grandes editoras, como, por exemplo,

a Editorial Presença, Dom Quixote, Livros Horizonte, Caminho e a Porto Editora, tem um papel fulcral no aumento de artefactos para os mais jovens. É de salientar que as editoras estrangeiras, como a casa galega Kalaudraka e galega OQO, investiram em Portugal, nesta vertente literária. Da mesma forma, o Plano Nacional de Leitura possibilita que pais, educadores e bibliotecários se preocupem com a leitura dos jovens recetores e lhes proporcionem livros de qualidade, adequados a cada faixa etária.

Segundo Ana Margarida Ramos, os géneros mais publicados são as narrativas: por um lado, destacam-se para a infância os contos, as coletâneas e o álbum; por outro, a novela e o romance estão mais de acordo com um público juvenil.

No conto infantil, destacam-se, de facto, Rita Taborda Duarte e David Machado. Rita Taborda Duarte tematiza o universo infantil, dando especial atenção ao contexto familiar recorrendo ao “humor e pelo questionamento de estereótipos e de expectativas”⁴². David Machado combina a realidade com a fantasia (explorando o maravilhoso e os sonhos. *O Tubarão na Banheira* (2009) levou a que David Machado fosse distinguido, em 2009, com o Prémio Sociedade Portuguesa de Autores (SPA)

Afonso Cruz, através da interrogação reflexiva desafia o leitor a envolver-se na leitura. Margarida Ramos⁴³ reconhece-lhe “(...) qualidade de escrita que interroga universos reconhecidos e propõe o seu questionamento, desafiando o leitor a sair da sua zona de conforto e a embarcar numa leitura que é, também uma aventura pela linguagem”. A título de exemplo temos *Assim, Mas Sem Ser Assim* (2013) e *A Contradição Humana* (2010), e sobretudo, *Os Livros que Devoraram o Meu Pai* e *A Estranha e Mágica Aventura de Vivaldo Bonfim* (2010). Trata-se, efetivamente, de um livro que incentiva à leitura e à viagem com os livros.

O álbum narrativo, na Europa, teve o seu *boom* por volta de 1960 e 1970, com Leo Leoni, Maurice Sendak, Mercer Mayer. Em Portugal, os primeiros álbuns narrativos começam a aparecer no final da década de 80 e na de 90. Segundo Ana Margarida Ramos⁴⁴, o álbum narrativo é “definido por elementos paratextuais como o formato, o reduzido número de páginas, a impressão em policromia e, principalmente, a conjugação sinérgica entre texto e imagem (...)”.

No livro destinado às crianças, deparamo-nos com duas vertentes literárias: a ilustração e o texto. A ilustração pode ter vários fins. Pode ser utilizada para explicar,

⁴² RAMOS, Ana Margarida (2011), *op. cit.*, p. 5.

⁴³ *Idem, Ibidem*, p. 5.

⁴⁴ *Idem, Ibidem*, p. 6.

auxiliar, adicionar ou decifrar uma informação. Além disso, pode resumir, complementar ou apenas ornamentar o texto. Pode, ainda, ser observada como uma narrativa autónoma. O crítico Luís Camargo⁴⁵ refere que a ilustração tem como intuito:

transformar palavras em linhas, formas, cores, personagens, lugares, objetos etc., ou seja, traduzir o texto para a linguagem visual. Esse conceito é útil, mas é insuficiente. (...) Toda imagem diz alguma coisa, por si mesma. Por isso, não se pode reduzir o sentido da ilustração a uma espécie de tradução do texto, nem reduzir o significado da imagem à identificação do ser que a imagem representa. Por outro lado, os significados do texto se projetam sobre a imagem, assim como os significados da imagem se projetam sobre o texto.

A ilustração ocupa, pois, um espaço notável das páginas e expande-se na capa, na contracapa, nas fichas técnicas e nas folhas de rosto.

Mais do que nunca, os ilustradores têm um papel fundamental. Numa sociedade em que a imagem é fulcral, a linguagem icónica vem, então, cativar o público mais novo. O álbum é um elemento que cativa o jovem leitor e este pode disfrutar, de uma forma autónoma, dos seus livros. Para além do mais, o álbum proporciona o desenvolvimento de capacidades como a “capacidade de observação, associação de ideias, leitura de implícitos, antecipação de possibilidades, confirmação de interpretações”, conforme refere Ana Margarida Ramos⁴⁶. A conjugação de texto e imagem é essencial. Acaba por ser fundamental a cooperação entre o escritor e o ilustrador para, juntos, criarem um álbum de qualidade.

Temos, de facto, ilustradores de grande valor, como Marta Torrão, Manuela Bacelar, Leonor Praça, Cristina Malaquias. Além destes, surgem novas propostas com Henrique Cavatte, Cristina Valadas, João Caetano, André Letria, Alain Corbel, Danuta Wojeieehowska, Gémeo Luís ou Teresa Lima. João Vaz de Carvalho e João Miguel Ribeiro são ainda dois nomes com trabalhos de qualidade na arte de ilustrar um livro de receção infantil. Por isso, o álbum tem vindo a ganhar relevo no campo editorial. Trata-se de um formato que tem uma capacidade de cativar vários leitores e oferece ao público vários tipo de leituras.

⁴⁵ CAMARGO, Luís (s/d), “Uma conversa sobre ilustração por Luís Camargo”, entrevistado por Frieda com a participação especial de Angela Lago, Candú Marques, Flávia Ramos, Gláucia de Souza, Karla Maldonado, Paula Mastroberti, Ricardo Azevedo e Silvia Oberg. Disponível em http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=61:uma-conversa-sobre-ilustracao&catid=39:artes-plasticas&Itemid=61[acedido a 13 de Novembro de 2015]

⁴⁶ RAMOS, Ana Margarida (2011), *op. cit.*, p. 6.

Na poesia portuguesa recuperam-se vultos incontornáveis, quer do século XIX, quer do século XX. A título de exemplo, Antero de Quental e Fernando Pessoa são “adaptados” a um público mais jovem.

O texto poético, na primeira década do século XXI, ganha outra valorização, apesar de ainda não ter o alcance da narrativa. A título de exemplo as coletâneas de Matilde Rosa, Álvaro Magalhães, José Jorge Letria, Luísa Ducla Soares e Manuel António Pina muito têm contribuído para essa situação.

Os jogos com as palavras, os ritmos, os sons e a musicalidade da língua têm atraído o (jovem) público. Foram surgindo novos autores, como João Pedro Mésseder, Nuno Higino e João Manuel Ribeiro. A poesia de João Pedro Mésseder parecer aliar humanidade e natureza, nomeadamente, em *Versos com Reversos* (2001), *Guardador de Árvores* (2009) e *Gatos, Lagartos e Outros Poemas* (2012). Os textos poéticos *O Menino que namorava paisagens e outros poemas* (2001) e *Versos Diversos* (2008), de Nuno Higino, estabelecem um vínculo com a família, os brinquedos ou os animais. João Manuel Ribeiro, em *Rondel de Rimas para Meninos e Meninas* (2008) e *Sopa de Letras* (2010), propõe a utilização de canções, quadras, trava-línguas, rimas, jogos de palavras e lengalengas.

Entre 2000 e 2010, as mudanças na escrita literária apontam para temas ligados a sociedade contemporânea. Assim, na literatura para a infância estão presentes temas como o multiculturalismo, a xenofobia, a guerra, a morte, a sexualidade, o racismo, o sofrimento, a violência, problemas ambientais e a ecologia e questões políticas. Sara Monteiro envereda por temas mais fraturantes, nomeadamente em *O Príncipe Perfeito* (2002) e *A Princesa Que Queria ser Rei* (2007).

No entanto, através de adaptações e de versões, mantem-se a reescrita da tradição oral. Assim, o público mais novo continua em contacto com António Torrado, Alice Vieira, Luísa Ducla Soares e António Mota.

A literatura dramática teve, antes do 25 de Abril, algumas produções. Destacamos a produção de Maria Isabel Soares: *Uma Gralha entre os Pavões* e *Al-Godão e Al-Godinho* (1973).

Após 1974, são publicadas várias peças de teatro. Destacam-se Alice Vieira (*Leandro, Rei da Helíria*, em 1991); Maria Alberta Menéres (*O Que é que Aconteceu na Terra dos Procópios?*, em 1980 e *À Beira do Lago dos Encanto*, em 1988); Maria Rosa Colaço (*O Pássaro Branco*, reeditado em 2007); Norberto Ávila (*As Histórias de Hakim*, 2ª ed. em 1978); António Torrado (publica entre 1995 e 2003 a coletânea *Teatro*

às *Três Pancadas*); José Vaz (*Ilha Mágica*, em 1989); Manuel António Pina (*Os Dois Ladrões*, 1986); Álvaro Magalhães (*Enquanto a Cidade Dorme*, 2004) e João Paulo Seara Cardoso (*Polegarzinho*, 2002).

Por fim, a banda desenhada, dirigida para todas as idades, começa a ganhar outra visibilidade. Maria Alberta Menéres enveredou, também, por esta área e escreveu: *Primeira Aventura no País do João* (1977), com banda de desenhada de Pedro Massano; *A Água que bebemos* (1981) e *Esta Palavra Concelho* (1985), com a participação de Artur Correia. José Ruy é ilustrador e autor de banda desenhada. Entre muitas outras obras, publicou, em 1995, *A Joia do Vale*; em 2013, *João de Deus - A Magia das Letras* e, em 2014, *O Juiz de Soajo*.

Atualmente, se excetuarmos os textos relacionados com algum vulto ou acontecimento da História de Portugal, podemos observar que são poucas as narrativas que abordam temas relacionados com a memória histórica recente. O reduzido número de narrativas sobre este passado próximo, para Glória Bastos⁴⁷:

Será porventura representativo de uma certa relutância dos nossos escritores em tratar uma matéria polémica, eventualmente de abordagem difícil e, sobretudo, com uma carga ideológica extremamente controversa e estigmatizada pelas utilizações que o Estado Novo fez da História Pátria e pelos sentidos que pretendeu atribuir-lhe.

Com efeito, no século XX, o Estado Novo, a Guerra Colonial, a vida nas colónias Africanas e a questão do retorno ainda são assuntos pouco explorados. Ora, para memória atual e futura é importante lembrar a história do nosso passado e contar aos mais novos os acontecimentos que marcaram a vida dos avós, dos pais e do país.

1.4. A literatura juvenil em Portugal

Nos anos 80, surgem, também, as coleções de narrativas de aventuras. Estas narrativas são protagonizadas por um grupo de jovens onde não falta o mistério, a aventura, a indagação, bem como um fundo policial. Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada são os exemplos mais significativos, primeiramente com a série “Uma

⁴⁷ Glória Bastos citado por FIGUEIREDO, Maria Augusta da Fonseca Pires (2006), *O 25 de Abril na Literatura para Crianças e Jovens*, Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares, Lisboa, Universidade Aberta, p. 45. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/605/1/LC182.pdf> [acedido a 20 de Novembro de 2014].

Aventura...” e, posteriormente, com “Viagens no Tempo”, ambas vindas a lume com a editora Caminho. As autoras⁴⁸ referem que escreveram a coleção “Uma Aventura...”:

para dar prazer [às crianças], um texto tem que ser assim: - Narrativo, com princípio, meio e fim. Obedecendo a uma lógica, que se deve manter a mesma. - Cheio de peripécias, acções. – Focar assuntos que lhes interessam espontaneamente, ou seja, aventuras ou ficção científica. – Ser escrito numa linguagem bem clara, de preferência em discurso directo. E num tipo de letra que não canse. (...) Enquanto criança, precisa-se de “literatura para o recreio, e livros no recreio”. Encontrámos poucos livros para o recreio. E resolvemos escrever um, dedicado a essa grande maioria que não gosta de ler.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada basearam-se num modelo inglês, precisamente nas coleções de Enid Blyton em “Os Cinco” e “Os Sete” cujo sucesso ainda agora se faz notar. No entanto, ao modelo inicial, as autoras acrescem um carácter mais informativo, com referências a certos locais portugueses, monumentos, obras de arte, museus, entre outros.

As narrativas juvenis desdobram-se em torno da indagação e do mistério. Podem ser mais ou menos longas e têm como protagonistas um grupo de crianças ou jovens. As personagens principais passam de obra para obra obedecendo a certos princípios da *formula fiction*.

Francesca Blockeel⁴⁹ constata “A aventura ou o mistério a desvendar têm invariavelmente a ver com um aspecto histórico, artístico ou geográfico de Portugal (...)”. É esta uma das diferenças entre o modelo inglês e as séries de Magalhães e Alçada, como também acontece na obra de José António Gomes⁵⁰ “(...) através de um enredo policial, [dão] a conhecer de forma indireta importantes locais da História de Portugal, a cultura de várias regiões e de outros países (...)”.

Muitas coleções surgiram no mercado editorial: “Viagens no Tempo” (1985), “Asa Delta” (1987), Carlos Correia, Maria Alberta Menéres e Natércia Rocha com “1001 detectives” (1987), Álvaro Magalhães com “Triângulo Jota” (1989), Maria Teresa Maia Gonzalez e Maria do Rosário Pedreira com “O Clube das Chaves” (1990) “À Descoberta” (1990), de Manuela Nogueira, João Aguiar com “O Bando dos Quatro” (1997), entre outras coleções.

⁴⁸ Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada citado por GOMES, José António (1991), *Literatura para Crianças e Jovens – Alguns Percursos*, Lisboa, Editorial Caminho, p. 21.

⁴⁹ BLOCKEEL, Francesca (2001), *op. cit.*, p. 71.

⁵⁰ GOMES, José António (1998), *op. cit.*, p. 64.

Ora, é precisamente neste contexto que se destaca Ana Teresa Pereira. Nos anos 91/92 publica, na coleção “Labirinto” da Editorial Caminho *A Casa da Areia*, *A Casa das Sombras*, *A Casa dos Pássaros*, *A Casa dos Penhascos* e a *A Casa do Nevoeiro*. Posteriormente, publica na Editora Relógio d’Água, na coleção “Universos Mágicos”, *As Duas Casas* (2009), *A Porta Secreta* (2013), *A Estalagem do Nevoeiro* (2014) e a *A Casa das Sombras e Outras Histórias* (2015). Este regresso à literatura para os mais novos por parte de Ana Teresa Pereira parece validar o sucesso de determinadas fórmulas.

Os romances juvenis publicados desde os finais da década de 70 retratam imagens realistas de uma sociedade moderna, tendo como autores incontornáveis Alice Vieira (*Úrsula, a Maior*, 1989), António Mota (*O Rapaz de Louredo*, 1985), Alexandre Honrado (*O Vizinho Misterioso*, 1991), Fernando Bento Gomes (*Um Sorriso a Crescer ao Longo do Verão*, 1990) e Luísa Ducla Soares (*Diário de Sofia & C.ª aos 15 Anos*, 1994). Destacam-se, também, as obras de Fernando Bento Gomes. Temas como o sonho, o começo da adolescência, as desilusões, o primeiro contacto com o mundo do trabalho estão presentes em *Um Sorriso a Crescer ao Longo do Verão* (1990), de Fernando Bento.

José António Gomes⁵¹, no artigo “Literatura para a infância e a juventude e promoção da leitura”, refere a importância da leitura salientando que “saber ler, adquirir a pouco e pouco o gosto de ler constitui, deste ponto de vista, uma conquista fundamental no processo da educação e cidadania”⁵². Ora educar para a cidadania é oferecer ao público mais jovem esses temas e essa variedade de propostas.

Nos textos juvenis de teor mais realista, quer na novela, quer no romance, as principais referências são também os livros de Ana Saldanha. Esta escritora destaca-se, na década de 90, e tornou-se uma voz incontornável.

Ana Saldanha vai retratar temas ligados ao mundo dos adolescentes, nomeadamente no que diz respeito às relações familiares, à solidão, ao abandono por parte dos familiares. De facto, as relações familiares sobre tensão, principalmente, entre os filhos e os pais, bem como a ausência dos pais, e a rivalidade entre os irmãos estão

⁵¹ O autor refere que, fora da ficção, outras obras merecem destaque pois são relevantes para formar o público leitor. Devem fazer parte de uma biblioteca, quer seja escolar ou familiar: livros de plástico ou cartão que são usados pelos bebés, livros informativos, livros de atividades, enciclopédias, dicionários e atlas. Segundo o autor, existe uma grande variedade de oferta, mas pela pouca qualidade que algumas obras têm, não deveriam ser editadas. Cabe aos pais e aos mediadores escolherem com rigor os artefactos para os jovens leitores.

⁵² GOMES, José António (2006), *op. cit.*, p. 5.

presentes na sua escrita. Esta escritora lançou cinco novelas juvenis na série “Vamos Viajar”, que veio a lume pela Editora Campos das Letras entre 1995 e 1997. Mais recentemente, na coleção “Era uma vez... Outra vez”, publicou cinco livros entre 2002 e 2005. No que respeita à produção juvenil, é de salientar, entre outras, as obras *Uma Questão da Cor* (1995), que aborda o racismo, *Como Outro Qualquer* (2001), que trata de uma família desestruturada e a falta de comunicação entre os familiares e *Escrito na Parede* (2005), que versa sobre a ausência dos pais. Os seus livros como *Para Maiores de Dezasseis* (2009) e *Todo-o-Terreno e Outros Contos* (2010) abordam temas da atualidade, tal como afirma Ana Margarida Ramos⁵³:

(...) as novelas e os romances, destacam-se pela forma desassombrada como percorrem universos temáticos contemporâneos, alguns especialmente fracturantes e controversos, como acontece com a sexualidades ou os desequilíbrios nas dinâmicas familiares e nos processos de crescimento e amadurecimento dos jovens.

Assim, os textos de Ana Saldanha vão contribuir para o desenvolvimento e a formação dos jovens leitores, tal como demonstram Fernando Azevedo e Susana Campos⁵⁴:

Os seus textos promovem uma educação igualitária e solidária, uma educação para a cidadania, para a democracia, para os direitos do Homem, para uma consciência humana e social, para a aceitação de novos modelos familiares, para a vivência pacífica em comunhão com a natureza, para o respeito pela diversidade, fomentando a tolerância e a comunicação entre povos e culturas, numa atitude de receptividade face ao outro, a uma sociedade multirracial e multicultural que deve defender uma postura de abertura a novos horizontes culturais.

Quanto às novelas cor-de-rosa, elas estão geralmente orientadas para as raparigas e abordam preocupações dessas idades. Estas narrativas tendem a seguir uma estrutura própria. Como alude José António Gomes⁵⁵, trata-se de “narrativas de ambiência escolar ou outra, em que as/os jovens protagonistas, e os próprios modelos narrativos, se mantêm de livro para livro”.

Maria Teresa Maia Gonzalez é, neste sentido, um caso de sucesso. Os seus livros têm a particularidade de espelhar temas ligados à adolescência. A autora aborda temas

⁵³ RAMOS, Ana Margarida (2011), *op. cit.*, p. 4.

⁵⁴ AZEVEDO, Fernando; CAMPOS, Susana (2014), “Da memória e da alteridade: A perspectiva de Ana Saldanha”, p. 68. Disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/33661/1/cap3_Forma%C3%A7%C3%A3o%20Memoria%20Alteridade.pdf [acedido a 26 de Maio de 2015]

⁵⁵ GOMES, José António (2006), *op. cit.*, p. 5.

como a doença, o abandono, os divórcios, a toxicodependência, os amores na adolescência, entre outros aspetos. É autora de várias coleções juvenis, nomeadamente a “Profissão Adolescente”, onde já publicou vinte e seis obras pela Editorial Presença; na “Zoomanias” da Editorial Verbo, onde já publicou três livros; é co-autora, com Maria do Rosário Pedreira, na Coleção “O Clube das Chaves”, onde conta com vinte e um livros, vindos a lume pela Editorial Verbo. Na produção juvenil de Maria Teresa Maia Gonzalez destacam-se ainda os livros *A Lua de Joana* (1995), que trata a toxicodependência, *Recados da Mãe* (3ª ed. 2006), que fala sobre a orfandade e *A Fonte dos Segredos* (1993), que nos mostra as descobertas que o protagonista faz acerca da família, do amor e do mundo.

Na literatura fantástica destacam-se *Harry Potter* de J. K. Rowling ou *The Lord of the Rings (O Senhor dos Anéis)*, de John R. R. Tolkien. Estes romances de fantasia exploram mundos paralelos.

No que concerne ao domínio da fantasia, Álvaro Magalhães continua a ser uma referência incontornável. Em 2004, publicou *A Ilha do Chipre de Ouro* e, em 2007, *O Último Grimm*, ambos na coleção “Romance Jovem”, da Edição ASA.

A literatura fantástica foi, desde muitos anos, considerada um vetor menor em Portugal. Esta literatura tarda a chegar a Portugal. Porém, alguns escritores portugueses vão, paulatinamente, seguir os caminhos de uma literatura cujo sucesso não é possível negar.

José António Gomes, em "Literatura para a infância e a juventude e promoção da leitura", refere essa imagética céltica medieval e o sucesso junto dos jovens portugueses. Para este estudioso⁵⁶, estas obras “exploram a voga dos «mundos paralelos» (...) e de uma *hight fantasy* por vezes já banalizada, ainda que arquitetada em certos casos com talento”. Atualmente, em Portugal existem alguns escritores dedicados a esta literatura, nomeadamente, Filipe Faria, Sandra Carvalho e Pedro Ventura.

Filipe Faria publicou a série “Crónicas de Allaryia” composta por sete livros. Foram editados pela Editorial Presença, na coleção “Via Láctea”. Os livros têm como título: *A Manopla de Karasthan* (2002), *Os Filhos do Flagelo* (2002), *Marés Negras* (2003), *A Essência da Lâmina* (2005), *Vagas de Fogo* (2007), *O Fado da Sombra* (2009) e *Oblívio* (2011).

⁵⁶ *Idem, Ibidem*, p. 7.

Sandra Carvalho já lançou oito obras de literatura fantástica na coleção “A Saga das Pedras Mágicas”, através da Editorial Presença: *A Última Feiticeira* (2005), *O Guerreiro Lobo* (2005), *Lágrimas de Sol e da Lua* (2006), *O Círculo do Medo* (2007), *Os Três Reinos* (2008), *A Sacerdotisa dos Penhascos* (2009), *O Filho do Dragão* (2012) e *Sombras da Noite Branca* (2013).

Pedro Ventura é também um escritor de literatura fantástica. Ao seguir o modelo de Harry Potter, dá-nos a conhecer *Goor - A Crónica de Feaglar 1* (1ª edição em 2006), *Goor - A Crónica de Feaglar 2* (2007), pela Papiro Editora; *Regresso dos Deuses – Rebelião* (2011) foi lançado pela Editorial Presença, na coleção “Via Láctea”.

Estamos, pois, em crer que será um dos filões do mercado editorial que vai crescer por estar também em consonância com o fenómeno *crossover fiction*.

Dois momentos distintos na História da literatura infanto-juvenil com origem ou enfoque na ilha da Madeira (...) A primeira fase caracteriza-se por uma literatura de intenção edificante que participa da instrução moral dos jovens leitores. Ao longo do séc. XX, verifica-se uma evolução para uma literatura de conteúdo educacional que visa a sua formação cultural e intelectual. Nestas últimas décadas, tem-se efectivamente registado uma maior consciencialização da importância dessa área de Literatura, não só por motivações de cariz educativo, mas também por uma questão de cidadania, pois é inegável o facto de serem trabalhadas, por meio de livros, diversas questões importantes para a constituição de um futuro cidadão. Os autores “educam” ou “sensibilizam”, assim, os seus jovens leitores para valores e temas dominantes do nosso tempo, bem como para os seus projectos de escrita, ou seja, para o modo próprio que cada um deles tem de dar a interpretar o mundo.

(Leonor Coelho e Thierry Santos)

Capítulo II – Os artefactos para a infância e juventude na Madeira

2.1. Observações gerais

A cultura infantil e juvenil na Madeira interliga-se com questões históricas e sociais da Ilha. O público mais novo aproximou-se, paulatinamente, das atividades culturais através das medidas impostas pelo sistema educacional. Recorde-se que, em tempos pretéritos, os jovens trabalhavam desde muito cedo. A instrução não era a maior preocupação para as famílias da região, tal como acontecia, aliás, na maior parte do território português.

Todavia, na Madeira, o ensino, apesar de passar por várias etapas, vai tentar reverter esta situação. Inicialmente, a instrução na Ilha da Madeira era efetuada em lugares religiosos, particularmente, nas igrejas e nos conventos.

Com efeito, muitos dos ensinamentos estavam ligados à moral e à religião. É através dos textos bíblicos que se pretende inculcar, aos mais novos, quer o gosto pela leitura, quer pela escrita. Leonor Coelho e Thierry Santos⁵⁷ referem que, além destas produções, também existiam outros artefactos anexados à infância e juventude:

À semelhança do que se pratica no continente, difundem mensagens da bíblia, recolhas da tradição oral, folhetins com apólogos que tanto podem interessar adultos como jovens textos traduzidos de contos tradicionais europeus, manuais para o ensino (com intenção doutrinal e enciclopedista), e finalmente, as primeiras narrativas para as crianças tendencialmente instrutivas e morais.

Sublinhe-se que a imprensa regional vai criar estratégias para inculcar nos leitores o interesse pela cultura e pela aprendizagem. Neste sentido, os jornais do século XIX vão proporcionar espaços e propostas múltiplas que conjuguem entretenimento e instrução:

Na imprensa regional de meados do séc. XIX, divulgam-se nos folhetins, charadas, adivinhações, crónica da semana e, sobretudo, apólogos: apesar da inverosimilhança, visto os protagonistas serem animais ou objectos falantes, a exemplaridade das situações torna-os convincentes pelas suas lições de moral.⁵⁸

⁵⁷ COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2011), op.cit., p. 80.

⁵⁸ *Idem, Ibidem*, p. 80.

Até 1820, segundo o Visconde do Porto da Cruz⁵⁹, “não havia Jornalismo no Arquipélago da Madeira. Com a adesão dos madeirenses ao movimento «liberal» veio o entusiasmo dos Jornais e das tipografias.” Este estudioso destaca, ainda, que o *Patriota Funchalense* foi o primeiro jornal a ser publicado na Ilha da Madeira, datado de 2 de Julho de 1821. Posteriormente, vão surgindo mais jornais, como por exemplo, *A Flor do Oceano* (1834), *A Chronica* (1838), *O Funchalense* (1857), entre outros.

Surgem na imprensa, particularmente em *A Flor do Oceano*, contos traduzidos, como é o caso de “A mais Bela Rosa do Mundo”, de Hans Christian Andersen. A partir de 1875, a imprensa local, ainda, publica contos da autoria de Alphonse Daudet e de Mark Twain e prosa de Maria Amália Vaz de Carvalho e de Alice Pestana.

É desta forma que os “clássicos” da literatura infantojuvenil estrangeira e as (novas) vozes femininas chegam ao arquipélago da Madeira, como aliás já tinha acontecido com a Viscondessa das Nogueiras. Vivendo entre a Ilha e o Continente, ela publicou, em 1862, *Diálogos entre uma avó e uma neta*.⁶⁰

No que diz respeito à literatura infantil, ela ganha outros contornos quando o maravilhoso começa a entrar nas narrativas e quando os contos tradicionais passam a ser impressos. É importante mencionar o papel de Álvaro Rodrigues de Azevedo que, em 1880, editou o *Romanceiro do Archipelago da Madeira*. Parte da sua obra é dedicada ao público infantil e o escritor incorpora “lengalengas”, “contos de fadas”, “contos de meninos”, “jogos pueris”, “perlengas infantis” e “contos alegóricos”.

No século XX, assistir-se-á a um aumento de artefactos para a infância e juventude. Como referimos anteriormente, é com a República que a literatura infantil se vai desenvolver. Em 1912, vêm a lume duas revistas pedagógicas, *A Escola* e o *O Defensor*, publicadas quinzenalmente. No século XX, começa-se, de facto, a pensar na criança e no jovem como um consumidor de cultura. Mesmo com a mudança política nacional, foi necessário escrever e publicar periódicos destinados aos mais novos.

Na Madeira, em 1927, no *Diário de Notícias*, sob a direção de Feliciano Soares, é reservado um espaço dedicado aos mais novos (normalmente na segunda ou na terceira

⁵⁹ A este respeito, veja-se CRUZ, Visconde do Porto da (1951), *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira*, vol. II, Funchal, Câmara Municipal do Funchal, p. 4. http://www.bprmadeira.org/imagens/documentos/File/bprdigital/ebooks/Historia_Litvol_II.pdf [acedido a 01 de Junho de 2015].

⁶⁰ Sobre esta questão, ou sobre a problemática da infância na literatura de recepção infantil, poder-se-á consultar o artigo de SANTOS, Thierry Proença (2012), “Representações da infância e da juventude na literatura de ambientação madeirense do séc. XX”, in PETROV, Petar; et al. (eds.), *Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas Século XX. Vol. 3*, Santiago de Compostela – Faro, Associação Internacional de Lusitanistas, Através Editora, p. 283-301.

página do jornal). Este espaço intitulava-se “Diário de Notícias Infantil” e é iniciado e coordenado por Maria Francisca Tereza, sob o pseudónimo de Laura Veridiana de Castro e Almeida. Trata-se de uma publicação quinzenal e presenteava os mais novos com anedotas, com adivinhas e com questões relativamente à história e à literatura. O “Diário de Notícias Infantil” começava com uma carta: “Cartas de uma tia amiga” onde abordava temas como a educação, o respeito pelo outro, as boas maneiras e a obediência. Seguidamente, surgiam as anedotas, as adivinhas e o “Zé Esperto”. Neste último espaço, eram tratados temas como a Geografia, a História, a Literatura, entre outros. Nesta secção, as perguntas permitiam às crianças enviarem as respostas para a redação do *Diário de Notícias*. Por fim, os mais novos tinham ainda ao seu dispor um conto, uma fábula ou uma lenda.

Em 1931, o “Diário de Notícias Infantil”, sob nova coordenação, vai sofrer alterações. Intitula-se “Página Infantil do Diário de Notícias”, tem uma maior dimensão e passará a ser publicado semanalmente. Os assuntos tratados enveredam pela educação moral e pela instrução. No entanto, no final da página, surge a banda desenhada, proposta deveras inovadora. Nesta página, aparecem contos, fábulas, rimas e, através de jogos de lógica, os mais jovens exploram a matemática.

Surge o suplemento Magazine Infantil (1937) e alguns periódicos, como o *Primeiro de Dezembro* (1944) e o *Presente* (1947), entre outros, vêm também a lume. Estes artefactos incluíam, por exemplo, anedotas, adivinhas e antologias. No entanto, alguns dos periódicos foram de curta duração.

“A Canoa”, como suplemento do *Eco do Funchal*, apareceu em 1969. A partir de 1970, torna-se um jornal infantil independente. Passou a ser dirigido e editado pela escritora Maria do Carmo Rodrigues. Este periódico difundiu-se a nível regional e a nível nacional.⁶¹ Além de escritores afetos à Madeira, como a Irene Lucília Andrade e Luíza Helena, o jornal tinha a contributo de escritores continentais como é o caso de Alice Gomes, Lília Fonseca, Maria Rosa Colaço, Matilde Rosa Araújo, entre muitos outros.

Em 1979, no ano Internacional da Criança, houve a preocupação de alertar a comunidade para os problemas infantis que o mundo enfrentava, como por exemplo, o analfabetismo e a pobreza.

⁶¹ Acerca deste assunto, consultar a tese de Mestrado de Carla Sofia Rodrigues de Barros (2012), *Leituras Lúdico-pedagógicas: Os Suplementos Infanto-Juvenis na Madeira*, Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, Funchal, Universidade da Madeira, dissertação policopiada.

Neste sentido, os meios de comunicação desenvolveram várias iniciativas. Assim, *O Jornal da Madeira* lança o suplemento “Bem-Me-Quer” dedicado aos mais novos. Este suplemento é coordenado, inicialmente, pelo Pe. Manuel Teixeira Velosa, onde textos religiosos são publicados regularmente, e, posteriormente, por Octaviano Correia.

Durante os anos 80 e 90, o suplemento tinha quatro páginas e nelas constavam “textos de leitores, desenhos e rubricas que incidem sobre problemáticas da sociedade e do universo das crianças, não descarta a referência às crenças religiosas”⁶². A partir da década de 90, o suplemento aumentou para dezasseis páginas, apresentado novas secções, nomeadamente, o entretenimento. Difunde-se a História e as reportagens que ocorriam nas idas às escolas. Em 1996, expandem-se as rúbricas. Em 2003, deixam de ser publicados os textos de teor religioso, dando lugar a temas como o ambiente, a História, a tradição insular (música) e a evolução da Ilha. Em 2007, o “Bem-Me-Quer” deixou de ser publicado.

Em 1985, *O Diário de Notícias* lançou o suplemento “A malta do Manel”. Com as várias histórias e passatempos, este suplemento pretende uma interação com o público mais jovem, ao propor ao jovem leitor que faça chegar o seu contributo à redação do *Diário de Notícias*. Em 1987, com a coordenação de António Pinto, surgem alterações no suplemento, nomeadamente, no aspeto gráfico e na designação passando a intitular-se “Diário da Malta do Manel”. Entre 1988-1990, neste suplemento, Irene Lucília Andrade assinou a rubrica “Presentes... e Recadinhos...”. Nestes textos destinados aos jovens leitores, a escritora não descarta o lado lúdico e pedagógico⁶³. Como podemos constatar, a imprensa local teve, de imediato, um contributo importante para a literatura infantojuvenil. Em 2003, o “Diário da Malta do Manel” deu lugar “A Malta do Diário”.

A revolução de 1974 contribuiu para um aumento de novos projetos a nível cultural. Assistimos a um crescimento de assuntos que, até então, eram abordadas de forma indireta. Nos livros para crianças, são agora tratados novos temas: a pobreza, o antes e o pós 25 de Abril, o racismo, a emigração, conflitos familiares e questões ambientais. De facto, a liberdade de expressão que se segue ao fim da ditadura faz com que despontem novas iniciativas.

Na Ilha, em 1978, o semanário “O Jardim” não chega a ser editado. Porém, no ano seguinte, o projeto é alterado e dá origem à primeira biblioteca infantil. Toda a

⁶² BARROS, Carla Sofia Rodrigues de (2012), *op. cit.*, p. 109.

⁶³ Em *Da Fábula... ao Mote* (2011), Irene Lucília Andrade retoma, para um público mais velho, o princípio destes textos juvenis.

decoração da biblioteca foi, propositadamente, pensada para as crianças, como refere Maria Margarida Macedo Silva⁶⁴:

Desde a cor do papel de parede (em tons de verde, como os jardins na Primavera), ao atapetado do chão, às mesinhas e assentos (de alturas diversas consoante a idade), os cartões de leitor (que lhe dá direito ao empréstimo de livros), aos ficheiros de diferentes cores, aos livros de requisições, e às capas dos livros, que ela pode tocar e acariciar como se fora um brinquedo lindo- tudo é atractivo e incentivo para despertar na criança o amor pelo livro.

Esta biblioteca, no Funchal, era coordenada por Maria Margarida Macedo Silva. Pela mão da mesma coordenadora, surge ainda “A árvore”- Centro de Educação Permanente. “O Jardim” e “A árvore” vão estar em funcionamento até 1995, o que parece comprovar a mais-valia destas ações.

É de evidenciar que a Direção Regional dos Assuntos Culturais, a Câmara Municipal do Funchal e a Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia colaboraram para promover, junto dos mais novos, o gosto pela cultura, em geral, e pela arte e literatura, em particular.

Com efeito, é a partir de meados do século XX que se enceta, na Madeira, um interesse notório por parte dessas entidades na dinamização cultural e educacional. Assim, vão criar espaços próprios e estimular a leitura e a escrita junto das crianças. Foram, então, desenvolvidas várias atividades por parte dessas entidades como, por exemplo, os concursos musicais, os festivais, o teatro de fantoches, o baú de leitura, as feiras do livro, a implementação da hora do conto nas bibliotecas e, ainda, uma coleção de textos e desenhos elaborados por alunos das diferentes escolas da Ilha.

Talvez por isso se assista, no final do século XX e, sobretudo, no início do século XXI, a um crescimento da literatura infantojuvenil, tanto nas produções didáticas, como nas de carácter literário.

Os artefactos destinados às crianças passam, efetivamente, de um carácter didático e moralizador, presente no século XIX, para uma caracter apelativo e lúdico. Na Ilha, esta fase corresponde à década de 90 do século XX, tal como se pode ler no artigo intitulado “História da Literatura Infanto-Juvenil na Madeira: Os Primeiros Passos de uma Investigação”, já referido anteriormente.

⁶⁴ SILVA, Maria Margarida Macedo (1999), *A Sementeira do Livro*, Coleção Permanente - 5, Barcelos, Editora do Minho, p. 29.

Sublinhe-se, desde já, que a narrativa, nomeadamente o conto, é o género literário mais cultivado, quer em coletâneas, quer em álbuns ilustrados.

2.2. A literatura infantil na Madeira – Alguns contributos

Várias são as temáticas abordadas nos livros de receção infantil. As crenças religiosas ou a época natalícia é um assunto recorrente. A título de exemplo, temos *Uma Escadinha para o Menino Jesus* (2008), de Maria Aurora Carvalho Homem. Neste livro, a autora mostra-nos as crenças da população madeirense, no que diz respeito às tradições do Natal, sobretudo, à matança do porco, às Missas do Parto e à plantação das searinhas para a Escadinha do Menino Jesus, através do olhar do pequeno João. Note-se que, em *O Anjo Tobias e a Rochinha de Natal* (2009), Maria Aurora recupera esta época festiva para salientar a azáfama do momento. Não podemos deixar ainda de referir dois livros: *Alguém Avisou o Pai Natal?* (2007), de Francisco Fernandes e *As Visitas do Pai Natal* (2008), de José Viale Moutinho. No primeiro exemplo, o Pai Natal vai surpreender a protagonista com a oferta de livros; no segundo, aparece desnortado com os pedidos dos mais novos, motivados pelas novas tecnologias.

A figura do animal é usada recorrentemente nas histórias da produção infantil. *Mimi e os Sapatinhos* (1979), de Luiza Helena, tem como pano de fundo a Madeira. Esta obra comporta vários contos e, alguns destes, centram-se nos animais próprios da Ilha, para transmitir aos mais novos a importância da liberdade.

Maria do Carmo Rodrigues recupera também este imaginário. Em *Sebastião, o Índio* (1982), Sebastião, nos seus sonhos, é um índio livre e concretiza os seus propósitos com a ajuda de animais (o cão, o cavalo, a águia, o passarinho, a cabra, o pavão e o coelho). Em *O Jardim de Rosalina e Outras Histórias* (1988) e em *Aventuras de Chico Ventura* (2005), a escritora versa de forma indireta sobre este tema, ao tentar alertar as crianças para a preocupação ambiental, mostrando que os ecologistas se preocupam com o ambiente.

No século XX e XXI, a literatura infantil tem um papel importante para despertar nas crianças as preocupações ecológicas. Ao abordar este tema, os autores podem seguir várias formas, como refere Dina Isabela Lemos Ramos⁶⁵:

⁶⁵ RAMOS, Dina Isabela Lemos Ramos (2010), *História da Literatura Infantil na Madeira- Reflexos de um Mundo em Mudança*, Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, Funchal, Universidade da

As histórias podem: transmitir valores morais, relacionados com a vida em sociedade e relações interpessoais, através do uso de animais ou outros elementos da Natureza ou, por outro lado, centrar-se na descrição dos seres vivos e na sua relação com o ambiente ou, ainda, ter o seu foco no conhecimento e preservação dos ecossistemas. Podem, igualmente, enfatizar a relação dos seres humanos com outros seres vivos e com os ecossistemas em geral ou, por fim, sensibilizar as crianças para os problemas ambientais (locais, regionais e globais), provocando a motivação das mesmas para agirem no sentido da protecção da natureza e do ecossistema.

Os animais podem surgir para alertar para os perigos ligados à ação do Homem, como acontece nas narrativas de Maria Aurora Carvalho Homem, nomeadamente em *Juju, a Tartaruga* e em *Loma, o Lobo-Marinho*, ambas lançadas em 2005. Em *Zina, a Baleia Azul* (2007), é lembrado, ainda, o costume da caça à baleia, no Caniçal. Estas obras narram histórias de animais que vivem em habitats em perigo. *Loma, o Lobo Marinho* conta a história do lobo-marinho que, para se precaver dos perigos do mar, vive numa furna. O texto lembra que a reserva natural das Ilhas Desertas é um lugar ideal para estes animais. Por outro lado, esta narrativa aborda o tema da liberdade e da amizade pois Loma vai salvar a tartaruga que está presa numa rede.

Francisco Fernandes publicou uma série infantil, constituída por quatro pequenas narrativas subordinadas, em geral, à questão do ambiente. *Dois Estrelas-do-Mar e um Peixe Prateado* (2003) versa, ainda, sobre o tema da amizade; *Dois Estrelas-do-Mar e o Peixe Prateado, juntos de novo!* (2003) trata de uma história ambiental propriamente dita; *Dois Estrelas-do-Mar e um Peixe Prateado Encontram um Amigo Especial* (2004) narra uma história sobre a diferença e, por fim, *O Peixe Prateado reencontra o Cardume* (2006) aborda o tema da liberdade. Esta série tem como personagem principal um peixe prateado que se preocupa com as ações dos homens e com a poluição que devastam o meio onde vive. É através destas histórias (amizade, diferença, liberdade, ambiente) que Francisco Fernandes convida o leitor a preservar e conservar o habitat natural dos seus seres mais desprotegidos⁶⁶.

O livro *Francisco e o Segredo da Floresta* (2009), de Isabel Fagundes, transmite aos mais novos uma mensagem de protecção do património natural da Ilha, sobretudo, no que diz respeito à floresta Laurissilva. Não podemos deixar de mencionar *A Fada Íris e a Floresta Mágica* (2010) de Maria Aurora. Ilustrado por Elisabete Henriques, este

Madeira, p.54. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/251730538/Dina-Isabela-Lemos-Ramos-Historia-Literatura-Infantil-Na-Madeira#scribd> [acedido a 25 de Março de 2015].

⁶⁶ Cf. COELHO, Leonor (2011a), "A Literatura de Recepção Infantil de Francisco Fernandes: Propostas de Fruição, Escritas de Formação", in *Isleña*, nº 49, Jul./Dez., Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, pp. 43-54.

artefacto é um hino à natureza e à floresta da Madeira, tornada Património da Humanidade desde 1999.

O tema da ecologia e do ambiente vai pois ao encontro das propostas editoriais, quer a nível nacional, quer a nível global. De facto, nas últimas décadas, tem sido um assunto muito explorado na literatura infantil, no dizer de Ângela Balça⁶⁷:

a leitura de textos literários permite e potencia nas crianças o despertar de uma consciência ecológica, mas também económica, social e política, preparando-as progressivamente para a tomada de atitudes e de decisões responsáveis sobre os problemas do meio.

Os jogos são uma temática presente nos livros infantis. Podem ser os jogos tradicionais (que pertencem à cultura local e mencionam os costumes do arquipélago), os jogos comuns e os desportivos. No que respeita aos jogos tradicionais, alguns escritores transportam-nos para as suas obras, como acontece com *Mimi e o Sapatinhos* de Luiza Helena (o jogo do pião, da bilharda e dos milhinhos) e com *A Minha Máquina Amarela de Balde e Rodado do Lagarta* (2004), de Sidónio Baptista Fernandes (o jogo da bola e o carro de canas). Os jogos ditos comuns também surgem em obras como *Mimi e o Sapatinhos* (o jogo das cartas), *Histórias que o Vento Conta*, de Irene Lucília Andrade (bonecas), *O Jardim de Rosalina e Outras Histórias* de Maria do Carmo Rodrigues (o papagaio de papel) e *A Minha Máquina Amarela de Balde e Rodado do Lagarta* (o jogo da joeira). Cerca de duas décadas mais tarde, estes jogos são substituídos por jogos desportivos. De facto, o texto também se adequa ao contexto, como acontece em *A Madalena Descobre o Basquetebol* (basquetebol), *O Diogo quer ser Futebolista* (futebol) de Francisco Fernandes ou, ainda, *O João Gosta do Mar* (a prática dos *optimistes*), também de Francisco Fernandes.

As obras infantis têm um papel fulcral na educação da criança. Assim, é importante que temas como a diferença, o multiculturalismo estejam presentes nestes livros. *Sebastião, o Índio*, de Maria do Carmo Rodrigues, já referido anteriormente, insere-se nesta temática. Este livro dá-nos a conhecer novas culturas e novas vivências. Sebastião sonhava ser índio e, na obra, valorizam-se costumes diferentes e novas formas de viver em contacto com os animais e com a natureza. A escrita desta autora tem como particularidade a formação cívica e moral dos mais novos, defender a ética e a solidariedade e combater a discriminação.

⁶⁷ BALÇA, Ângela (2008), *op. cit.*, p. 27.

O livro de Maria Aurora intitulado *Vamos Cantar História...* (1989) é composto por cinco letras de canções e cinco contos. No que diz respeito ao tema em questão, é de salientar o conto “A Raposa e o Cordeira”. A narrativa ilustra a desconstrução de estereótipos e, através do uso destes animais, o texto também vem mostrar como é possível conviver com culturas diferentes. “A menina do Trapézio” e “A,E,I,O,U” mostram a vida de grupos das minorias existentes em Portugal, muitas vezes marginalizados. No primeiro caso, o mundo do circo e, no segundo, o mundo cigano. Por fim, o conto “A Ilha, o Cisne e o Mar” respeita a identidade de cada ser, apelando ao respeito, à Diferença e à Integração.

Maria do Carmo Rodrigues, em *Aventuras de Chico Ventura*, sublinha a diferença da cor, do nível social e cultural das personagens. Para além da questão ambiental já mencionada anteriormente, o texto relata a história de Francisco (um menino pobre que vive com a mãe, porque o pai emigrou) que, ao ir para a escola, é vítima dos colegas. Na escola, surge uma amizade com uma menina de origem africana, pois ambos vivem a experiência da discriminação.

Muitos cultores para a infância têm a preocupação de passar uma mensagem educativa nas suas obras. Esta questão de apelo à integração é recorrente em vários autores afetos à Madeira.

Octaviano Correia é um escritor angolano que residiu até há pouco tempo na Madeira. Em *O Menino dos Olhos Azuis de Águia* (2007), o leitor pode acompanhar cinco histórias acerca da diferença. As personagens são crianças que têm uma deficiência física (o menino que nasceu mudo, a criança que perdeu a audição, a menina que deixou de andar, um rapaz com deficiência nas pernas, a criança que não tinha braços). No entanto, todas elas têm força para enfrentar as suas adversidades e alcançar os seus objetivos.

Francisco Fernandes, em *Irina* (2009), espelha a realidade de muitas escolas da Madeira, onde se concentram crianças de várias culturas. Irina é russa e entra em contacto com a cultura madeirense. Apesar das diferenças culturais e identitárias, o convívio intercultural é possível. Também nesta linha de pensamento, o escritor deixa-nos mais um exemplo de integração em *Aliane e Zaneah: dos Sonhos às Vitórias* (2010). Apesar das múltiplas dificuldades pelas quais passam as protagonistas, elas devem ultrapassar o receio ligado à sua deficiência física.

A História de Portugal apesar de pouco explorada, não é totalmente descurada. Em 1992, António Manuel de Castro e Maria Elisa de França Brazão publicam

Histórias com Histórias, que, mais tarde, dá lugar a *Novas Histórias com Histórias* (2005). Este artefacto vem explicar às crianças a nova realidade política, ou seja, a República vivida na Madeira.

Maria do Carmo Rodrigues cuida desta vertente no livro *João Gomes do Gato* (2002) pois mostra-nos particularidades da História da Madeira. Recuando ainda mais no tempo, a autora dialoga com vários momentos marcantes. É através do padrinho, que vive na Zona Velha do Funchal, que João conhece questões patrimoniais ou paisagísticas da Ilha: a Fortaleza de São Tiago, a Capela do Corpo Santo e a Ribeira de João Gomes. No interior da narrativa, são abordados assuntos relacionados, quer com a História da Madeira, em “A História de João Gomes da Ilha” e em “A História dos Corsários”, quer, ainda, com a História da Humanidade, nomeadamente, em “A História de Adão e Eva na Ilha e o que antes se passou”.

Maria Aurora pretende, de igual modo, ensinar aos mais novos a História da Madeira. A autora combina a descoberta e a aventura em *A Cidade do Funcho. A Primeira Viagem de João Gonçalves da câmara* (2008). O livro explora a geografia e a História da ilha da Madeira, fazendo referência ao seu povoamento. Depois de passarem pela ilha Dourada - a ilha do Porto Santo -, os portugueses chegam finalmente à Madeira. Está patente a razão pela qual a ilha do Porto Santo - porto seguro depois das tormentas no mar - e a cidade do Funchal – campo de Funcho – têm esses nomes. É através de uma linguagem clara, de um tom humorístico e de uma forma atrativa que estes autores contam nos seus livros a história da Madeira.

Nos livros de produção infantil, surgem figuras imaginárias que estão relacionadas com mitos ou lendas. As figuras lendárias e mitológicas são, quase sempre, as fadas, os gnomos e as bruxas. Em relação às fadas, Maria Aurora lançou duas obras: *A Fada Ofélia e o Véu da Noiva* (2008) e *A Fada Íris e a Floresta Mágica* (2010). Quer em *A Fada Ofélia e o Véu da Noiva*, onde se cruza o mundo real (Pedro) com o imaginário (fada), quer em *A Fada Íris e a Floresta Mágica*, a autora tenta cativar os mais novos para a beleza da natureza da Madeira. Com efeito, aceitando o convite das entidades das Câmaras Municipais, Maria Aurora regista o património paisagístico da Ilha. Como referimos anteriormente, *A Fada Íris e a Floresta Mágica* sublinha a beleza da Laurissilva. Por sua vez, *A Fada Ofélia e o Véu da Noiva* dá conta de um outro ponto de referência da Madeira, mais precisamente a enorme cascata no Seixal. Quanto a *Marta, Xispas e a Gruta Misteriosa* (2010), o texto nota, sobretudo, a grandeza das grutas e São Vicente. Neste artefacto, já não existe a intervenção de uma fada.

A figura da bruxa é usada em muitos livros infantis, como é o caso de - *A Bruxinha Matilde e o Dragão Cor-de-Rosa* e *A Bruxinha Matilde e o Elefante Verde*⁶⁸ da autoria de Isabel Fagundes. Nestes livros, a bruxa é a personagem principal. O primeiro texto refere-se à bruxinha boa, Matilde. As bruxas más são as suas tias.

Os textos sublinham a malvadez das bruxas que usam e abusam dos outros, na procura desmedida da beleza inalcançável. Realçam, também, a vontade de quem se preocupa com o próximo e o frágil. Esta dicotomia vem sustentar a dualidade do mundo em que vivemos. Assim, Matilde opta por viver com o dragãozinho no mundo das cores. No segundo texto, a bruxinha Matilde faz magia para curar a asa de uma águia, uma amiga do elefante verde. Compreender-se-á, então, que se às bruxas más e ao mundo fora das montanhas se atribuem as cores escuras (preto, castanho, cinzento), pois estes destroem a natureza; na floresta e na montanha, as cores que vão predominar são alegres (verde – cor da natureza, o cor-de-rosa, etc.) e estão conotadas com o conhecimento e respeito pela natureza.

Será que sou Neto da Bruxa? (2007), de José Viale Moutinho, trata, de igual modo, da figura da bruxa e tem como pano de fundo a magia. Carlos vai fazer uma visita a avó que não via há cinco anos. Depara-se com uma coruja na sala, um gato preto e refeições muito estranhas (sopa de peúga, arroz com pedaços de sapatos). O aspeto físico da avó também está alterado. Sonho ou realidade?

Isabel Fagundes, em *Francisco e o Segredo da Floresta* (2009), usa o gnomo para proteger a floresta e mostrar às crianças a importância da preservação da natureza. Tal como acontece com os livros de Maria Aurora, esta narrativa de Isabel Fagundes une o mundo imaginário e o mundo real para passar uma mensagem educativa através de um artefacto lúdico.

No tocante ao teatro infantil, apesar de não ser o género literário mais relevante, tal como acontece no Continente, este ganhou outros contornos graças a escritores como Bernardete Falcão, Lígia Brasão, José Viale Moutinho e Cinthia Palmeira⁶⁹.

Em 1983, Bernardete Falcão lançou quatro peças infantis no livro *Andorinha e as Árvores Falantes*. Lígia Brasão publicou, em 2006, a coleção “No Palco: Teatro para Crianças”, onde reúne doze livros. Em 2006, veio a lume *Histórias da Deserta Grande: Uma peça de Teatro para Bonifrates*, pertencente à coleção “Tretas e Letras, 44”, da autoria de José Viale Moutinho. Cinthia Palmeira publicou, em 2008, a coleção “Teatro

⁶⁸ Este texto tem adaptação para o teatro.

⁶⁹ Cf. COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2015), *op.cit.*, p. 232.

vai a Escola”, com duas obras: *Temível Drácula* e *A Intrépida Lojas dos Chapéus*. Note-se que a figura do Drácula é outro ser que povoa o imaginário das crianças.

A poesia para a infância é uma área pouco trabalhada por parte de escritores afetos à Ilha. No entanto, é de salientar que, a partir de 1969, com o jornal independente *A Canoa* surgiram poemas dedicados aos mais novos. António Marques da Silva, com o pseudónimo Avô Maqui, lançou três poemas neste jornal: “A Pena Partida” (Novembro de 1970); “A Bofetada” (Abril de 1971) e “Tempestade” (Maio 1971). Estes textos estão, também, inseridos no livro de poesia *Os Anjos Descem*, publicado em 1981. Luiza Helena, sob o pseudónimo de Luiza Clode, editou os poemas: “Canções da Primavera” (Março de 1969); “Da Minha Maneira” (número 5); “Conversando” (número 6 e 8) e “A Rosa Cor de Rosa” (1970). Manuela Velosa de Freitas estreia-se com o pseudónimo Anita e, em 1969, publica os poemas “Gatinha” e “Porquê Mamã”. Com Irene Lucília Andrade chegam os poemas: “História”; “A Chuva” e “Canção da Primavera”. É de referir que Irene Salomão escreveu “Sou uma Flor” em 1979. Bernardete Falcão, na obra já referida anteriormente, *Andorinha e as Árvores Falantes*, conjuga a poesia com o teatro, como acontece, também, com Maria do Carmo Rodrigues com “Laura, o Balão e os Óculos” e “A História de João Bem Bom e de João Bem Mau” (2001)⁷⁰.

Se a poesia teve poucos cultores, a tradição oral e tradicional foi muito relevante. No que concerne à recolha de lendas, a obra do Padre Alfredo Vieira de Freitas, intitulada *Era uma vez... na Madeira: contos, lendas e tradições da nossa terra*, de 1964, mostra-nos várias lendas relacionadas com as várias localidades da Madeira. Em 1996, publica *Continhos populares madeirenses*, onde reúne cinquenta e quatro contos, recolhidos pela ilha da Madeira.

Na produção para os mais novos, José Viale Moutinho reúne cantigas, lengalengas, provérbios e lendas. De facto, na recolha de tradição oral, José Viale Moutinho é um escritor incontornável. Não podemos mencionar todas as obras deste autor no âmbito deste trabalho, mas deixaremos algumas referências. Em 1979,

⁷⁰ Não podemos deixar de referir o contributo notório da canção. De facto, a letra de canção suscitou muito interesse, sobretudo, em Irene Lucília Andrade, Maria Aurora Carvalho Homem, António Castro, Lígia Brasão, António Cruz, entre outros nomes. António Castro, por exemplo, escreveu letras de canções e participou em vários festivais, quer em Portugal, quer na Europa. Em Portugal, António Castro recebeu vários prémios de melhor letra. E, muitas das suas letras, foram vencedoras no Arquipélago da Madeira e dos Açores. É de aludir que, a partir de 1984, os poemas de Luiza Helena: “A flor amarelinha”, “Flor-Borboleta”, “O palhaço branco” e “Estrelinha vem daí”, vão integrar o Festival da Canção Infantil e é premiado em 1985. Além de Luiza Helena, Irene Lucília, Irene Salomão e Lígia Brazão escreveram poemas que integraram em canções para o festival.

publicou *O Adivinhão*, onde reúne adivinhas tradicionais portuguesas. Em 2002, veio a lume o livro *365 Histórias: Tradições Populares Portuguesas*. O escritor recolhe orações, provérbios, contos, cantigas, lengalengas, adivinhas e lendas mostrando e preservando as tradições de Portugal e, também, das regiões autónomas. Nestes artefactos, o autor opta por (re)inventar alguns contos e assuntos populares. Em 2004, volta a publicar lendas portuguesas com *As Lendas de Misarela*. Em 2007, publica mais dois livros: *A Vassoura1: as 50 melhores adivinhas da tradição portuguesa* e *A Vassoura2: os 100 mais úteis provérbios da tradição portuguesa*.

Na verdade, na Madeira, a vontade de recolher e preservar o património lendário leva a novos projetos editoriais. Com efeito, foi publicado *Lendas da Madeira para Crianças* (2011), pela editora 7dias 6noites. Esta obra reúne oito lendas desdobradas pela escrita de Adriana Mendes, António Castro, António Fournier, António Pimenta, Graça Alves, Lília Mata, Maria do Carmo Rodrigues e de Violante Saramago Matos; a ilustração ficou a cargo de José Nelson Henriques.

Octaviano Correia publica *A Magia das Lendas – Lendas de Santana* (2011) e organiza concursos em torno do património de uma região. Neste sentido, foi organizado um concurso em Gaula, no âmbito do I Concurso Literário Nacional Padre Alfredo Vieira de Freitas, com o objetivo de promover o conto infantil⁷¹ e a recuperação lendária.

Relativamente às narrativas biográficas, José Viale Moutinho publicou cinco propostas. Nesses textos, o autor dialoga com escritores e pintores portugueses e/ou mundiais. Destacam-se: *Fernando Pessoa (o Menino de sua Mãe)*, de 1995; *A História de William, a Possível Infância de Shakespeare*, de 2005, e *A Conferência do professor Lagosta (sobre a vida de Francisco Sá de Miranda)* publicada em 2007. Estas narrativas são sobretudo destinadas a um público infantil, pois apresentam uma linguagem simples e o assunto do texto é apresentado de forma clara e concisa. No entanto, ainda nenhuma obra foi pensada em torno de um vulto incontornável da Região. Cremos poder afirmar que não seria descabido a publicação de livros em torno, por exemplo, de Herberto Helder, António Aragão ou os irmãos Franco.

Deste breve levantamento, podemos concluir que os artefactos para a infância são numerosos e diversificados. Com efeito, tal como acontece com a produção nacional, na

⁷¹ Cf. SILVA, Leonel Correia da; CASEIRO, Cláudia Sónia (2011), “A lenda das amoras “ e “O outro lado do muro”, in *I Concurso Literário Nacional Padre Alfredo Vieira de Freitas*, Gaula, Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea / Junta de Freguesia de Gaula.

ilha da Madeira, destacar-se-ão os suplementos infantis, os livros de contos, os álbuns narrativos e as recolhas de lendas e textos oralizantes. À imagem das observações tecidas por Ana Margarida Ramos⁷² quanto aos últimos anos de produção nacional, na Madeira a vertente poética e a escrita dramática têm menos cultores.

2.3. Os livros para a juventude – Caminhos e tendências

A adolescência é a fase que marca a passagem da infância para a vida adulta. Nos últimos tempos, esta delimitação etária sofreu algumas transformações. Apesar de ser difícil classificar este período na vida de um jovem, que não é criança mas também não é adulto, existem características e situações específicas. No dizer de Morin⁷³:

Na adolescência, a “personalidade” social ainda não está cristalizada: os papéis ainda não se tornaram máscaras endurecidas sobre os rostos, o adolescente está à procura de si mesmo e à procura da condição adulta, donde uma primeira e fundamental contradição entre a busca de autenticidade e a busca de integração na sociedade. A essa dupla busca se une a busca da “verdadeira vida”. Nessa busca, tudo é intensificado: o ceticismo e os fervores.

Por sua vez, Lisnéia Beatris Schramme⁷⁴, em *Destino: a Literatura Juvenil. Escalas: Narrativa de Viagem e Jornada do Herói*, observa que:

(...) é necessário revelar quem é esse leitor juvenil, porque se há uma literatura juvenil ela existe em função de e para esse adolescente não apenas como um produto para ser comercializado, mas, sobretudo, como arte da palavra que existe para ser lida e tornar-se parte da vida de seus leitores.

A literatura para os jovens poderá ajudá-los na busca do “eu” e na compreensão das suas vivências diárias. Procurando identificar-se com as personagens da obra, o jovem leitor pode viver as suas aventuras, conhecer os seus dramas e revelar até as suas preocupações. Esses jovens têm várias possibilidades no campo editorial: contos, novelas e romances, em particular. Na Madeira, o romance propriamente dito não tem grandes cultores. Se excetuarmos as narrativas mais longas de Maria do Carmo

⁷² RAMOS, Ana Margarida (2011), *op. cit.*

⁷³ Morin citado por SCHRAMME, Lisnéia Beatris (2009), *Destino: a Literatura Juvenil. Escalas: Narrativa de Viagem e Jornada do Herói*, Dissertação em Teoria da Literatura, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. 70. Disponível em http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2533 [acedido a 16 de Fevereiro de 2016]

⁷⁴ SCHRAMME, Lisnéia Beatris (2009), *op. cit.*, p. 76.

Rodrigues e de Francisco Fernandes, o jovem leitor poderá contar com os livros de Ana Teresa Pereira.

O jovem leitor tem ainda ao seu dispor lendas e recriações, narrativas biográficas, teatro ou banda desenhada, por exemplo.

O livro de José Viale Moutinho, *Contos Populares das Ilhas da Madeira e do Porto Santo* (2011), veio a lume pela editora Nova Delphi. Neste livro, o autor dá-nos a conhecer alguns contos populares de todos os concelhos da Ilha da Madeira (Santa Cruz, Machico, Funchal, Câmara de Lobos, Ribeira Brava, Ponto do Sol, Calheta, Porto Moniz, São Vicente, Santana e Porto Santo).

À semelhança da recolha para o público infantil, também este artefacto pensado, inicialmente, para os jovens, mas dirigido também para os adultos, salienta que é necessário valorizar o património local. A ilustração da capa (creme e preto onde se destaca a imagem de um frade em cima de um cavalo), a ausência de ilustrações no interior deste artefacto e a sobriedade do livro fazem dele, efetivamente, um artefacto *crossage*.

As narrativas biográficas de José Viale Moutinho que estão mais direcionadas para um público juvenil são, por exemplo, *A Cidade das Pessoas Tortas*⁷⁵, editada em 2006, e *A Menina da Janela das Persianas Azuis*⁷⁶, de 2008. Nenhuma proposta está relacionada com o contexto regional. O primeiro livro dá a conhecer a vida do pintor Dominguez Alvarez e o segundo livro, com ilustração de José Emídio, aponta para o percurso do pintor Henrique Pousão. Em todo o caso, a forma como é conduzido o discurso e o grafismo do próprio objeto serão decerto apreciados, quer por um leitor juvenil, quer por um leitor mais velho. Trata-se, de facto, de um artefacto de valor estético e literário que não se esgota numa determinada faixa etária. Os textos baseiam-se na vida de personalidades marcantes, tal como afirmam Leonor Coelho e Thierry Santos⁷⁷:

⁷⁵ Sobre este assunto, consultar o artigo de PIMENTEL, Diana (2009), “Era uma vez uma linha que seguia um quadro e nele entrava: um exemplo de ekprasis em José Viale Moutinho”, *Solta Palavra*, nº 15, Porto, Centro de Recursos e Investigação sobre Literatura para a Infância e Juventude, pp. 15-16.

⁷⁶ Consultar NASCIMENTO, Maria Teresa (2010), “A Menina da Janela das Persianas Azuis – contar pela Arte”, in F. Viana, *et al.*(coord), *Actas do 8.º Encontro Nacional (6.ª Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*, Braga, Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho, pp. 335-346.

⁷⁷ COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2012), “Narrativas biográficas e mediação artística e cultural: o contributo de José Viale Moutinho”, in *Agália - Revista de Estudos na Cultura*, vol.105, 1º semestre, Santiago de Compostela.

(...) reconta-se a vida de artistas distintos, transmuda-se a escrita biográfica em estória cativante, revisita-se as obras que criadores exemplares nos legaram, e sobretudo, como sublinha Sara Reis (...) reage-se “contra o “apagamento” do domínio público e/ou institucional de algumas das personalidades mais exemplares” das Artes e Letras.

Na verdade, este é um filão muito apreciado pelo mercado do livro. São, de facto, inúmeras as narrativas biográficas dirigidas não só para os jovens como também para um público ainda mais novo. Como referimos anteriormente, no contexto local, muitos seriam os vultos que mereciam esse destaque: Edmundo de Bettencourt, Cabral do Nascimento, Herberto Helder, entre outros, poderiam ser assim dados a conhecer ao público infantojuvenil.

Em 2009, José Viale Moutinho publicou *Os meus misteriosos pais*. Destinada ao público juvenil, o autor destaca a história de Portugal antes do 25 de Abril de 1974. A luta de Portugal contra o regime de Salazar e de Marcelo Caetano tem por base a perseguição e o medo. A narrativa retrata uma família do partido Comunista que tenta sobreviver num país amordaçado. Perseguidos pela *PIDE*, só após a revolução de 25 de Abril é que o protagonista e os pais conseguirão ser verdadeiros cidadãos portugueses:⁷⁸

Sob o signo da luta contra o esquecimento, o narrador-personagem pretende que a geração mais jovem não olvide uma época de opressão, de silenciamento, de crueldade e de terror (“- O que te vou contar é a minha vida naquele tempo. Para que tu e todos saibam que houve tempos muito difíceis, que não podemos esquecer (p.9)). Ao convocar essa época, Viale Moutinho vem, por via da crítica implícita nesse acto de rememoração, dizer que a mudança era imprescindível e inevitável.

No texto de Viale Moutinho deparamo-nos com crueldades realizadas pela *PIDE*, nomeadamente, a morte do escultor José Dias Coelho, Catarina Eufémia e de Ferreira Soares. Faz, ainda, referência à censura e a guerra colonial. Recordam-se as cantigas de intervenção, com Luís Cília, José Afonso, Manuel Freire e Adriano Correia de Oliveira. Não será pois de estranhar que este livro tenha sido recentemente republicado. Trata-se de uma edição que apresenta uma nova roupagem a preto e branco e que pretende manter viva a memória coletiva de um período histórico.

Poucas narrativas de teor histórico e interventivo estão destinadas ao jovem leitor. No contexto regional e local, a história da Madeira contempla, no entanto, vários

⁷⁸ COELHO, Leonor Martins (2011b), "José Viale Moutinho, *Os Meus Misteriosos Pais*, Porto, Seara de Letras, 2009 (ilustrações de Acácio de Carvalho)", in *Limite - Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía*, nº5, Cáceres, Universidad de Extremadura, p. 307.

acontecimentos que podiam ter um tratamento literário: a Revolta da Madeira, a Revolta da Farinha (1931) e a Revolta do Leite (1936), por exemplo.

Há que destacar outros (sub)gêneros de receção Juvenil. A poesia, na Ilha da Madeira, ainda tem pouca visibilidade. António Manuel de Castro, em 1974, publica o seu primeiro livro de poesia intitulado, *Poemas*. Em 1983, veio a lume *O Cântico Poético*, integrado na *II Antologia de Poesia Contemporânea* e, em 1988, lança *Ser Criança*. Em 1999, Maria do Carmo Rodrigues publicou *Estou a Crescer*. Este livro é destinado sobretudo ao público feminino.

Tal como a poesia, a banda desenhada destinada aos jovens leitores ainda é escassa. Temos *No Funchal, o Maquinista*, datada em 2009, de António Fournier. Nesta narrativa sequencial, o autor recorda marcas do passado, o comboio do Monte e o escritor Ernesto Leal. Refira-se que António Fournier participou em *Lendas da Madeira para Crianças*. A lenda escolhida pelo autor, “Lenda das figuras de Alfenim- o exército do açúcar”, muito embora esteja inserida num livro de receção infantil poderia, de forma isolada, ser destinada ao público juvenil pela forma complexa como é conduzido o discurso e pela subtilidade do diálogo com a história do Arquipélago.

É de mencionar que, em 2004, abriu no Funchal, a livraria Sétima Dimensão dedicada à banda desenhada. Em 2015, a Sétima Dimensão, juntamente, com a Agência de Promoção da Cultura Atlântica, lançou três obras de Roberto Macedo Alves: *O Ataque do Submarino Alemão*, *Os Mistérios do Curral* e *O Vinho que salvou a Revolução Americana*, na coleção de banda desenhada “As Fantásticas Histórias da Madeira”, inseria no projeto “Aprender Madeira”. Este projeto tem como objetivo dar a conhecer aos mais novos alguns acontecimentos importantes ocorridos na Ilha.

António Castro, nascido em Angola, vem residir para a Madeira em 1982. Para o público juvenil, o escritor lançou uma obra intitulada *Maior do que a Lenda*, em 2009, na coleção “Funchal 500 Anos”. Em 2011, publicou *A Fogueira Dorme na Bruma*, pela editora 7Dias 6Noites. O livro mostra o percurso de vida de Funcha, uma personagem inteligente que quer conhecer o mundo que o rodeia. Sobre o título da obra, António Castro⁷⁹ mencionou que:

esta fogueira é o resultado da vontade de aprender e de conhecer o mundo de uma criança (Funcha), que é extremamente inteligente, viva, e que quer perceber o mundo à sua volta. E então socorre-se, por um lado, da sua capacidade de

⁷⁹ Cf. <http://www.netmadeira.com/noticias/cultura/2011/6/17/antonio-castro-lancou-livro-muito-especial> [acedido a 30 de Maio de 2015]

argumentação e de perguntas constantes, e por outro lado, é uma criança que sonha muito, e através dos seus sonhos e leituras, também consegue acordar a fogueira.

Apesar de encenar a vida e os sonhos de uma criança, este livro tem como destinatário não só o público juvenil mas, também, o público adulto pela sua carga poética.

Como referimos, Octaviano Correia é um escritor angolano, que veio residir para a Madeira em 1988. Nas suas obras, vai dar a conhecer ao jovem leitor, quer as tradições e as culturas madeirenses, quer os usos e costumes africanos, tal como sugerem Leonor Coelho e Thierry Santos: “(...) além de uma intenção educativa e lúdica, a escrita de Octaviano Correia tende a sensibilizar as crianças, desde cedo, a cultivar o respeito pela diferença, a confiança e a determinação, o sonho e a palavra (...)”⁸⁰ Apesar de a sua escrita estar dirigida aos mais novos, a mensagem que é transmitida é, também, para os adultos, como acontece em *O País das Mil Cores* (1980) e em *O Reino das Rosas Libertas* (1985).

O País das Mil Cores incentiva o jovem leitor a entrar no mundo da cor e da beleza, mas apela à união entre povos e culturas e incentiva à libertação do oprimido, em contexto de jugo colonial.

De facto, o texto mostra-nos que os padrões da guerra são os responsáveis pela desordem e desunião. Destruíram as cores e, por conseguinte, destruíram a paz e a justiça, transformando um lugar idílico num sítio transparente, sem cores. Neste sentido, Renata Rolon, no artigo intitulado “O Ensino das literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curriculum escolar brasileiro: algumas considerações”, de 2011, refere: “no trilhar do caminho dos habitantes do país de mil cores os significados apontam para a luta de libertação”⁸¹.

O racismo e a escravatura são, de facto, temas de alguns livros de Octaviano Correia. Estes problemas acontecem porque existe uma dificuldade em lidar com o diferente. *O Reino das Rosas Libertas* é, nesse aspeto, significativo. Entre o real e o imaginário, o texto dá-nos a conhecer as dificuldades com que os negros se deparam bem como os efeitos da escravatura. As rosas representam os escravos e o cheiro destas é a liberdade. Dina Ramos⁸² virá observar que: “os escravos acabam por conseguir a

⁸⁰ COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2011), *op. cit.*, p. 87.

⁸¹ ROLON, Renata Beatriz Brandespin (2011), “O Ensino das literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curriculum escolar brasileiro: algumas considerações”, in *Ecos*, nº 2, Jul./Dez., ed.º 011, p. 137. Disponível em http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_11/131_Pag_Revista_Ecos_V-11_N-02_A-2011.pdf [acedido a 16 de Abril de 2015].

⁸² RAMOS, Dina Isabela Lemos Ramos (2010), *op. cit.*, p. 68.

liberdade, pois conseguem ser fortes e corajosos, sentimentos importantes a transmitir às crianças. O cheiro das rosas libertas é a frase que resume toda a acção.”

Assim, *O País das Mil Cores* e *O Reino das Rosas Libertas* destinam-se a qualquer idade. De facto, estas narrativas promovem a igualdade entre os povos e a libertação dos povos oprimidos. A mensagem nelas contidas pode ser destinada a um público juvenil mas também a um público mais crescido.

Ao contrário do que se passa no Continente, na Madeira, os escritores não enveredam pela literatura fantástica, pelas novelas “cor-de-rosa”, ou por temas disfóricos, como afirmam Leonor Coelho e Thierry Santos⁸³: “De fora, parecem ter ficado, até à data, a narrativa romântica, a “chick lit”, o relato de medo e a fantasia épica”.

Os temas mais fraturantes para crianças e jovens são as drogas, o racismo, a sexualidade, a violência e a morte. As obras que abordam estas temáticas devem ajudar os jovens a reagir aquando do contacto com essas realidades. Porém, na Ilha, esses temas são apenas aflorados, no álbum narrativo (mais para a infância) ou nas narrativas de aventura e de série (mais para um público adolescente).

Em contrapartida, a aventura, a indagação e o suspense cativam escritores e leitores afetos à Madeira. No que respeita às narrativas de aventura, importa destacar três escritores: Maria do Carmo Rodrigues, Francisco Fernandes e Ana Teresa Pereira.

Maria do Carmo Rodrigues “escreve novelas para crianças, jovens e adolescentes desde 1964 e tem sido uma grande impulsionadora da divulgação da literatura infanto-juvenil no país e na Madeira”⁸⁴. A autora viveu entre a Madeira e o Continente e são estes lugares que são retratados nas suas obras.

Para o público juvenil, a autora publicou cinco obras: *A Mensagem Enigmática* (1993) e *A Jóia do Imperador* (1992) fazem parte da coleção “À Descoberta” e foram publicadas pela Editorial Presença; *Chamo-me Leovigildo - Páginas de um Diário* (1974), *À Porta do Teu Coração* (1988) e *O Vencedor* (1964) foram lançadas pela Editora Vela Branca. *Chamo-me Leovigildo - Páginas de um Diário* tinha sido inicialmente publicado no projeto *A Canoa*. Pertence agora à coleção “Livros para a juventude”.

Estas narrativas têm como cenário a ilha da Madeira ou o Continente, nomeadamente, os arredores de Lisboa. Estes textos não chegam a formar uma série,

⁸³ COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2015), *op. cit.*, p. 240.

⁸⁴ *Idem*, (2011), *op. cit.*, p. 85.

visto que, para tal, todas as personagens teriam de transitar de uma narrativa para a outra.

No entanto, apesar de não chegarem a “constituir uma “série”, à semelhança dos livros de Ana Maria Magalhães e de Isabel Alçada, estes quatro textos de Maria do Carmo Rodrigues relatam também as aventuras vividas por jovens, unidos por laços de amizade e de sangue.”⁸⁵

Nos livros de Maria do Carmo Rodrigues, existem personagens que são referidas várias vezes. Paulo surge em *A Jóia do Imperador* e em *A Mensagem Enigmática*. De facto, este último texto dá continuidade às aventuras do jovem protagonista. Em *A Mensagem Enigmática* e *Chamo-me Leovigildo - Páginas de um Diário*, estão presentes os irmãos Leovigildo e Susana. À semelhança do acontece nas obras anteriormente mencionadas, em *A Jóia do Imperador* e em *O Vencedor*, surgem os irmãos Diogo e Isabel. Em todo o caso, a escrita de Maria do Carmo Rodrigues transmite aos mais jovens valores morais e éticos, como refere Leonor Coelho⁸⁶:

(...) manifesta na sua escrita a vontade de moldar crianças e jovens com o intuito de os tornar homens dignos, preocupados em fazer o bem, atentos às vicissitudes da vida e às necessidades do Próximo.

Na verdade, estes textos preparam para a vida o jovem leitor e constituem-se como romances familiares. São jovens da mesma família e são sempre muito acarinhados pelos pais, mediadores e educadores incontornáveis.

Por sua vez, os livros de aventuras de Francisco Fernandes já pertencem a uma literatura de série. Neles, o escritor conjuga a aventura, o suspense, o mistério e o policial.

A produção juvenil de Francisco Fernandes, através da série “O Enigma”, foi lançada pela editora 7dias 6noites: designadamente *O Enigma do Código *uSn* (2009), *O Enigma da Casa das Mudanças* (2010) e *O Enigma do Palácio* (2011). Estes três textos, além de abordar as aventuras de um grupo de jovens, também dão a conhecer o património da Ilha da Madeira, principalmente os monumentos construídos a partir do século XVI, na cidade do Funchal, e o Centro das Artes “Casa das Mudanças”, na Calheta.

⁸⁵ COELHO, Leonor Martins (2012), "A Literatura para a infância e juventude de Maria do Carmo Rodrigues", in PETROV, Petar; *et al.* (eds.), *Avanços em Literatura e Cultura Portuguesa Século XX*. Vol. 3, Santiago de Compostela – Faro, Associação Internacional de Lusitanistas, Através Editora, p. 273.

⁸⁶ *Idem, Ibidem*, p. 280.

O grupo de jovens é constituído por quatro elementos: Margarida, Rodrigo, João Pedro, Rebeca, mais conhecida por Becas, e o cão labrador, *Tung*. Estas obras chegam a constituir uma série visto que vêm a lume pela mesma editora e as personagens transitam de uma obra para outra, tal como refere o próprio escritor “As personagens de ficção “nasceram” com o *O Enigma do Código *uSn* e, depois com *O Enigma da Casa da Mudanças*⁸⁷.

Estes jovens são estudantes exemplares e mostram o atual mundo dos adolescentes que se comunicam através de *sms* e na internet, através do *MSN* ou do *hi5*, tal como refere Thierry Santos⁸⁸:

(...) o universo cultural aí descrito dá conta de comportamentos determinados pelas novas plataformas de comunicação e pelas indústrias de entretenimento, em que predominam letras de canções em inglês, séries televisivas e mensagens curtas numa linguagem informal.

As aventuras deste grupo iniciam-se sempre com uma proposta de trabalho ou uma visita de estudo da professora de história, Sara Veiga. As obras estão relacionadas com diversos desafios: na primeira, os alunos escolheram estudar os sinos das igrejas das freguesias do Funchal; na segunda, o grupo descobre as três fortalezas mais importantes para o Funchal e acaba por ter uma aventura no Palácio de São Lourenço; na última narrativa, a aventura dos jovens passa por uma visita de estudo ao Convento de Santa Clara e ao Centro das Artes – Casa das Mudanças. Nestes textos, os jovens acabam sempre por evitar mais um roubo, entrando em contacto com a polícia.

Ana Teresa Pereira, reconhecida autora no âmbito da literatura portuguesa contemporânea, direcionou-se, também, para a literatura juvenil, tendo publicado nove livros. Destes livros, cinco vieram a lume pela Editorial Caminho, na coleção “Labirinto”: *A Casa da Areia* (1991), *A Casa das Sombras* (1991), *A Casa dos Pássaros* (1991), *A Casa dos Penhascos* (1991), e a *A Casa do Nevoeiro* (1992). Quatro livros foram publicados pela editora Relógio d’Água, na coleção “Universos Mágicos”. Resultando da reescrita de dois livros anteriores, *A Casa das Sombras* e *A Casa do Nevoeiro*, surge *As Duas Casas* (2009) publicado pelo Relógio d’Água na coleção “Universos Mágicos”. *A Porta Secreta* (2013) e a *A Estalagem do Nevoeiro* (2014)

⁸⁷ FERNANDES, Francisco J. V. (2011), *O Enigma do Palácio*, Vila Nova de Gaia, 7Dias e 6Noites, nota do autor.

⁸⁸ SANTOS, Thierry Proença (2012), *op. cit.*, p. 296.

foram também lançadas na mesma coleção, à semelhança de *A Casa das Sombras e Outras Histórias* (2015), que recupera todas as propostas da série “A Casa”.

A autora conjuga o suspense, a indagação e o policial. Os protagonistas devem desvendar mistérios, mas, ao mesmo tempo, estas aventuras são de teor familiar. De facto, e como veremos mais adiante, uma nova configuração familiar, assente na família monoparental (mãe), como acontece tantas vezes na sociedade de agora, é sublinhada na escrita pereiriana.

Apesar de serem publicados fora da Ilha, estes livros são relevantes não só para o contexto nacional, mas, de igual modo, para o contexto regional. Veja-se, neste sentido, a observação de José António Gomes⁸⁹:

Seria excessivo enumerar aqui as várias coleções deste tipo de literatura de grande consumo, destinada a pré-adolescentes (...) destacaremos (...) as histórias de ambiente insular madeirense (com curiosas referências ao universo da tradição literária), de Ana Teresa Pereira (...).

O estudo mais aprofundado das narrativas pereirianas será apresentado no capítulo seguinte.

⁸⁹ GOMES, José António (1998), *op. cit.*, p. 66.

Não seria a mesma pessoa sem os livros que li na infância. Há imagens de livros que são uma parte de mim, tão fortes como as impressões do mundo exterior. (...) As grutas, as passagens, os quartos escondidos dentro das casas, numa interpretação simplista, remetem para o fantasma do retorno ao útero. Mas são também uma figuração labirinto (que segundo Nietzsche esboça a arquitectura da alma) e reflectem o desejo de um lugar escondido, quente e seguro (uma toca ou um ninho), um mundo dentro de outro mundo. Esse mundo pode ser um livro.

(Ana Teresa Pereira)

III – A escrita para a juventude de Ana Teresa Pereira

3.1. A literatura juvenil – A problemática da sua caracterização

O conceito de literatura juvenil, tal como aconteceu com o conceito de literatura infantil, sofreu de um certo menosprezo, tendendo, agora, para uma notória valorização. Com efeito, à semelhança das perguntas colocadas em torno da literatura infantil, o debate procurou responder a inúmeras questões: existe uma escrita específica para jovens? Qual a faixa etária a que se destina? A produção juvenil difere da produção dita institucional? O que poderá caracterizá-la?

Ao consultarmos o verbete “Literatura Juvenil”⁹⁰, da autoria de Maria Fátima Albuquerque, podemos ler a seguinte observação:

Literatura Juvenil é um tipo específico de expressão literária, constituído por obras de ficção, escritas geralmente por adultos e destinadas a um público juvenil, por isso, baseadas em contextos determinados, com conteúdos temáticos sistematizáveis e normas formais bem definidas.

Por sua vez, Julián Montesinos Ruiz⁹¹, no artigo “Necesidad y Definición de la Literatura Juvenil”, refere que a literatura juvenil possibilita uma leitura lúdica e didática. Em seu entender, esta literatura contribui para consolidar os hábitos de leitura que os jovens adquiriram nos primeiros graus de ensino escolar. À semelhança da literatura infantil, a literatura juvenil deverá, paulatinamente, complexificar a linguagem utilizada, sem a tornar excessivamente elaborada, procurando, assim, ter um léxico adequado ao leitor de 12 a 17 anos.

Segundo Francesca Blockeel⁹², a literatura juvenil tem como destinatário o pré-adolescente e o adolescente, correspondendo a uma idade entre os 9 e os 14 anos de idade. Maria de Fátima Albuquerque⁹³, no verbete “Literatura juvenil” anteriormente citado, afirma que:

⁹⁰ ALBUQUERQUE, Maria Fátima (s/d), “Literatura Juvenil”, Carlos Ceia (coord.), *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em <http://www.edtl.com.pt/business-directory/6144/literatura-juvenil/> [acedido a 7 de Outubro de 2015].

⁹¹ RUIZ, Julián Montesinos (s/d), “Necesidad y definición de la literatura juvenil”. Disponível em <http://servicios.educarm.es/templates/portal/ficheiros/websDinamicas/154/827dabe7.pdf> [acedido a 8 de Outubro de 2015].

⁹² BLOCKEEL, Francesca (2001), *op. cit.*, p. 18.

⁹³ ALBUQUERQUE, Maria Fátima (s/d), *op. cit.*

Em termos etários, podemos considerar que a Literatura Juvenil se dirige a um público de idade superior aos doze anos (...) os jovens passam a interessar-se por uma exploração de factos e acontecimentos do mundo em geral e racionalizam, criticam e seleccionam as experiências vividas.

Também João David Pinto Correia⁹⁴ refere que “a literatura juvenil devia ser entendida como a produção destinada aos jovens dos 12 aos 16 anos”.

Neste sentido, o estudioso António Moreno Verdulha⁹⁵, no artigo “Identidad y Límites de la Literatura Juvenil”, sublinha que a literatura juvenil corresponde a uma faixa etária entre os 13 e os 17 anos de idade: “*literatura de la adolescência y la juventud*, para aquellos receptores que han adolescência o están al salir de ella (llamada también la “primera juventud”, desde los 13 hasta los 17, aproximadamente)”.

Para além da questão da faixa etária, há que refletir em torno desta produção que se destina a estes leitores: quais são os temas preferenciais; pode esta produção ser uma ponte para a literatura dita institucional? Como difere da literatura infantil? Que papel pode desempenhar a literatura juvenil na formação do jovem leitor?

Para Francesca Blockeel, quando se trata de adolescentes, não basta “escrever contos mais ou menos longos ou adaptações e traduções, mas de lhes oferecer pequenos romances e narrativas intencionalmente a [eles] destinados.”⁹⁶

A literatura juvenil deverá, também, ser uma literatura experiencial. Os jovens leitores tentam encontrar na literatura temas que, de certo modo, lhes deem respostas aos dilemas que os inquietam e, assim, procuram personagens com as quais se possam identificar. Gabriel Janer Manila⁹⁷ vem corroborar esta ideia afirmando que:

A literatura juvenil (...) desenvolve um discurso que fala directamente aos jovens, explora os conflitos próprios da juventude, mas também permite uma possível identificação entre personagens e leitores. Ora, a ficção juvenil, em particular a de configuração policial, responde a esse sentimento de identificação dos potenciais leitores com as vozes do texto. Com efeito, essa literatura tende a espelhar práticas e hábitos culturais dos jovens, já que aborda problemas que lhes são específicos.

⁹⁴ CORREIA, João David Pinto (1978), *op. cit.*, p. 28.

⁹⁵ VERDULHA, António Moreno (2006), “Identidad y Límites de la Literatura Juvenil”, in SÁEZ, Maria Victoria Sotomayor (dir.), *Personajes y Temáticas en la Literatura Juvenil*, Madrid, Ministerio de Educación y Ciencia, p. 12. Disponível em https://books.google.pt/books?id=xHaC9SmtsR4C&pg=PA7&hl=pt-PT&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false [acedido a 14 de Dezembro de 2015]

⁹⁶ BLOCKEEL, Francesca (2001), *op. cit.*, p. 60.

⁹⁷ Gabriel Janer Manila citado por COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2013), "A formula fiction segundo Ana Teresa Pereira", in *Reflexos- Revue pluridisciplinaire du monde lusophone*, nº 2, Université de Toulouse II - Le Mirail, Disponível em http://e-revues.pum.univ-tlse2.fr/sdx2/reflexos/article.xsp?numero=2&id_article=Varia_02proencadoc-508#haut [acedido a 12 de Maio de 2015].

O leitor juvenil é, regra geral, exigente. O jovem começa a interpretar o mundo e, conseqüentemente, ocorre um alargamento do “eu”. Por se tratar de uma idade de inquietação, o leitor distancia-se do seu mundo familiar e escolar.

Um leitor jovem quer encontrar livros dinâmicos, com temas consolidados ou temas fraturantes, que lhe permita reencontrar modelos, fórmulas e personagens com as quais se possa identificar. Tal como alude Maria Fátima Albuquerque:⁹⁸

(...) os jovens procuram na Literatura temáticas actualizadas que lhes transmitam respostas para os problemas que os perturbam e, porque etariamente é uma idade de inquietação e sobressalto, este jovem público leitor prefere livros dinâmicos. Constituídos por muitos acontecimentos e vividos por personagens com quem se possam identificar.

A literatura para adolescentes não deve ser tão moralizadora. Neste sentido, afasta-se da escrita de receção infantil que tende, mesmo que subtilmente, a transmitir valores e conselhos. Assim, Emili Teixidor⁹⁹ assegura que:

la LJ há de huir de la diyuntiva de la “literatura de valores o el valor de la literatura”, pues en la literatura Juvenil caben todos los temas siempre que sean tratados com verdade y sin crudeza, y siempre, obvio es decirlo, que esté escrita com rigor y calidad.

Fanuel Hanán Dias¹⁰⁰, no artigo “Literatura juvenil, sobre el filo de una corda”, define a literatura juvenil como sendo uma literatura de ponte entre a infância e o mundo adulto:

la literatura juvenil sí tiende esse puente entre las lecturas de infancia y aquellas que hacemos como adultos. Pero, sobre todo, colocan al lector sobre filo de una cuerda sobre la cual intentamos mantener el equilibrio de esse mundo seguro que estamos dejando atrás, pero también ayudam a realizar esse tránsito necessário para crecer (...).

Jaime García Padrino corrobora esta ideia, ao afirmar que a literatura juvenil é uma literatura de transição, destinada a leitores do 3º ciclo e do ensino secundário.

⁹⁸ ALBUQUERQUE, Maria Fátima (s/d), *op. cit.*

⁹⁹ Emili Teixidor citado por RUIZ, Julián Montesinos (s/d), *op. cit.*

¹⁰⁰ DIAS, Fanuel Hanán (2008), “Literatura juvenil, sobre el filo de una corda”, in *Barataria – Revista Latinoamericana de Literatura Infantil y Juvenil*, vol. v, nº 1, p. 8. Disponível em <http://pt.calameo.com/read/000085494ba9e78722e8a> [acedido a 18 de Setembro de 2015].

A escola tem um papel importante, possibilitando aos pré-adolescentes e aos adolescentes desenvolverem e consolidarem hábitos de leitura, como referimos anteriormente. De facto, quer em contexto de sala de aulas, quer na biblioteca, quer, ainda, em atividades escolares, como concursos e feiras de livros, os adolescentes do 2º e 3º ciclo têm várias possibilidades ao seu dispor.

Assim, de acordo com Amando López e E. Encabo¹⁰¹, esta literatura deverá promover, sobretudo, competências éticas, comunicativas e literárias. Neste sentido, Julián Montesinos¹⁰² menciona que a literatura juvenil:

surge de la íntima necesidad expresiva de un autor, que tiene presente cuáles son sus primeros destinatarios lectores (el alumnado de Secundaria) y que es consciente de que su obra puede ser un texto de transición hacia otro tipo de literatura, pero que, al mismo tiempo, lo dota de un valor literario más allá del estricto ámbito educativo, y garantiza, por tanto, el placer estético de los lectores adultos.

No dizer de António Verdulha, o que caracteriza a literatura para jovens leitores, além da divisão cronológica e psicológica, são os temas abordados. Verdulha¹⁰³ observa, ainda, que na literatura juvenil surgem subgéneros literários que não são bem aceites na literatura adulta, como, por exemplo, as narrativas policiais, ou de terror:

Pero la diferencia entre literatura infantil y juvenil no responde sólo a una división cronológica y psicológica, que es realmente importante, sino que detrás hay otras diferencias importantes temáticas, formales y de recepción. Aun más, en la literatura juvenil tienen cabida subgéneros que no siempre son bien aceptados por la literatura adulta (narrativa policíaca, sentimental, o de terror, por ejemplo) y que la literatura infantil no ha desarrollado o no lo ha hecho “plenamente”.

Nesta perspetiva, Cervera¹⁰⁴ refere que é arriscado afirmar que a literatura juvenil é uma continuidade da literatura infantil. O estudioso discorda, ainda, que esta literatura juvenil aborde temas e problemas exclusivamente para os jovens:

¹⁰¹ Amando López e E. Encabo citado por RUIZ, Julián Montesinos (s/d), *op. cit.*

¹⁰² RUIZ, Julián Montesinos (s/d), *op. cit.*

¹⁰³ VERDULHA, António Moreno (2006), *op. cit.*, p. 12.

¹⁰⁴ Cervera citado por TOMÉ, Maria da Conceição D. A. F. (2013), *O Outro na Literatura Juvenil Portuguesa do Novo Milénio Vozes, Silêncios e (Con)Figurações*, Tese de Doutoramento em Estudos Portugueses, Lisboa, Universidade Aberta, p. 60. Disponível em https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3469/1/TD_MariaConcei%C3%A7%C3%A3oTom%C3%A9.pdf [acedido a 21 de Setembro de 2015].

El adolescente, y muy específicamente el joven, tiene su mundo de referencias más amplio y complejo. Y aunque la literatura, en este caso juvenil, assume funciones vicarias, es lógico que se le amplie cada vez más el de referencias, como necesidad de abrirse cada vez más a un mundo, el real, en el que tiene que integrarse próximamente. (...) la literatura juvenil a los problemas específicamente juveniles equivaleria a mantener el joven en su mundo (...)

Por sua vez, o estudioso Kiko Huici sublinha que deveria existir uma fronteira entre o adolescente e o jovem. No seu entender, existem muitas diferenças entre um leitor de treze anos (adolescente) com um leitor de dezoito anos (jovem): o primeiro encontra-se na primeira fase da adolescência; o segundo tem mais maturidade e consegue ter outra visão do mundo. Deste modo, Huici¹⁰⁵ afirma que:

(...) para os adolescentes parece justificar-se uma literatura adaptada às capacidade e necessidades psicológicas e estéticas, apresentando-se-lhes géneros literários considerados mais juvenis, como os livros de aventura, de fantasia, de mistério, os livros pertencentes à psicoliteratura ou ao realismo, as produções para os jovens devem estar mais próximas dos cânones literários da literatura para os adultos, devendo estes leitores ser capazes de ler também esta literatura, a mesma que é escrita tendo como destinatários os adultos.

Para Maria Madalena Silva, no artigo “Um mundo à parte: contributos para uma definição do subsistema da literatura juvenil”, o que difere a literatura juvenil da literatura infantil é a capacidade leitora dos seus recetores. Segundo esta estudiosa¹⁰⁶:

os títulos e o conteúdo dos estudos que se referem ao funcionamento deste subsistema, embora ostentem a referência a dois tipos de destinatários (...), raramente estabelecem qualquer distinção entre eles, excepto quando se trata de associar às diferentes faixas etárias diferentes competências de leituras.

Segundo José António Gomes, a leitura tem um papel importante para a formação dos jovens leitores, pois “aumenta a sua experiência e desenvolve a sua capacidade de compreensão e expressão. O hábito de ler (...) desperta e estimula a imaginação, fomenta e educa a sensibilidade, provoca e orienta a reflexão e cultiva a inteligência”¹⁰⁷.

¹⁰⁵ Kiko Huici citado por TOMÉ, Maria da Conceição D. A. F. (2013), *op. cit.*, p. 62.

¹⁰⁶ SILVA, Maria Madalena (2010), "Um mundo à parte: contributos para uma definição do subsistema da literatura juvenil", in GOMES, José António et al. *Maré de Livros*, Porto, Deriva, p. 64.

¹⁰⁷ GOMES, José António (2006), *op. cit.*, p. 5.

Os jovens, como têm mais consciência do mundo que os rodeia, tornam-se independentes e críticos do mundo dos adultos, conforme observa Maria Madalena Silva. Para esta estudiosa¹⁰⁸, eles:

são agentes de uma cultura que se afirma fora da esfera de influência dos adultos, suficientemente poderosa, embora marginal, para projectar os seus efeitos nas formas da cultura dominante (música, moda, na linguagem...), ao contrário da cultura infantil, que continua a ser claramente controlada pelos adultos.

A literatura juvenil enveredou por diferentes subgéneros e temas. É no final do século XX que a literatura de tendência realista vem, de certa forma, modernizar a literatura juvenil com temas ligados ao dia a dia dos jovens. Por isso, as temáticas que estão ligadas à aventura, à descoberta do mundo, à vida e à morte, ao amor, à amizade, ao desencanto, sexo e drogas, são, regra geral, apreciadas por este público leitor. Temas fraturantes que não costumam estar presentes na literatura infantil.

A “chick lit”, que surgiu na década de 90, tendo inicialmente como público-alvo as mulheres adultas, atrai também as adolescentes por encontrarem nestas narrativas sugestões de beleza e entretenimento. Isabel Olid¹⁰⁹ refere que:

no século XXI, após tantas conquistas no âmbito da igualdade entre os sexos, surjam, e com uma pujança inquestionável, coleções dirigidas especificamente às raparigas, abordando a identidade feminina de uma forma sexista, superficial e estereotipada.

Recorde-se que no campo da “chick-lit”, a Editorial Presença lançou, em 2006, um romance intitulado *O Diabo Veste Prada*, de Lauren Weisberger, e, em 2007, através da editora Record, publica *Todo Mundo que Vale a Pena Conhecer*. Em 2009, foi reeditado a obra *Melancia*, de Marian Keyes pela editora Contraponto, o que parece corroborar o sucesso desta tendência a nível mundial.

No que diz respeito ao diário, várias editoras portuguesas apostaram nesta escrita do “eu”. A Bertrand Editora, em 2001, lançou a série “O Diário da Princesa”, de Meg Cabot. A Editorial Presença publicou, entre 2003 e 2007, treze obras da série “O Diário de Sónia” e, entre 2004 e 2006, editou quatro obras da série “O Diário Confidencial de

¹⁰⁸ SILVA, Maria Madalena (2010), *op. cit.*, p. 64.

¹⁰⁹ Isabel Olid citado por TOMÉ, Maria da Conceição; BASTOS, Glória (2011), “A herança dos irmãos Grimm na literatura juvenil contemporânea: a “chick lit” e as princesas do novo milénio”, in *Agália*, nº 103, 1º semestre, p. 12. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3216/1/artigoagalia.pdf> [acedido a 25 de Setembro de 2015].

Mariana”, ambas de Marta Gomes e Nuno Bernardo. Entre 2009 e 2012, lançou, também, a coleção brasileira “As cenas de Malu”, de Thalita Rebouças. Estas coleções têm como personagem principal uma adolescente que (d)escreve os problemas familiares, os assuntos amorosos e/ou os conflitos escolares.

Nos livros para a juventude, a literatura fantástica, na qual se inclui a “bit-lit”, ganhou notoriedade. De facto, na literatura fantástica, a realidade (ser humano) e o sobrenatural (fantasmas, vampiros, demónios, lobisomens, monstros) (con)fundem-se, acentuando nos textos um certo terror e horror que captam a atenção dos leitores. Não podemos esquecer, de acordo com Tzvetan Todorov¹¹⁰, que o fantástico:

(...) dura só o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se aquilo que percebem pertence ou não à “realidade” tal como ela existe para a opinião comum. No fim da história o leitor, se não a personagem, toma a decisão, opta por uma outra solução, e é assim que sai do fantástico. [...] O fantástico vive pois cercado de perigos e pode desaparecer a todo o momento.

E são estes perigos e estas hesitações que agradam ao jovem leitor. Na “fantasy”, o sucesso de *O Senhor dos Anéis* ou o de *Harry Potter* veio ditar estes novos gostos. Também em Portugal, os escritores mais jovens, como por exemplo Filipe Faria ou Pedro Ventura, enveredam por esses mundos fantásticos e sobrenaturais. Uma produção *crossover* que agrada quer a leitores mais novos, quer a *young adults*. Em todo caso, trata-se de uma literatura com marca própria que se tornou um filão de vendas inegável.

A literatura juvenil, para Gemma Lluch¹¹¹, é de certo modo, uma paraliteratura. Esta estudiosa faz, ainda, a distinção entre paraliteratura e a literatura institucional. Na paraliteratura, o estilo é secundário e é utilizada uma linguagem simples num modelo estandardizado e repetitivo. No seu entender, o discurso é linear e a ação é pensada e adaptada ao público leitor. Ao autor importa vender as obras e tornar-se numa marca conhecida; o jovem, por sua vez, parece apreciar a rapidez com que chega ao final do livro.

¹¹⁰ Todorov, Tzvetan citado por MONTEIRO, Maria do Rosário (2010), “A Literatura Fantástica – um Género Literário Híbrido”, in MONTEIRO, Maria do Rosário, *A Simbólica do Espaço em O Senhor dos Anéis de J. R.R. Tolkien*. Disponível em http://www.fcsh.unl.pt/docentes/rmonteiro/pdf/literatura_fantastica.pdf [acedido a 13 de Fevereiro de 2016].

¹¹¹ LLUCH, Gemma (2005), “Mecanismos de adicción en la literatura juvenil”, in *Anuario de Investigación en Literatura infantil y Juvenil*, Vigo, Universidad de Vigo, Vol. 3, pp. 135-156. Disponível em <http://www.gemmalluch.com/esp/actividad/mecanismos-de-adiccion-en-la-literatura-juvenil/> [acedido a 20 de Outubro de 2015].

No que toca à literatura institucional, o estilo é supremo, a linguagem é cuidada e o discurso é elaborado. A história é pensada como única e a leitura requiere mais atenção. Visto sob este prisma, a literatura juvenil seria ainda uma voz menor.

Na opinião de José David Pinto Correia, a literatura juvenil, por ter tendência a restringir os códigos, foi, de facto, considerada uma literatura menor. Marginalizada, esteve próxima da paraliteratura. Para o estudioso¹¹²:

a literatura juvenil consiste fundamentalmente em práticas paraliterárias de «imaginação» que podemos caracterizar como próximas da «literatura de massa» (...) esta «literatura juvenil» (no seu sentido restrito) sabe adequar a sua mensagem ao «horizonte de espera» do seu destinatário, [com o intuito de] possibilitar alguns momentos de entusiasmo, de catalização da emoção, da imaginação da afectividade.

Segundo José David Pinto Correia¹¹³, a literatura juvenil:

não será (...) um capítulo da «literatura institucionalizada», mas apenas uma espécie de «paraliteratura», de «literatura marginal ou marginalizada». (...) visto que a paraliteratura, é tudo quanto está à margem da literatura, se identifica com mais de 90% de produção escrita. Situaríamos a «literatura juvenil» (so seu sentido restrito) muito próxima da «paraliteratura de imaginação», caracterizando-se mesmo por se encontrar quase do domínio da «literatura de massas».

Porém, Francesca Blockeel, em *Literatura Juvenil Contemporânea: Identidade e Alteridade*, afirma que a partir dos anos 80, a literatura juvenil ganhou um estatuto incontornável.

Maria Madalena Teixeira da Silva questiona o facto de existirem obras de qualidade dirigidas aos mais novos e serem menosprezadas por alguns estudiosos ao integrá-las nas obras de paraliteratura. Para a estudiosa¹¹⁴:

(...) o conceito de paraliteratura tem sido associado à expressão de minorias, o que, de forma menos feliz, acarreta a noção de preconceito e entra amiúde em conflito com a consciência de que essas obras envolvem maiorias significativas de leitores. Outros dois paradoxos afectam esta definição: o primeiro é o da exclusão do critério de qualidade, por falta de definição objectiva dos seus parâmetros, quando, na realidade, é a valorização qualitativa que está, em princípio, subjacente à crítica literária; o outro reporta-se à exclusão de certos subgéneros, como o romance policial, os romances em série ou em ciclo, a chamada literatura de género (ficção

¹¹² CORREIA, João David Pinto (1978), *op. cit.*, p. 37.

¹¹³ *Idem, Ibidem.*

¹¹⁴ Madalena Teixeira da Silva citado por PINHEIRO, Melina Galette Braga (2015), *Uma Leitura do Romance A Vida No Céu, de José Eduardo Agualusa, à luz do conceito de crossover fiction*. Dissertação em Línguas, Literaturas e Culturas, Aveiro, Universidade de Aveiro, p. 20. Disponível em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/14619/1/Tese.pdf> [acedido a 22 de Dezembro de 2015].

científica, realismo fantástico, etc.), quando muitas obras facilmente enquadráveis nesses paradigmas passam a ser consideradas como parte do sistema literário canónico, se assinadas por autores que já o integrem.

É certo que a produção que se destina a um leitor cada vez mais exigente responde a certas características: esquemas narrativos (muitas vezes estandardizados); personagens idênticas (que se reencontram de livro para livro); escrita de série. Todavia, ela também responde a exigências claras quer ao nível da escrita, quer ao nível do artefacto: escrita com temáticas atualizadas; linguagem corrente; simplificação dos diálogos; escrita dinâmica; ilustrações pontuais e pouco infantilizadas; grafismo cuidado; qualidade física do livro.

Ora nem sempre é fácil responder a estes atributos. Respeitá-los, de facto, requer um trabalho cuidado e consciente por parte do escritor.

Em suma, a literatura juvenil é considerada por muitos estudiosos como uma literatura de fronteira ou de transição. Isto não significa que deve ser menosprezada. A literatura juvenil pode ajudar os adolescentes a entenderem novos horizontes, a construírem a sua personalidade, a compreenderem os problemas do dia-a-dia, a consolidarem hábitos de leitura e a descobrirem o seu lugar no mundo.

3.2. Aventuras, mistério e ação na escrita de Ana Teresa Pereira

É nosso propósito estudar os nove livros de literatura de receção juvenil de Ana Teresa Pereira. Estas narrativas de aventuras, mistério e ação seguem a *fórmula fiction*, e desenrolam-se no Arquipélago da Madeira.

A escritora inglesa Enid Blyton foi uma das pioneiras no que diz respeito à escrita de narrativas de aventura e de série. À semelhança desta autora, o modelo narrativo de Ana Teresa Pereira apresenta um grupo de jovens e um cão que, juntos, vivem várias aventuras e desvendam mistérios, durante o período de férias escolares, tal como constatam Leonor Coelho e Thierry Santos¹¹⁵:

O protótipo diegético é, pois, plasmado no esquema desenhado e popularizado pela escritora inglesa: encena-se um grupo de adolescentes muito autónomos, acompanhados por um cão, protagonizando as mais imaginosas aventuras num lugar misterioso para desvendar um delito ou uma situação enigmática.

¹¹⁵ COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2013), *op. cit.*

Enid Blyton influenciou Ana Teresa Pereira como leitora e como escritora. Ana Teresa Pereira cresceu com o universo ficcional de Enid Blyton, ao ler, sobretudo, os livros das coleções “Aventura” e “Os Cinco”. Para a escritora nascida na Madeira, a infância é um período relevante na formação do indivíduo. Em seu entender, os livros que lemos nessa fase da vida, assim como as histórias que ouvimos, influenciam-nos, conforme se pode ler na Revista *Isleña*:¹¹⁶

Eu sempre acreditei que somos feitos das histórias que nos contaram em crianças (...) Não seria a mesma pessoa sem os livros que li na infância. Há imagens de livros que são uma parte de mim, tão fortes como as impressões do mundo exterior. A imaginação e a memória confundem-se totalmente.

Ana Teresa Pereira confessa numa entrevista a Rui Catalão¹¹⁷ que transpõe para os seus livros marcas e memórias da sua infância, ao afirmar que:

Nasci numa ilha, cresci numa ilha. Há imagens que fazem parte de mim: a neve a cair no Pico do Areeiro, a estrada velha do Seixal num dia de tempestade, o Paul da Serra coberto por um lençol de água; o Paul do Mar que até há alguns anos era um lugar solitário, “the edge of the world”. O jardim da Quinta do Palheiro, onde se passam tantas das minhas histórias. Mas também cresci numa casa onde havia gatos e livros, sobretudo livros ingleses. Há imagens de livros que são tão fortes como as outras: a rapariga que se perde de noite nas ruas escuras cheias de nevoeiro e encontra uma loja aberta; a casa junto à charneca e as quatro crianças que brincam no jardim e cantam “Mulberry Bush” Eu podia passar o resto da vida a escrever a partir dessas duas imagens.

Além destas imagens, a escritora não descarta aspetos que marcaram a sua infância, nomeadamente os seus hábitos de leitura. Em *A Estalagem do Nevoeiro*, através dos gostos literários dos jovens protagonistas, a autora confirma o facto de Enid Blyton a ter acompanhado no seu crescimento. Efetivamente, Daniela e Dinis afirmam que cresceram a ler os livros desta escritora inglesa, como podemos observar na seguinte passagem¹¹⁸:

A água escorria pelas rochas cobertas de musgos e ervas. – Parece que estamos numa aventura dos Cinco – disse Dani. O Dinis sorriu. – Eu também cresci a ler os livros dos Cinco. Ainda me lembro das ilustrações, das capas, dos títulos pelos

¹¹⁶ PEREIRA, Ana Teresa (2011), *op.cit.*, p. 46.

¹¹⁷ CATALÃO, Rui (2010), “Sou capaz de qualquer coisa pelos meus livros”, in *Público, Ípsilon*, 02 de Julho. Disponível em <https://anateresapereira.wordpress.com/outros-textos/%E2%80%9Csou-capaz-de-qualquer-coisa-pelos-meus-livros%E2%80%9D/> [acedido a 16 de Fevereiro de 2016].

¹¹⁸ Pereira, Ana Teresa Pereira (2014), *A Estalagem do Nevoeiro*, Coleção Universos Mágicos, Lisboa, Relógio d'Água, p. 29.

números... – É fácil – disse a mãe. – Número 1, *Os Cinco na Ilha do Tesouro*, número 2, *Nova Aventura dos Cinco*... Iam no número 15, *Os Cinco na Torre do Farol*, quando saíram do outro lado do túnel.

Ana Teresa Pereira seguiu o modelo arquitetado por Enid Blyton nas narrativas destinadas a um público juvenil, com uma diferença clara: as referências espaço-temporais alteram-se e, enquanto a ação no universo ficcional de Enid Blyton decorre numa ilha britânica, algures em meados do século XX, a ação dos romances de Ana Teresa Pereira tem como cenário a ilha da Madeira, nos anos noventa do século XX e em início do século XXI.

Subordinada à *formula fiction*, o conjunto formado por *A Casa dos Penhascos*, *A Casa da Areia*, *A Casa dos Pássaros*, *A Casa das Sombras*, *A Casa do Nevoeiro*, *As Duas Casas*, *A Porta Secreta*, *A Estalagem do Nevoeiro* e *A Casa das Sombras e Outras Histórias* desvenda as aventuras de um grupo de jovens no período de férias escolares¹¹⁹.

São, regra geral, narrativas que cativam o leitor, não só pela indagação e suspense que o mistério encerra mas, também, pelas relações familiares encenadas ou pelos temas tratados. De facto, as famílias do universo ficcional desta autora aproximam-se das famílias dos nossos dias: monoparentais, reconstruídas ou separadas pelas vicissitudes da vida.

Para além destas questões mais afetivas, a escritora não descarta o tratamento dos assuntos relacionados com a educação, defendendo a necessidade de fomentar a autonomia dos jovens adolescentes. Uma educação e uma autonomia que lhes permita desenvolverem capacidades de análise e realização artísticas. Assim, Ana Teresa Pereira parece promover a formação integral do ser humano, como constata Emer O’Sullivan¹²⁰, no excerto a seguir transcrito:

(...) a escrita de Ana Teresa Pereira para a juventude não deixará de abarcar esse estatuto educativo. Os seus livros encerram, efectivamente, aspectos que podem interessar os jovens leitores: temas de criatividade artística, relações familiares, exemplos de autonomia que qualificam o adolescente responsável, ativo e social, a coragem de enfrentar os próprios medos (...) os livros que seguem o modelo proposto pela *formula fiction* têm como função despertar esses leitores para uma nova forma de estar, mais autónoma e dinâmica.

¹¹⁹ Os livros *As Duas Casas* e *A Casa das Sombras e Outras Histórias* serão analisados à luz do conceito *crossover fiction*.

¹²⁰ Emer O’Sullivan citado por COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2013), *op. cit.*

As narrativas juvenis da série “A Casa,” da coleção “Labirinto”, têm uma estrutura comum muito peculiar na escrita da autora. Para além de terem o mesmo número de capítulos, e de não ultrapassarem as 86 páginas, as ilustrações são de José Miguel Ribeiro, apresentando-se:

(...) como um produto comercial com marca própria, sendo que a sua materialidade e sugestão, a sua roupagem e reconhecimento, ao comunicar com o mundo exterior, assumem uma dupla função, simultaneamente apelativa e identificadora- distintiva: exibem um formato estabilizado, com um número determinado de páginas (entre 75 e 86) e de capítulos (sempre doze), bem como uma capa fácil de reconhecer, sobre ilustração de José Miguel Ribeiro, a mostrar uma cena de perigo eminente para alguns dos protagonistas o clímax da narrativa.¹²¹

As contracapas desta série apresentam excertos que despertam no leitor a curiosidade e a vontade de descortinar o interior das obras. O livro tem, de facto, de cativar. Nesta perspetiva, as editoras recorrem a estratégias para prender a curiosidade do recetor. Assim:

a editora deve desenvolver a sua acção de marketing através de uma estratégia que inclua a criação de uma embalagem (capa) que capte compradores, um profundo conhecimento da concorrência, criação de uma marca da editora (ou de colecções) e o desenvolvimento de parcerias com organizações não-editoras que possibilitem uma mais forte presença no mercado.¹²²

É através da capa dos livros que Ana Teresa Pereira deixa o suspense e o mistério no ar. Os escritores podem usar o suspense como estratégia narrativa. Desta forma, vão gerar uma curiosidade, um interesse no leitor, que o levará a ficar “preso” até o final do mistério da narrativa.

Conforme Tzevedan Todorov¹²³, “no suspense, (...) mostram-se primeiramente as causas os dados iniciais (...) e nosso interesse é despertado pelo que vai acontecer (...)”.

Estas contracapas têm, precisamente, esse efeito. Ao lermos as contracapas, ficamos curiosos e queremos descobrir o interior do livro. Segundo o mesmo estudioso,

¹²¹ COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2013), *op. cit.*

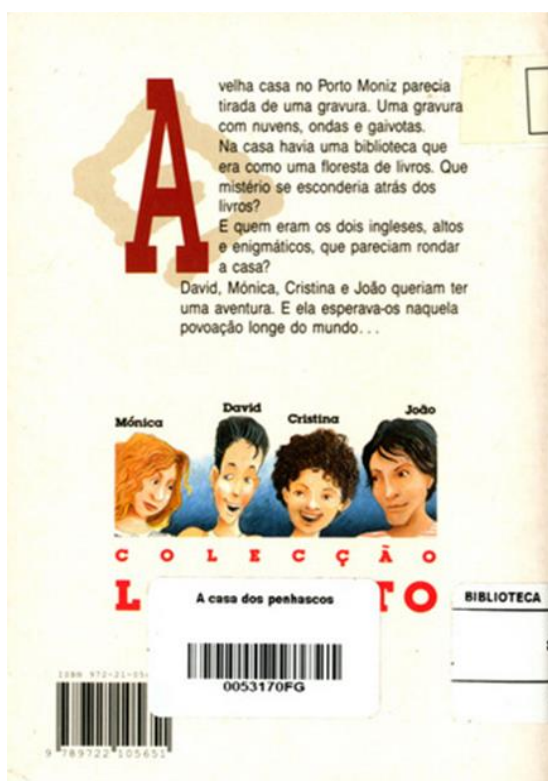
¹²² CARNEIRO, J. A. Nunes (2012), “Não Julgues o livro pela Capa”, p. 28. Disponível em http://www.janunes Carneiro.net/J._A._Nunes_Carneiro/Downloads_files/LivroNaoJulgueoLivropelaCap.pdf [acedido a 12 de Outubro de 2015].

¹²³ Todorov citado por RAMOS, Jozelma de Oliveira (2013), “As narrativas de mistério”, in *Mediação, Belo Horizonte*, v. 15, nº 16, jan./jun., Brasil, Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC), p.118. Disponível em <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/1428/pdf> [acedido a 15 de Fevereiro de 2016].

o suspense é incitado por indícios “como a caracterização de um personagem, a forma como este leva o leitor a simpatizar ou a identificar-se com ele, o teor da ação e o ritmo com que se desenrola a narrativa.”¹²⁴

Quando estes fatores se encontram ligados, eles estimulam a curiosidade e o interesse do leitor. Nas narrativas de suspense, não é apenas o mistério que envolve a história. Podem estar presentes elementos relacionados com o fantástico, como acontece em *A Casa dos Pássaros* (um fantasma que vagueia no cais) e em *A Casa das Sombras* (um fantasma que passeia pelos corredores da casa).

Na escrita de Ana Teresa Pereira, podemos referir que o suspense e o mistério começam nos títulos, e prolongam-se nas contracapas. Vejamos os seguintes exemplos:



"A velha casa no Porto Moniz parecia tirada de uma gravura. (...) Na casa havia uma biblioteca que era como uma floresta de livros. Que mistério se esconderia atrás dos livros? E quem eram os dois ingleses, altos e enigmáticos, que pareciam rondar a casa?" (cf. *A Casa dos Penhascos*)

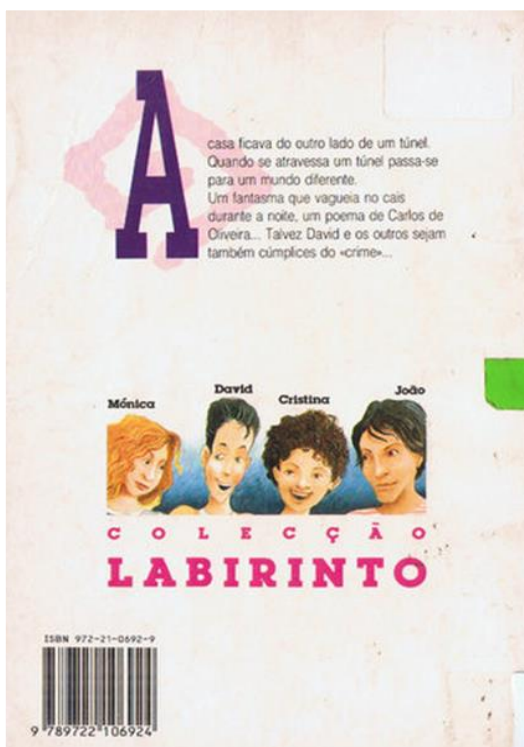
Fig. 1 Contracapa de *A Casa dos Penhascos*

¹²⁴ Todorov citado por RAMOS, Jozelma de Oliveira (2013), *op. cit.*, p. 118.



“A paisagem de areia, moinhos e vento começava a tornar-se melancólica. Quem era o estranho escritor que vivia na «Casa da Areia»? Por que motivo não se parecia nada com o seu livro? (...) começavam a acreditar que havia um fantasma na velha casa isolada...” (cf. *A Casa da Areia*)

Fig. 2 Contracapa de *A Casa da Areia*



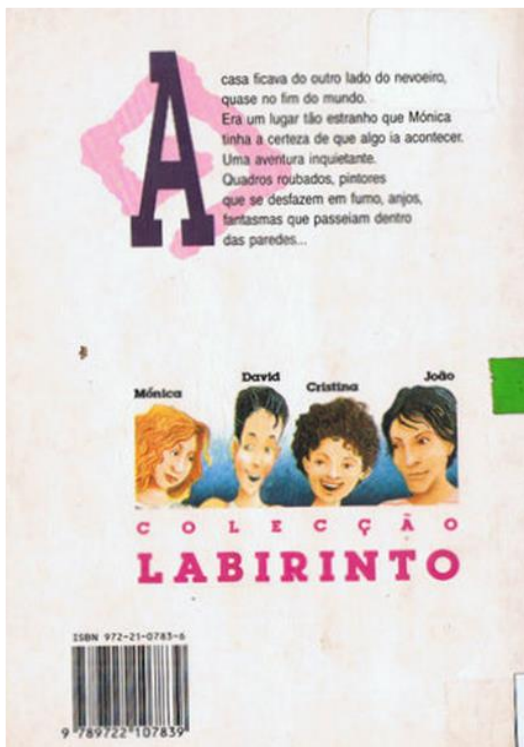
“A casa ficava do outro lado de um túnel. Quando se atravessa um túnel passa-se para um mundo diferente. Um fantasma que vagueia no cais durante a noite, um poema de Carlos de Oliveira... Talvez David e os outros sejam também cúmplices do «crime»...” (cf. *A Casa dos Pássaros*)

Fig. 3 Contracapa de *A Casa dos Pássaros*



“A casa era enorme e parecia deslizar um pouco para um dos lados (...) Na casa havia um fantasma que passeava de noite pelos corredores; uma pedra preciosa no fundo de uma gaveta; dois guardas sinistros que contavam histórias assustadoras...” (cf. *A Casa das Sombras*)

Fig. 4 Contracapa de *A Casa das Sombras*



“A casa ficava do outro lado do nevoeiro, quase no fim do mundo. (...) Uma aventura inquietante. Quadros roubados, pintores que se desfazem em fumo, anjos, fantasmas que passeiam dentro de paredes...” (cf. *A Casa do Nevoeiro*)

Fig. 5 Contracapa de *A Casa do Nevoeiro*



“ – Foram eles que te apanharam na biblioteca, David? – Sim. Saíram da abertura atrás da tela e ficaram tão surpresos ao ver-me como eu ao vê-los. Não tive tempo de fugir. (...) Tu deixaste cair uma pedrinha vermelha... – Sim. Para vos dar uma pista. Ainda bem que a encontraram. Não gostava nada de ficar aqui para sempre” (cf. *As Duas Casas*)

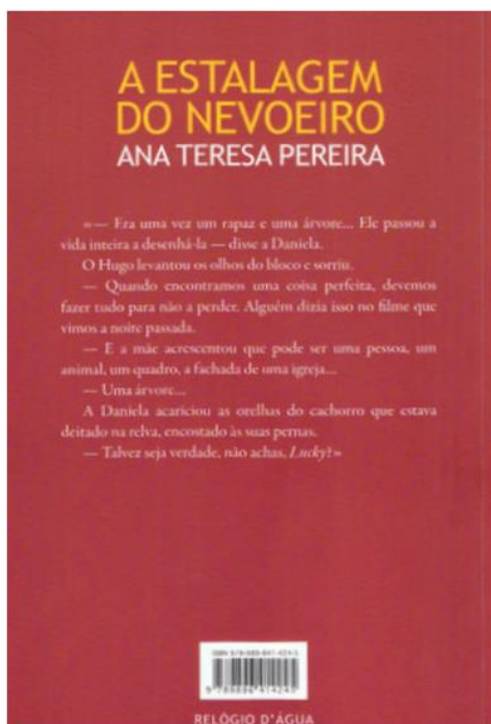
Fig. 6 Contracapa de *As Duas Casas*

Nos últimos livros, em particular em *A Porta Secreta*, *A Estalagem do Nevoeiro* e em *A Casa das Sombras e Outras Histórias*, as contracapas também são apelativas, apesar de mais sóbrias.



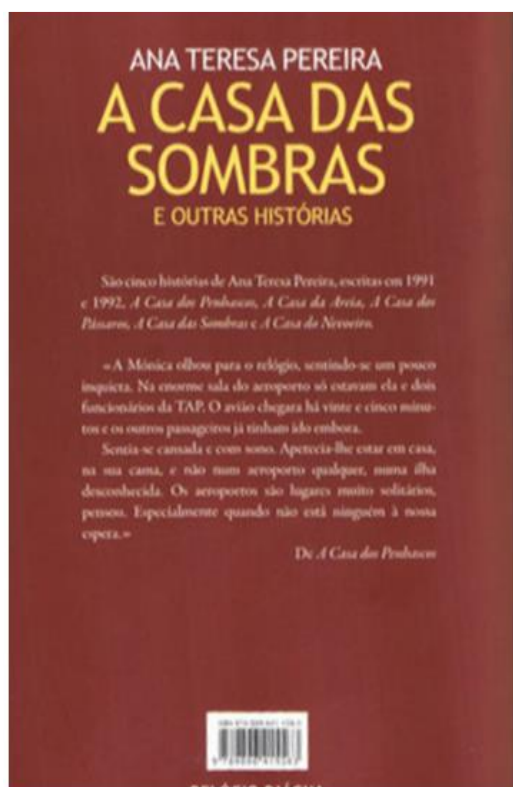
“Gostava imenso de visitar a Quinta-observou a Sara. – Não esta aberta ao público – disse a mãe. – Nem sequer aos turistas. Não percebo porquê. (...) pertence a uma família inglesa que raramente vem cá.” (cf. *A Porta Secreta*)

Fig. 7 Contracapa de *A Porta Secreta*



“Gostava imenso de visitar a Quinta- “ – Era uma vez um rapaz e uma árvore... Ele passou a vida inteira a desenhá-la (...) – Quando encontramos uma coisa perfeita, devemos fazer tudo para não a perder.” (cf. *A Estalagem do Nevoeiro*).

Fig. 8 Contracapa de *A Estalagem do Nevoeiro*



“A Mónica olhou para o relógio, sentindo-se um pouco inquieta. Na enorme sala do aeroporto sé estavam ela e dois funcionários da TAP (...) Apetecia-lhe estar em casa, na sua cama, e não num aeroporto qualquer, nua ilha desconhecida.” (cf. *A Casa das Sombras e Outras Histórias*)

Fig. 9 Contracapa de *A Casa das Sombras e Outras Histórias*

Com efeito, nas contracapas, as citações, criam um efeito de suspense e a escrita insiste nos efeitos de estranheza. Todos os livros apontam para um certo teor policial, dialogam com uma atmosfera incerta e inexplicável, roçando, ainda, o fantástico.

Nas obras para a juventude de Ana Teresa Pereira, as personagens constituem um grupo de jovens que, unidos pela amizade, vivem várias aventuras. Da série “A Casa”, os irmãos Cristina e David, órfãos de pai, vivem no Funchal com a mãe, Carla; a prima Mónica vive no Continente mas vem à Madeira passar as férias escolares; e o João é o amigo que vive no Porto Moniz. Estes jovens são acompanhados por um cão, o Charlie.

Apesar das suas diferenças, João e David complementam-se e formam uma dupla: João é fisicamente de compleição mais forte enquanto que David é mais intelectual. David é, também um leitor dos livros da mãe, quase sempre em primeira mão. A semelhança entre a profissão desta mãe e da própria autora não parece ser fruto do acaso. Com efeito, nesta série, a mãe é escritora e em *A Porta Secreta* trabalhará numa livraria. O gosto pela escrita e pelo mundo dos livros parece unir ficção e realidade.

No que respeita às figuras femininas, Mónica é a jovem mais intuitiva, sensível e meiga do grupo; Cristina é uma personagem autónoma e ponderada. De certa forma, também as duas primas constituem um duplo.

Estes jovens gostam de viajar e de ler, em particular David. O mar é um espaço muito apreciado, especialmente por João, que adora nadar. Todos gostam de andar de bicicleta e de jogar xadrez.

O relacionamento entre Carla e os mais novos mostra como os filhos confiam e respeitam a mãe. A escrita juvenil de Ana Teresa Pereira parece sugerir ao leitor que o diálogo entre as gerações é profícuo. Leonor Coelho e Thierry Santos¹²⁵ valorizam esta personagem da seguinte forma:

Personalidade atípica, escritora de profissão, Carla, (...) revela-se mais idealista do que materialista, simultaneamente prática e peculiar, porque desligada do mundo nos seus momentos de criação literária. As afinidades entre Carla e os adolescentes que tutela vinculam a importância do diálogo intergeracional que deve assentar numa relação de confiança, de reciprocidade e de responsabilidade. Através da sua figura, valoriza-se, por um lado a escrita, a decifração, a criação artística e a vivência de mundos funcionais, por outro constitui-se um exemplo que pode suscitar respeito ou até vocações junto dos jovens leitores.

¹²⁵ COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2013), *op. cit.*

As personagens que compõem a obra *A Porta Secreta* são os irmãos Sara e Miguel que, tal como David e Cristina, são órfãos de pai e vivem com a mãe, Ema. Mais tarde juntar-se-á o pintor Will Swift. Acompanhados por um cão, o Tommy, e uma gata, a Lucy, os irmãos têm em comum a paixão pelas artes: Sara aprecia a leitura e tem gosto pelas histórias que vai inventando; Miguel é um rapaz ligado às artes plásticas. Espertos e muito intuitivos, rapidamente percebem que Ema, solitária e muito ligada às plantas, se apaixona por Will Swift. No final da narrativa, o texto dá o retrato feliz de uma família atual, recomposta e intercultural.

D' *A Estalagem do Nevoeiro* fazem parte os gémeos Daniela e Hugo, a mãe destes, cujo nome não é mencionado, e Iris. Os irmãos têm a companhia de um gato e de um cão, o Lucky. Daniela é muito parecida com a mãe e Hugo está ligado às artes, pois tem uma grande apetência para a pintura. A mãe destes jovens trabalha para poder oferecer melhores condições de vida aos filhos. Íris é uma jovem pouco sociável que evita o contacto com as pessoas. No entanto, vai criar uma grande amizade com Hugo e Daniela. Esta jovem gosta muito de ler e, também, de escrever histórias.

São, desde já, notórias as semelhanças destas narrativas. As personagens são muito idênticas, definidas, quase sempre, pelo nome de batismo. Esta esquematização, assim como o próprio modelo narrativo, atraem o público mais jovem.

De facto, as aventuras da série “A Casa” começam sempre da mesma forma. Num primeiro momento, dá-se a chegada de Mónica à Madeira para passar uma temporada de férias; num segundo momento, juntamente com a tia e os primos, saem do Funchal para uma casa fantasmagórica e antiga que fica algures no interior da Ilha. Neste local afastado e isolado, acabam por acontecer as mais variadas aventuras. Essas aventuras também seguem um molde específico: primeiramente, as personagens detetam uma determinada situação; depois, fazem uma investigação; segue-se uma situação de risco e, por fim, há a resolução do problema, com um final feliz.

À semelhança da série “A Casa”, a ação de *A Estalagem do Nevoeiro* inicia-se com a família (Hugo, Daniela e a mãe) a saírem do Funchal para uma pousada situada no Paul da Serra. A ação vai desenrolar-se em torno dessa estalagem. Em *A Porta Secreta*, a autora inicia a ação com uma mudança de residência. Ema e os filhos mudam-se de um apartamento situado a oeste do Funchal para uma casa com jardim e com mais espaço. Trata-se de um lugar idílico que corresponde às expectativas da família.

Talvez por isso, a crítica a uma certa massificação destas fórmulas e esquemas tenha vindo a ser apontada. Para Eliacer Cansino¹²⁶, a narrativa juvenil não é muito inovadora, visto que os mesmos modelos são utilizados por vários escritores, tornando-a repetitiva e monótona:

(...) la novela juvenil actual adolece de monotonía (“no posee ningún carácter de singularidade, y, por tanto, suproducción es clónica, monótona y prescindible”); asimismo, es una literatura que abunda en la banalidad temática (...) y, por último, parece que los textos no surgen de una necesidad interior del escritor, son novelas “vacías”, *sin experiencia interior*.

Não partilhamos esta ideia no que diz respeito à escrita de Ana Teresa Pereira. Os seus livros não são monótonos nem vazios. A escritora incutiu-lhes vida, suspense e muito dinamismo, nomeadamente no relevo dado à casa e à sua influência na vida das personagens.

A casa é, deveras, uma figura importante e está muito presente nas obras de Ana Teresa Pereira. Segundo a escritora¹²⁷: “No fundo de todos nós há a imagem de uma casa, que existiu, ou não, na nossa infância. Voltamos lá de vez em quando: nos sonhos noturnos, nas fantasias diurnas, quando lemos Enid Blyton”.

A casa, normalmente, fica isolada e poderá ser um espaço familiar ou um espaço envolto de mistério e, de certo modo, hostil. É através da casa que temos acesso a outros lugares como a biblioteca, os quartos fechados, o alçapão e passagens secretas. Nesta perspetiva, Leonor Coelho e Thierry Santos¹²⁸ afirmam:

A casa representa aí esse espaço de duplicidade, simultaneamente familiar e estranho, onde nos podemos perder como um labirinto, encobrendo um alçapão, uma passagem e espaços secretos que alojam uma actividade paralela, escondendo algo ou alguém à espera de ser descoberto.

A este propósito, muito embora esteja relacionado com a produção dita institucional de Ana Teresa Pereira, Rui Magalhães¹²⁹ refere as características físicas e simbólicas dessas casas:

¹²⁶ Eliacer Cansino citado por RUIZ, Julián Montesinos (s/d), *op. cit.*

¹²⁷ PEREIRA, Ana Teresa (2011), *op. cit.*, p. 50.

¹²⁸ COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2013), *op. cit.*

¹²⁹ MAGALHÃES, Rui (1999), *O Labirinto do Medo: Ana Teresa Pereira*, Braga, Angelus Novus, p. 114.

O acesso à casa representa sempre uma espécie de percurso iniciático, de perseguição da suspeita (...) O espaço da casa não é todo igual; pelo contrário, e para além (...) dos espaços proibidos (...) há espaços que constituem, de uma forma muito nítida, o seu centro vivo e terrível.

Não sendo um universo tão aterrador na escrita juvenil de Ana Teresa Pereira, a casa também proporciona esse percurso, esse mistério, essa indagação.

Em *A Porta Secreta*, é de referir que a porta tem um significado relevante. É, de facto, através dela que se dá a passagem para a misteriosa Quinta dos Cedros, onde se desenrola a aventura. Aliás, de acordo com Jean Chevalier e Alain Gheerbrant¹³⁰, a porta:

(...) simboliza o lugar de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, (...) a porta abre-se para um mistério. Mas tem um valor dinâmico e psicológico; pois não só indica uma passagem, como ela própria convida a atravessá-la. É o convite à viagem para um além...

A passagem pela porta, pelo corredor, pelo alçapão ou pela biblioteca cria a ideia de transição para um mundo da ilusão e da irrealidade. Ao mesmo tempo, aumenta o suspense, prende a atenção do jovem leitor e faz-nos lembrar *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Também na escrita de Carroll, a passagem pode ser:

(...) momento de entretenimento ou prazer e angústia. O que se move é a dimensão dos pórticos, arcos, passagens, portas e janelas, que ganham evidência não só pela indicação de um deslocamento febril de cenas, mas, sobretudo, pela representação imaginária que traçam (...) é possível estar em permanente estado de trânsito, deslocar-se sem medida, entrar em qualquer lugar, atravessar qualquer passagem (até as mais apertadas) e ganhar espaços sempre novos e outros sem censura.¹³¹

As obras em estudo apresentam vários cenários e realidades do Arquipélago da Madeira. Esses espaços são importantes na valorização do património paisagístico e da identidade local. Estas narrativas de aventuras patenteiam as várias paisagens da Ilha, nomeadamente o cenário do Porto Moniz, Porto Santo, Madalena do Mar, Jardim da Serra, Paul do Mar, Funchal e Paul da Serra.

¹³⁰ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (1982), *Dicionário dos símbolos*, Lisboa, Editorial Teorema, p. 537.

¹³¹ ROMÃO, Lucília M. S. (2005), “No País das Maravilhas: Uma metáfora sobre o dizer na rede”, in *Revista Letra Magna - Revista Electrónica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, Ano 2, nº 3 - 2º sem, p. 4. Disponível em http://www.letramagna.com/lucilia_romao%20.pdf [acedido a 12 d Outubro de 2015].

Além das paisagens, os livros de Ana Teresa Pereira fazem referência aos aspetos culturais e históricos da Ilha. Respeitando as características da escrita juvenil, a escritora escreveu as suas obras de uma forma simples, com diálogos acessíveis e “procurou adequar as histórias ao estilo de vida e às preocupações dos jovens portugueses de finais do século XX (viajar, conviver, descobrir, dialogar, afirmar-se, superar-se).”¹³²

Dirigindo-se aos leitores, em geral, e aos leitores insulares, em particular, a escritora presenteia-nos com um grupo de jovens responsáveis e autónomos que gostam de viajar pela Madeira e de fazer novas descobertas. Os jovens querem resolver os mistérios a que são submetidos e é na procura dessa resolução que mantêm presa a curiosidade do leitor até ao final da narrativa.

Atualmente, os adolescentes, apesar de ligados às novas tecnologias, vivem cada vez mais isolados. Gilles Lipovetsky¹³³ aponta que estes jovens vivem numa época hipermoderna e hipertecnológica. No entender deste estudioso, os indivíduos “(...) são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, (...) mais tributários das modas, [mas também] mais superficiais, mais céticos e menos profundos.” A juventude vive cercada de aparelhos eletrónicos (telemóvel, computador, etc.). Isto leva a uma alteração da forma de viver, de pensar e de ver o mundo.

Ora não é isto que acontece nas narrativas pereirianas. O que surge na escrita de Ana Teresa Pereira são jovens independentes com gosto de viajar, dialogar e conviver. Leonor Coelho e Thierry Santos¹³⁴ afirmam que:

esta ficção configura um mundo sem computadores, nem telemóveis, nem novas tecnologias, privilegiando a busca da essência e a viagem no mundo interior de cada protagonista. A narrativa vai então destacar os momentos de convívio, o diálogo inter-geracional e o gosto pelas linguagens artísticas.

De facto, os livros de Ana Teresa Pereira tendem a contrariar esta modernidade líquida, de que nos fala também Bauman¹³⁵. Os jovens protagonistas não se isolam, não

¹³² COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2013), *op. cit.*

¹³³ Gilles Lipovetsky citado por BORTOLUZZI, Carolina Seeger (2012), *Fast Fashion: a realização dos desejos de consumo sobre as urgências da aparência na sociedade hipermoderna e hipertecnológica*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação Especialização em Publicidade e Relações Públicas, Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho, p. 11. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23339/1/Carolina%20Seeger%20Bortoluzzi.pdf> [acedido a 09 de Outubro de 2015].

¹³⁴ COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2015), *op. cit.*, p. 256.

¹³⁵ Cf. BAUMANT, Zygmunt (2001), *Modernidade Líquida*, Brasil, Zahar.

têm hábitos consumistas, não são individualistas e procuram o convívio familiar e afetivo. Isto não significa que não sejam apontadas algumas vicissitudes.

Por um lado, Mónica vem passar férias à Madeira para não ficar sozinha porque os pais viajam por motivos de trabalho, como podemos confirmar na seguinte citação: “...os pais, que eram jornalistas, estavam a fazer uma reportagem algures na Amazónia e Mónica fora forçada a passar as férias com a tia e os primos que viviam no Funchal”¹³⁶. Por outro lado, os irmãos David e Cristina, apesar de viverem com a mãe, ficam, de certo modo, afastados dela, porque Carla se desliga do mundo quando está a escrever: “(...) Carla escrevia romances policiais. Quando estava a trabalhar num livro, parecia viver na quinta dimensão, não se apercebia de nada do que se passava à sua volta.”¹³⁷ Nestas circunstâncias, os jovens procuram novas aventuras e entretenimento.

O primeiro livro da série “A Casa” tem como título *A Casa dos Penhascos*. A ação inicia com a chegada à Madeira de Mónica. As férias da Páscoa serão passadas com a tia Carla e com os primos David e Cristina, que ainda não conhecia. O primeiro contacto com os familiares foi positivo e nasceu uma relação de amizade entre todos. Como precisava de acabar de escrever um conto e gostava de fazê-lo em lugares sossegados, Carla decidiu passar uns tempos na casa de um antepassado, no Porto Moniz.

Muitos são os estudiosos que descrevem a mais-valia da viagem, pois implica conhecimento e abertura. Mais do que divertimento, a viagem permite que se descubra novas formas de ver o mundo. Nesta perspetiva, Biagio Avena¹³⁸ no artigo “Saberes e Conhecimentos que Emergem das Viagens e do Turismo: Filosofia, Antropologia, Cultura, Mitologia, História” considera “a viagem como um tempo e um espaço de aprendizagem, de (trans)formação de si em que existem diversas formas de difusão de conhecimentos.”

¹³⁶ PEREIRA, Ana Teresa (1991a), *A Casa dos Penhascos*, Coleção Labirinto, Lisboa, Editorial Caminho, p. 7.

¹³⁷ PEREIRA, Ana Teresa (1991c), *A Casa dos Pássaros*, Coleção Labirinto, Lisboa, Editorial Caminho, p. 11.

¹³⁸ AVENA Biagio (2010), “Saberes e Conhecimentos que Emergem das Viagens e do Turismo: Filosofia, Antropologia, Cultura, Mitologia, História”, in *Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul - Saberes e fazeres no turismo: Interfaces*, Brasil, Universidade de Caixas do Sul. Disponível em http://www.ucs.br/ucs/tplVSEminTur%20/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/gt02/arquivos/02/Saberes%20e%20Conhecimentos%20que%20Emergem%20das%20Viagens%20e%20do%20Turismo [acedido a 16 de Outubro de 2015].

Neste caso concreto, a viagem é fundamental pois permite a Carla ter a inspiração necessária para concluir o seu trabalho. Mas a viagem permite, de igual modo, suscitar a curiosidade junto dos mais novos.

É durante a viagem do Funchal ao Porto Moniz que Mónica e o leitor têm a oportunidade de conhecer a Costa Norte da ilha da Madeira. Nesse percurso, a paisagem natural, a estrada que fica entre o mar e as rochas, as levadas, os túneis de pedra e as cascatas são valorizados.

A narradora caracteriza algumas localidades da Costa Norte, nomeadamente o Seixal onde sobressaem

o mar muito azul, as flores na berma do caminho, as inúmeras cascatas, os túneis de pedra... quando chegaram a São Vicente, continuaram ao longo da costa norte. Viram falésias íngremes, aldeias onde as casas ficavam escondidas pela vinha, a sombra indecisa da ilha do Porto Santo ao longe.¹³⁹

Nessa deslocação, o Faial apresenta as encostas lavradas e o Ribeiro Frio alberga “naquela altitude, as montanhas (...) cobertas de Laurissilva, a floresta indígena. Loureiros, vinháticos, tis, folhados, urzes...”¹⁴⁰. Nesse local, é ainda possível ver a paisagem até aos Balcões:

Seguiram por entre as árvores, junto a uma levada (...) havia uma velha ponte de madeira sobre um pequeno riacho, agapantos, hortênsias azuis e brancos nas bermas, morangos silvestres, pássaros pequeninos saltitando nas urzes. Por fim, chegaram a um miradouro.¹⁴¹

O início dos romances juvenis de Ana Teresa Pereira, que se desdobra entre a partida do Funchal e a chegada a um lugar mais distante e bravio, é quase um roteiro turístico. As narrativas pereirianas poderiam, assim, ser lidas à luz da Literatura de Turismo, uma área cada vez mais explorada.

De facto, estes textos literários não deixaram de referir o valor turístico (quer seja as paisagens, a gastronomia, etc.) do lugar encenado. Perguntamos, tal como sugerido por Sílvia Quinteiro e Rita Baleiro, se a literatura – e estes livros em particular – não poderiam ser instrumentos de criação de destinos turísticos.¹⁴²

¹³⁹ PEREIRA, Ana Teresa (1991a), *op. cit.*, p. 36.

¹⁴⁰ *Idem, Ibidem*, p. 38.

¹⁴¹ *Idem, Ibidem*, p. 38.

¹⁴² Cf. QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita (org.) (2014), *LIT&TOUR – Ensaios sobre Literatura e Turismo*, Vila Nova de Gaia, Húmus.

De acordo com Harald Hendrix, a literatura de turismo não corresponde a um género literário, mas, sim, a uma categoria literária “virtual”. No entender de Hendrix¹⁴³, todos estes textos apresentam traços comuns, nomeadamente, quando:

(...) referem ou sugerem lugares que estimulam uma visita a esses mesmos lugares; promovem a criação de um itinerário turístico, mesmo que este não chegue a ser concretizado por turistas e [quando] motivam uma viagem, mesmo que seja uma viagem virtual (...)

Ora os textos em análise sugerem itinerários, promovem lugares, mesmo que filtrados pelo imaginário da autora. E esses itinerários levam-nos até a uma casa, sempre insólita e com vida própria.

No Porto Moniz, a casa de férias era antiga e fora construída por um antepassado. Essa casa:

(...) poderia, de facto, ser tirada de uma gravura. Era velhíssima, construída em pedra, e tinha algo que parecia uma torre. Ficava mesmo junto às falésias, no fim de uma pequena estrada em más condições onde só tinha espaço para um automóvel”.¹⁴⁴

Ao chegarem à casa de férias, os protagonistas encontraram dois homens e esta situação despertou alguma desconfiança nos jovens. Numa ida às piscinas naturais do Porto Moniz, Mónica apercebeu-se de que esses indivíduos estavam a observá-los. João, que vivia no Porto Moniz, era vizinho de Lisa. Foi, então, inquiri-la no sentido de descobrir algo sobre esses misteriosos desconhecidos. Como trabalhava num bar perto da pensão onde se encontravam os dois suspeitos, a jovem podia ter alguns dados a revelar. Lisa conta que são ingleses e que andam a questionar os moradores sobre a casa dos penhascos. Revela, ainda, que ouviu uma conversa entre eles: tinham de encontrar um tesouro e um diário.

Esse diário pertencia ao bisavô de Cristina, de David e de Mónica. Foi escrito nos últimos dias de vida e nele existe a referência de uma lenda acerca das Selvagens. Para perceber melhor a lenda, David consulta o *Elucidário Madeirense*¹⁴⁵.

¹⁴³ Harald Hendrix citado por QUINTEIRO Sílvia; BALEIRO Rita (2015), “As Tradicionais Casas Algarvias na Literatura: Contributo para o Desenvolvimento do Turismo Arquitetónico na Região”, in *International Journal of Scientific Management and Tourism*, Vol. 1, p. 155. Disponível em ijosmt.com/index.php/ijosmt/article/download/16/15 [acedido a 14 de Fevereiro de 2016].

¹⁴⁴ PEREIRA, Ana Teresa (1991a), *op. cit.*, p. 19.

¹⁴⁵ É uma obra que regista todas as problemáticas sobre o Arquipélago da Madeira.

Essa lenda refere um tesouro que foi escondido nas Selvagens, depois de ter sido saqueado de navios mexicanos por uma tripulação espanhola. Esta lenda está presente em várias obras destinadas aos mais jovens. A título de exemplo, destacamos *Maior do que a Lenda* de António Castro, já referenciada no capítulo anterior, e o *Os Piratas do Capitão Alforreca* (2013), de José Viale Moutinho, também já mencionada.

O trisavô dos jovens, juntamente com um companheiro, trouxe o tesouro para a Madeira e escondeu-o na casa onde estão a passar férias. Para chegar até ao tesouro, só há um caminho. Os protagonistas devem fazê-lo através de uma passagem secreta que existe na biblioteca, como podemos observar na citação:

O autor do diário pensava que o tesouro se encontrava numa gruta debaixo desta casa. O pai falou-lhe disso numa noite em que estava embriagado, Disse-lhe também que havia uma passagem secreta que começava na biblioteca e conduzia a essa gruta.¹⁴⁶

Ao chegarem à gruta, onde se encontrava o tesouro, deparam-se com duas arcas de moedas de ouro e joias. No regresso, surgem os ingleses que souberam da sua existência através do avô que, em tempos, foi mordomo naquela casa. Os ingleses acabam por prender os jovens na gruta e vão buscar reforços para levar o tesouro. Contudo, Mónica descobre uma outra saída que dá acesso à praia secreta. Posteriormente, João consegue trancar os dois intrusos na biblioteca e chamar a polícia.

O tesouro acabou por ficar para o Estado e John e James Kent foram entregues à Interpol, que também os procurava. Por fim, o grupo de jovens entra em contacto com o historiador e arqueólogo, Carlos Esteves, que se desloca à casa para examinar o achado.

Em *A Casa da Areia*, a ação desenrola-se no mês de Setembro, no fim das férias escolares, e decorre na ilha do Porto Santo. Uma vez mais, a prima juntar-se-á ao grupo: “Ah! E encontrei o carteiro que me deu esta carta para vocês. Acho que é da Mónica. Cristina abriu logo a carta. – Ela chega amanhã às onze! Diz que tem muita vontade de conhecer o Porto Santo. E que quer ter outra aventura”¹⁴⁷.

A narrativa dá-nos a conhecer a ilha do Porto Santo, uma das ilhas que fazem parte do Arquipélago da Madeira. A paisagem do Porto Santo difere da paisagem da Madeira. A ilha dourada tem um solo arenoso, é plana e tem uma bonita praia de areia. A escrita de Ana Teresa Pereira revela de imediato a beleza do lugar:

¹⁴⁶ PEREIRA, Ana Teresa (1991a), *op. cit.*, p. 59.

¹⁴⁷ *Idem, Ibidem*, p. 9.

Mónica sentia-se encantada com aquela paisagem árida, com as palmeiras e os moinhos abandonados. – É tão diferente da Madeira. Lá é tudo tão verde, tão húmido. Aqui estamos num mundo diferente. Mesmo os muros, reparem são pedras colocadas sobre pedras, e aparentemente não há nada entre elas. – Há partes da ilha onde as rochas parecem castelos – disse David. – E a praia, não imaginas como é bonita. A areia é mesmo dourada.¹⁴⁸

Contrariamente ao que sucedeu no livro anterior, agora temos a possibilidade de observar o mundo dos adultos. De facto, a mãe, quando não se encontra a trabalhar, tem mais disponibilidade para os mais novos. Dá-lhes mais atenção e passeia com eles: “Mónica lembrou-se das férias anteriores, quando a tia estava a escrever um livro e até se esquecia das horas das refeições. Agora parecia outra pessoa”¹⁴⁹. Contudo, os jovens protagonistas anseiam por descobrir novos lugares e ter novas aventuras durante as pausas escolares.

A casa que arrendaram para estas férias “era ampla e térrea, quadrada, e ficava no centro de um imenso jardim abandonado. Os pequenos tinham gostado muito da casa, sobretudo porque ficava próximo do mar.”¹⁵⁰

Durante um passeio pela Ilha, a mãe dos jovens protagonistas dá a conhecer à Mónica – e ao leitor – as bonitas paisagens. Passaram pelo Pico do Castelo, “uma pequena montanha arborizada”¹⁵¹, e prosseguem até o pico mais alto, o Pico do Facho. Como uma guia turística – ou não tivesse sido a autora também guia na Madeira – a mãe explicará a origem do nome: “ficava um homem de sentinela – esclareceu David. – E se visse aproximar -se um barco, pegava fogo a um facho para avisar a população.”¹⁵² Para além desta história, desvendam-se outras histórias relacionadas com a ilha do Porto Santo.

No percurso pela Ilha, não será descurada a zona quase deserta da Fonte da Areia. Esta fonte “ficava à beira-mar. Era apenas uma pequena fonte de água potável, mas as dunas à volta eram belíssimas”¹⁵³. Passaram pela Calheta, onde puderam ver, ao longe, a sombra das ilhas Desertas e, também, a ilha da Madeira. Tal como sucede com as outras narrativas em análise, este texto não deixará de ser um “roteiro turístico”.

¹⁴⁸ *Idem, Ibidem*, p.14.

¹⁴⁹ PEREIRA, Ana Teresa (1991b), *A Casa da Areia*, Coleção Labirinto, Lisboa, Editorial Caminho, p. 25.

¹⁵⁰ *Idem, Ibidem*, p. 10.

¹⁵¹ *Idem, Ibidem*, p. 26.

¹⁵² *Idem, Ibidem*, p. 27.

¹⁵³ *Idem, Ibidem*, p. 28.

No entanto, o que marcará esta narrativa é sobretudo o suspense e o enigma. Neste livro, o enigma passa por descobrir quem é realmente o homem que diz ser o escritor espanhol, Rafael Estrada. Carla conhece Rafael no Porto Santo, mas os jovens não gostam do escritor e acham-no antipático. Descobrem que alugou uma casa isolada, no norte da Ilha. A população diz tratar-se de uma casa assombrada. E vêm ainda a saber que o escritor não quer que ninguém se aproxime da moradia alugada. Tudo isto suscita uma enorme curiosidade nos jovens que tentam aproximar-se da residência do escritor para descobrirem o que o homem aí esconde.

O diálogo desta literatura juvenil com a escrita policial é, deveras, interessante. Escrita que Ana Teresa Pereira conhece bem, como revelou, por exemplo, em *Histórias Policiais*¹⁵⁴. Na narrativa policial, deparamo-nos com vários aspetos ao longo da investigação: ao mistério e a curiosidade, junta-se o medo, a inquietação e a assombração. As narrativas policiais, regra geral, narram o crime cometido, a investigação e a resolução.

As semelhanças da narrativa em análise com o romance policial parecem, pois, estar presentes. Veja-se, por exemplo, como o mistério se adensa. O falso Rafael não quer ninguém próximo da casa onde reside; a falsa identidade parece cada vez mais estranha; as desconfianças dos jovens aumentam; Rafael acaba por prendê-los. O rapto dos protagonistas, em jeito de crime cometido pelo falso escritor, é um ponto alto desta narrativa juvenil.

Nas narrativas policiais existe sempre um enigma, um detetive e uma investigação. Segundo Vítor Aguiar e Silva¹⁵⁵, “após a exposição de um enigma inicial, a intriga vai-se desenvolvendo até ao perfeito esclarecimento desse enigma, saciando-se a curiosidade do leitor com essa solução final.” Logo, o suspense é o que suporta as narrativas policiais:

O leitor está interessado não só no que aconteceu, mas também no que acontecerá mais tarde, interroga-se tanto sobre o futuro quanto sobre o passado. Os dois tipos de interesse se acham, pois aqui reunidos; existe a curiosidade de saber como se

¹⁵⁴ PEREIRA, Ana Teresa (2006), *Histórias Policiais*, Coleção Crime Imperfeito, Lisboa, Relógio D'Água.

¹⁵⁵ AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel (2008), *Teoria da Literatura*, 8ª ed. Coimbra, Livraria Almedina, p. 727.

explicam os acontecimentos já passados; e há também o suspense: que vai acontecer às personagens principais?¹⁵⁶

De igual modo, neste texto de Ana Teresa Pereira, o leitor vai querer saber o que se passou com os protagonistas raptados e quem é Rafael. Vejamos, pois, como a narrativa nos conta estas peripécias.

É no passeio pela Ilha que Cristina pergunta a Rafael se podem conhecer a sua casa. Perplexo, respondeu-lhe que só poderão comparecer no dia seguinte. A casa era enorme

parecia um pequeno castelo. Dava a estranha impressão de estar longe, embora a distância entre ela e o portão não fosse grande. Havia três níveis. O primeiro era árido e terminava num muro de pedras claras, o segundo era um jardim abandonado e no terceiro estava a casa.¹⁵⁷

Mónica observou que numa das janelas apareceu um homem que logo desapareceu. Algo de estranho se passava. João decidiu pernoitar num moinho abandonado com vista para a casa. Avistou um homem a fumar nas traseiras da moradia. O jovem conta o sucedido aos amigos. Ficam perplexos, pois a essa hora eles tinham ido ao cinema com o Rafael. Por conseguinte, era necessário averiguar a identidade desse vulto.

João decidiu explorar a casa mas acabou sendo preso pelo espanhol num dos quartos da residência alugada. David, Cristina e Mónica estranham a demora do amigo e vão procurá-lo.

Os irmãos, David e Cristina, deslocam-se à casa do escritor e entram por uma janela que estava aberta. Acabam, também, por serem apanhados pelo espanhol. Os jovens são salvos por Mónica que tinha ficado de vigia. Juntos, dirigem-se até a uma passagem secreta que dá acesso ao sótão, onde vive o verdadeiro escritor. Aí, Rafael Estrada confirma o segredo que David já tinha, em parte, descoberto.

O escritor revela que, enquanto ele fica isolado para ler e escrever, o seu irmão, Juan (que queria ser ator de teatro mas não teve sucesso e invejava o sucesso do irmão) o substitui:

¹⁵⁶ CREMA, Rafael Luís; LAGO, Cláudia (2012), “A Narrativa Policial em Janete Clair”, in *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, vol. 5, nº 4. Jun/Set, São Paulo, p. 6. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/8014/7483h> [acedido a 12 de Outubro de 2015].

¹⁵⁷ PEREIRA, Ana Teresa (1991b), *op. Cit.*, p. 33.

o meu irmão fazia-se passar por mim. Representava o meu papel na sociedade, aparecia na televisão, nos jornais, nas conferências... E creio que se entusiasmou com o papel. É capaz de tudo para evitar que alguém descubra que não é o famoso escritor.¹⁵⁸

Finalmente, os jovens podem regressar a casa, com a condição de não revelarem este segredo.

É, pois, em *A Casa da Areia* que, pela primeira vez, Ana Teresa Pereira introduz na série juvenil o duplo, um tema comum na literatura fantástica, e também na literatura institucional da autora¹⁵⁹. O duplo aparece para representar as contradições do ser humano: individual/social, bem/mal, racional/irracional. Estas contradições trazem:

a dualidade como uma impressão de estranheza entre os limites do real e do supra-real, do natural e do sobrenatural, do racional e do irracional, da vida e da morte, explicitando as contradições do homem e da sociedade.¹⁶⁰

Um dos momentos marcantes da narrativa é o encontro entre o verdadeiro Rafael com seu duplo, o “falso” Rafael. Um frente a frente que leva o verdadeiro escritor a reconhecer o seu “eu” no outro, o irmão, e a revelar as dicotomias notórias entre ambos.

A Casa dos Pássaros corresponde ao terceiro livro desta série juvenil. Nesta narrativa, narram-se as férias de Natal. Num primeiro momento, os protagonistas festejam o Natal no Funchal e, num segundo momento, mudam-se para a Madalena do Mar, onde Carla aluga uma casa. Os jovens designam-na por “A Casa dos Pássaros”, porque nela existem muitos gatos e gaivotas:

Era enorme, infundável. – É quase um castelo – murmurou Cristina. – Há espaço para uma comunidade de fantasmas – disse João. – Tem clima de um filme de Hitchcock – comentou David. Mónica não disse nada. Os quartos poeirentos, os corredores de paredes manchadas, as escadas que rangiam, a varada sobrevoada pelas gaivotas... tudo era um pouco irreal, como se estivessem a sonhar.¹⁶¹

¹⁵⁸ *Idem, Ibidem*, p. 73.

¹⁵⁹ A questão do duplo é visível, por exemplo, em *As Personagens* (1990), *A Cidade Fantasma* (1993), *O Rosto de Deus* (1999), *Se nos Encontrarmos de Novo* (2004), entre outras.

¹⁶⁰ LAMAS, Berenice Sica (2004), *O duplo em Lygia Fagundes Telles: um estudo em literatura e psicologia*. Porto Alegre, EDIPUCRS, p. 46. Disponível em https://books.google.pt/books?id=1mWNLHq2n9wC&printsec=frontcover&dq=isbn:8574304395&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CB4Q6AEwAGoVChMIjon-5Pa8yAIVB_M-Ch1Nhwho#v=onepage&q&f=false [acedido a 12 de Outubro de 2015].

¹⁶¹ PEREIRA, Ana Teresa (1991c), *A Casa dos Pássaros*, Coleção Labirinto, Lisboa, Editorial Caminho, p. 18.

Tal como sucede nas narrativas anteriores, o *incipit* do livro mostra ao leitor o caminho a percorrer entre o Funchal e a Madalena do Mar. Com a passagem pelo Cabo Girão, a narradora dá importância ao miradouro, que tem vista para o mar e para a baía do Funchal. Segue-se a Ribeira Brava e a Ponta do Sol, com os seus túneis, rochas e cascatas. Finalmente, os protagonistas chegam à Madalena do Mar:

Era uma povoação esquisita. De um lado da estrada ficavam casas, pequeninas, caiadas de branco, com vasos de flores e canteiros. Do outro lado a praia de calhaus com barcos, roupa a secar, flores e palmeiras.¹⁶²

Uma vez mais, este esquema narrativo e as descrições do lugar configuram-se quase como um roteiro turístico. Não podemos descurar o facto de a autora ter sido guia interprete, como anteriormente referimos. Parece, de facto, conhecer muito bem os pontos essenciais desses percursos. Mas o que também chama de imediato a atenção é a diferença paisagística desta zona da Ilha. Aliás, à medida que se vão aproximando do Paul do Mar, acresce um efeito de diferenciação em relação ao Funchal. Da mesma forma, o Paul do Mar encerra um lado fantasmagórico muito profícuo para mais uma aventura desta série.

Num passeio pela Madalena do Mar, os jovens deparam-se com Carlos Esteves. Sentado num café, perdido nos seus pensamentos, tem nas mãos um jornal que continha uma fotografia de uma:

(...) casa (...) quase idêntica àquela onde estavam a ficar. Uma bela quinta, antiga, rodeada por árvores enormes e rododendros em flor. David começou a ler o artigo, que dizia que no lugar daquela quinta ia ser construído um centro comercial ou algo do género (...).¹⁶³

Rapidamente, a amizade instala-se e, na companhia de Carlos Esteves, os protagonistas descobrem novos lugares da Ilha, nomeadamente a Calheta, onde tiveram oportunidade de ver um engenho em ruínas. Descobrem, ainda, o Jardim do Mar e o Paul do Mar. Esta última localidade apresenta-se como “um lugar fora do espaço e do tempo. Como se não ficasse na Madeira, ou mesmo neste planeta”¹⁶⁴.

Na Madalena do Mar, os jovens vão ao cais com o intuito de saber quem era o vulto entrevisto momentos antes. Começam a procurar pistas que possam desvendar o

¹⁶² *Idem, Ibidem*, p. 17.

¹⁶³ *Idem, Ibidem*, p. 40.

¹⁶⁴ *Idem, Ibidem*, p. 41.

mistério. Nesse momento, encontram Carlos Esteves, observando um grande projeto de construção que iria substituir a casa do Funchal, onde habitualmente residia.

O historiador revela que a casa da Madalena do Mar e a casa do Funchal pertencem à sua família, mas que a “A Casa dos Pássaros” tinha sido vendida, ficando a viver na quinta do Funchal. No entanto, essa casa também acabou por ser vendida. Ambas as casas tinham memórias da infância que ele não quer perder. E foi este o motivo que o levou a esconder, no cais da Madalena do Mar, o projeto da obra para a quinta. Fê-lo com o intuito de atrasar o começo da construção.

Carla fica a saber do sucedido. O historiador resolve entregar o projeto, mas os jovens não querem aquele desfecho. Então, David consegue uma solução temporária para o problema que adie o início das obras:

David tirou o maço das mãos de Carlos e estendeu-o à mãe. Ela tirou um cigarro, distraidamente. Olhava para o filho. Entre os dois pareceu estabelecer-se uma comunicação silenciosa. – Empresta-me os fósforos? – perguntou David ao homem. Este estendeu-lhe a carteira, como que hipnotizado. A mãe acendeu o cigarro. Depois, com um gesto distraído, encostou-o às folhas de papel. – Ardem tão facilmente...¹⁶⁵

A mensagem presente é muito significativa: “há casas que têm alma. E têm o direito de continuar a existir”¹⁶⁶. Existem nelas memórias que não queremos apagar. Destruir desta forma o projeto parece, à primeira vista, um ato condenável. Porém, esta solução é quase uma prova de amor e carinho.

A escrita para os mais novos alarga as competências linguísticas e comunicativas, mas também desenvolve competências afetivas. Os jovens procuram encontrar prazer nas suas leituras, “viver” experiências diferentes do quotidiano e compreender o mundo e a vida que os rodeia. Através da leitura, os jovens identificando-se, por vezes, com as personagens dos livros e com as suas ações:

como o leitor se identifica com as personagens pode, por interposta pessoa, viver sentimentos, problemas difíceis, procurando soluções ou podos em perspectiva dificuldades que muitas vezes seriam na vida real inultrapassáveis.¹⁶⁷

¹⁶⁵ *Idem, Ibidem*, p. 73.

¹⁶⁶ *Idem, Ibidem*, p. 66.

¹⁶⁷ SOUSA, Otilia da Costa (2007), “O texto literário na escola: uma outra abordagem - círculos de leitura”, in AZEVEDO, Fernando (coord.), *op. cit.*, p. 51.

O que faria o leitor perante o problema colocado? Teria a mesma ideia de Carlos Esteves? Desejaria perseverar a alma da casa? Optaria pela solução de David? Questões que levantamos e às quais, de certo modo, já respondemos.

O quarto livro da série, *A Casa das Sombras*, relata as férias de Carnaval do grupo de amigos, ocorridas no Jardim da Serra. É de destacar que o Carnaval é uma modalidade festiva na ilha da Madeira. No entanto, neste livro, existe um certo menosprezo por esta época e, principalmente, pelo cortejo de Carnaval muito divulgado no Funchal. Este desdém é notório quando Cristina refere que a mãe não gosta do Carnaval. O cortejo de Carnaval, tal como ele é proposto na Ilha, é, na verdade, uma importação cultural, a lembrar, por exemplo, o carnaval do Brasil. Desde logo se depreende a crítica a uma globalização cultural e a uma massificação redutora.

A narradora dá conta do caminho que os protagonistas percorrem até chegarem ao destino. Desta vez, passam pela vila piscatória de Câmara de Lobos e pelo Estreito de Câmara de Lobos. Fazem referência à gastronomia madeirense, nomeadamente, à espetada e ao bolo do caco. Por fim, chegam ao Jardim da Serra. Ao mencionar estes locais, a voz do texto pretende dar a conhecer o património da Ilha aos mais novos, valorizando a paisagem insular e a sua variada gastronomia. Corroborando a crítica que a escrita tece à estandardização dos usos, costumes e festividades, agora o texto concorre para a valorização da cultura e hábitos locais.

Sublinhe-se, ainda, que o Jardim da Serra parece ser um lugar que rompe com a realidade. Com efeito, esta freguesia “é um lugar muito especial – respondeu a tia. – Parece que não estamos na Madeira. Na realidade, parece que não estamos neste planeta.”¹⁶⁸

Carla arrendou uma casa para poder escrever uma novela, pois gostava de trabalhar em lugares calmos. Essa casa era enigmática, “imensa e sombria”¹⁶⁹. O seu interior era misterioso e tinha

alguns quartos fechados, que deviam ser os aposentos dos guardas, ao fundo do corredor. Escadas que aparentemente não conduziam a lugar nenhum. Uma grande biblioteca com inúmeros volumes antigos. Muito pouca luz. – Esta casa dá-me arrepios – disse Cristina. – Está quase inteiramente mergulhada na penumbra.¹⁷⁰

¹⁶⁸ PEREIRA, Ana Teresa (1991d), *A Casa das Sombras*, Coleção Labirinto, Lisboa, Editorial Caminho, p. 19.

¹⁶⁹ *Idem, Ibidem*, p. 24.

¹⁷⁰ *Idem, Ibidem*, p. 25.

Nela, vive a cozinheira, D. Dina, e o jardineiro, Ricardo, que “eram idosos e vagamente parecidos um com o outro. Perfeitamente sinistros, como saídos de um filme de terror”¹⁷¹, ambos com ar verdadeiramente assustador.

Se desde o início a narrativa encena um lugar misterioso, o efeito de insólito acentua-se cada vez mais. O casal revela ao grupo as coisas bizarras que acontecem na casa: os livros caem misteriosamente da estante, há ruídos estranhos, sentem a presença de um fantasma do escritor que vivia naquela casa, mas que:

morreu atormentado porque queria escrever um livro e não conseguiu. Os olhos de David brilharam de interesse. – E depois? – Ele passou os últimos anos de vida na biblioteca. Fechava-se lá de manhã à noite, mas, por vezes, quando lhe iam levar as refeições não encontravam ninguém. – Ele desaparecia? – Parece que sim. Mas nunca escreveu o livro e quando morreu não se foi embora. – Não se foi embora? – repetiu Cristina. – Continuou aqui, na casa. É por isso que o ouvimos passear nos corredores durante a noite. Os livros caem das estantes da biblioteca. Ou aparecem espalhados pelo chão. E por vezes batem à porta durante a noite.¹⁷²

Muito embora a literatura juvenil afeta aos autores da Madeira não enverede pela “bit lit” e pelo seu mundo vampiresco, ou pela narrativa gótica e pelo seu mundo sombrio, este livro de Ana Teresa Pereira dialoga com essas dissonâncias. De facto, encontraremos breves descrições que sublinham a (suposta) presença desse espectro.

Num dos passeios pelo parque, Mónica tem a sensação de estar a ser observada de uma das janelas da casa. Os jovens começam a investigar os acontecimentos invulgares que sucedem naquela casa, na tentativa de descobrirem por que os livros caem misteriosamente das prateleiras. É nessa investigação que David desaparece por entre a biblioteca. O jovem deixa uma pista, uma pedra vermelha, para poder ser encontrado.

A passagem do mundo real para o mundo da fantasia faz-se através de uma passagem secreta:

É o caso da biblioteca, verdadeiro lugar de passagem, de encontro de duplos e de enfrentamentos, lugar por excelência do misterioso e do terrível, mas também, tal como a casa, às vezes, ponto de encontro e de sedução que constituem o primeiro momento do enfrentamento. Muitas das cenas decisivas destas histórias ocorrem na biblioteca que é sempre, por isso, e pela natureza dos personagens, amantes de histórias e de livros, um ponto de referência absoluto. A biblioteca não é nunca um

¹⁷¹ *Idem, Ibidem*, p. 24.

¹⁷² *Idem, Ibidem*, p. 35.

lugar onde se guardam livros, mas a concentração absoluta de mundos no espaço da casa (...).¹⁷³

Na biblioteca, João, Cristina e Mónica, através da pista deixada pelo companheiro de aventuras, descobrem a passagem secreta existente por detrás de uma tela. Essa passagem labiríntica acentua o irreal

era como se houvesse uma casa dentro da casa. O corredor ramificava-se noutras passagens estreitas e os pequenos não sabiam bem por onde seguir. – Parece um labirinto – observou Mónica. (...) A casa era duas casas. Aqueles corredores formavam um mundo secreto, irreal.¹⁷⁴

E é aí que encontram David amarrado a uma cadeira. David explica que estava na biblioteca quando os dois ladrões saíram por detrás da tela e o levaram para aquele compartimento.

Um dos ladrões é o filho do casal e o outro é o seu cúmplice. Eles assaltam ourivesarias no Funchal e guardam os produtos naquela casa. De facto, a casa era “o lugar onde planeiam os roubos, onde guardam as joias. E onde se escondem quando a policia os procura (...) é um ótimo esconderijo. Esta casa isolada.”¹⁷⁵ Os jovens avisam naturalmente a polícia do ocorrido e os dois acabam presos.

Contudo, o texto ainda não chegou ao fim. Há que revelar se o escritor que morreu deixou alguma mensagem. Como ele parece rondar a casa, a questão dos seus escritos volta a inquietar os protagonistas.

Ora, no compartimento onde se encontrava David existia uma secretária. De uma das gavetas o jovem “tirou do interior um monte de folhas manuscritas, amarelecidas pelos anos”¹⁷⁶. Será o livro do escritor? E se for, não serão eles os guardiões de um segredo? Não deverão respeitar o desejo do seu autor? David põe a mãe a par das ocorrências, quer da história dos ladrões, quer da história do fantasma do escritor. Juntos acabam por queimar o manuscrito em memória do escritor pois “ele nunca quis que lessem o seu livro. Morreu como se não tivesse escrito nada. Era o seu segredo...”¹⁷⁷.

¹⁷³ MAGALHÃES, Rui (1999), *op. cit.*, p. 115.

¹⁷⁴ PEREIRA, Ana Teresa (1991d), *op. cit.*, p. 62.

¹⁷⁵ *Idem, Ibidem*, p. 65.

¹⁷⁶ *Idem, Ibidem*, p. 66.

¹⁷⁷ *Idem, Ibidem*, p. 75.

Não sendo a escrita juvenil uma produção muito moralizadora, o certo é que também acaba por veicular subtilmente algumas mensagens. É preciso respeitar os outros, dialogar com os mais velhos e encontrar equilíbrio nas decisões tomadas. Uma vez mais, mãe e filho são “cúmplices” nesta solução afetiva.

A Casa do Nevoeiro é o último livro da série “A Casa”. É na altura da Primavera que Carla e o grupo de adolescentes vão passar uns dias ao Paul do Mar, “um local fantástico, fora deste mundo...”¹⁷⁸, conforme é possível observar em *A Casa dos Pássaros*. Parece claro que Ana Teresa Pereira privilegia esta zona da Madeira

Apesar de a ação principal da história se passar na freguesia do Paul do Mar, a narrativa faz referências a vários aspetos da Ilha: o mar, as montanhas, as flores, a forma dos túneis, entre outros. São elementos recorrentes nas descrições do livro: “a descida para o Paul era vertiginosa. A estrada íngreme, os longos túneis, as montanhas desmesuradas cobertas de ervas e de água”¹⁷⁹. Esta descrição permite acentuar o mistério e o perigo iminente. Fica, assim, a descoberto o cenário onde a aventura vai decorrer. O enigma desta aventura, em torno do roubo de um quadro, foi noticiado pela imprensa local.

Nesta narrativa, descreve-se o Funchal, dando-se ênfase à Marina; alude-se também à Ribeira Brava. Finalmente, o Paul do Mar surge como um lugar de assombro, profícuo ao enredo criado. De facto, trata-se de um lugar a roçar o fantástico, com uma povoação que parece surgir fora da realidade. As ruas estreitas e as casas alinhadas entre o mar e essas ruas acentuam o efeito de estranheza:

era uma povoação estranha, fora do tempo e da realidade. As ruas estavam molhadas e as poças eram espelhos límpidos que reflectiam as casas. É surpreendente – exclamou David. – Não se parece com nada – confirmou a mãe. – Era esta a recordação que eu tinha, as casas ininterruptas entre a rua e o mar, estes muros de pedra que fazem pensar em fortalezas (...) as casas assim pegadas umas às outras. Parece uma única casa, muito longa...¹⁸⁰.

No Paul do Mar, Carla depara-se com o casal Sousa, de férias nessa localidade. Ao explorarem o local, os jovens descobrem uma capela no cais. Lá dentro está um homem com um comportamento suspeito. Ele passa horas a olhar fixamente para um painel com anjos.

¹⁷⁸ PEREIRA, Ana Teresa (1992), *A Casa do Nevoeiro*, Coleção Labirinto, Lisboa, Editorial Caminho, p. 15.

¹⁷⁹ *Idem, Ibidem*, p. 28.

¹⁸⁰ *Idem, Ibidem*, p. 31.

Era o mesmo homem que falou com a Mónica, no avião, aquando da viagem para a Madeira. Ela reconheceu-o. Ricardo Matos era pintor e vivia ali. Mas Mónica quer agora mais informações. Juntamente com os amigos, decide esperar por ele. Mas, o homem desaparece da capela. Perante o ocorrido, os jovens, inquietos, questionam Rui, que trabalhava na mercearia. É através desta conversa que se apercebem que havia mais alguém interessado no pintor. O casal Sousa também está interessado em obter mais informações sobre Ricardo Matos. Adensa-se, desta forma, o mistério.

Ao regressarem à capela, avistam o pintor. Ele contemplava novamente o quadro. Sem se aperceber da presença dos jovens, levantou o alçapão que existia ao lado do altar e que dá acesso à sua casa. Note-se, também aqui, a presença de uma passagem secreta que liga o mundo real e funcional ao mundo ilusório e estranho.

É no seguimento desta passagem – que separa e que liga simultaneamente duas realidades – que a dinâmica e o suspense do livro é maior. O grupo segue o pintor. O Sousa, que queria vender os quadros de Miguel Ribeiro (era assim que o pintor assinava os quadros), seguiu os jovens até à casa de Ricardo Matos. Acabou sendo neutralizado pelo artista que o obrigou a devolver o quadro que tinha roubado e que o autor contemplava na capela.

Ricardo explica que se isolou do mundo porque teve uma crise de inspiração. Gostou de um único trabalho que realizou. Trata-se do painel da capela que observa regularmente, para estudar os anjos e inspirar-se de novo. Apesar das múltiplas viagens e do reconhecimento da sua obra, Ricardo parece fechar-se no seu mundo:

Os meu quadros começavam a ser conhecidos – continuou o pintor. – Mas eu não estava contente com eles. Havia um único trabalho de que gostava. Aquele painel, na capela (...) Então resolvi afastar-me de tudo... fechar-me num lugar qualquer e estudar os anjos. – Como? – perguntou Cristina. – Lendo, seguindo o rasto dos anjos de um autor para outro: Rilke Balzac, Swedenborg, a Bíblia... Também viajei e vi quadros de grandes pintores: Rafael, Fra Angelico, Pierro della Francesca... Desenhei imenso, comecei algumas telas... e passei muito tempo a estudar aquele painel...¹⁸¹

Esta crise de inspiração e estes efeitos disfóricos serão rapidamente substituídos pelo companheirismo e pelo carinho. Com efeito, Carla e Ricardo Matos vão viver uma história de amor.

¹⁸¹ *Idem, Ibidem*, p. 82.

Como narrativas "psicológicas", no entender de Gema Llunch¹⁸², no final de alguns textos juvenis, superam-se conflitos, problemas interiores e renovam-se laços de afeto. David acha que o pintor e a mãe têm muitas afinidades. O gosto comum pela literatura e pela pintura, bem como a facilidade de se alhearem do mundo terreno contribuem para esse final feliz.

Contrariamente aos livros publicados na coleção "Labirinto", na coleção "Universos Mágicos", as narrativas não apresentam as mesmas características, visto que não constituem uma série. Importa, contudo, referir alguns aspetos particulares das últimas publicações de Ana Teresa Pereira. Assim, apenas *A Porta Secreta* apresenta ilustrações de Eduardo de Freitas. As restantes narrativas não têm qualquer ilustração.

Em nosso entender, a escritora parece querer atingir outros públicos. Como teremos a oportunidade de referir no ponto seguinte desta dissertação, as propostas que vieram a lume recentemente dirigem-se, quer a jovens leitores, quer a *young adults*. Se, por um lado, *A Porta Secreta* e *A Estalagem do Nevoeiro* ainda se dirigem a leitores juvenis, *As Duas Casas* e *A Casa das Sombras e Outras Histórias*, procuram, por outro lado, alcançar leitores um pouco mais velhos.

De facto, para além da ilustração estar cada vez menos presente, o número de páginas e a própria configuração do livro deve ser problematizada. O número de capítulos e, por conseguinte, a paginação variam de livro para livro.

A Porta Secreta apresenta-se com catorze capítulos e com 101 páginas; *A Estalagem do Nevoeiro* é constituída por onze capítulos ao longo de 74 páginas. Trata-se, pois, de um livro de tamanho reduzido, destinado preferencialmente a jovens leitores.

A obra *As Duas Casas* está dividida em duas partes, sendo cada uma delas composta por doze capítulos com um total de 145 páginas. Recordemos que *As Duas Casas* recuperam as duas narrativas anteriormente publicadas: *A Casa das Sombras* e *A Casa do Nevoeiro*.

A Casa das Sombras e Outras Histórias está repartido em cinco partes, tendo cada uma delas doze capítulos, num total de 243 páginas. Recordemos, também, que se trata de uma reescrita dos cinco primeiros livros juvenis de Ana Teresa Pereira. Quer pela nova roupagem do livro, quer pelo tamanho aumentado do mesmo, quer, ainda, pela sua

¹⁸² Gema Llunch citado por FUENTE, M. Isabel, (2002), "Concepto de Literatura Juvenil", in *Literatura infantil y juvenil. Teoría y didáctica*, Granada, Grupo Editorial Universitario.

aproximação a uma narrativa mais extensa, as últimas propostas da autora podem destinar-se a leitores de outras idades.

Vejam, por agora, a situação narrada em dois textos inéditos. Em *A Porta Secreta*, a ação ocorre entre meados de Outubro e Dezembro, nos arredores do Funchal. A obra relata a história de uma família que procura o caminho para a felicidade. Tal como nos livros anteriores, os irmãos Sara e Miguel não têm pai. Após a morte do marido, Ema deixou muitos dos seus planos para trás e teve de arranjar um emprego. Depois de a situação financeira se ter tornado mais equilibrada, Ema arrenda uma casa nos arredores do Funchal. Deixam o apartamento situado num bairro pouco apreciado, passam para uma casa “antiga e um pouco isolada (...) A casa ficava um pouco escondida pelos arbustos. Era pequena, um rés do chão e um primeiro andar baixo que talvez não passasse de um sótão”¹⁸³. Essa casa corresponde às expectativas da família que gosta de ter um jardim e animais: o cão *Tommy* e a gata *Lucy* juntar-se-ão em breve aos protagonistas desta narrativa.

O texto também acentua a estratificação social e, por conseguinte, os gostos de cada grupo: Ema, Sara e Miguel apreciam a casa do caseiro, simples e acolhedora; ao lado, ergue-se uma quinta inglesa, imponente mas acolhedora. Pertence a uma família inglesa, mas raramente os proprietários lá vão. Essa quinta fica escondida entre as árvores e tem uma presença muito forte. É uma casa misteriosa onde “O mistério da casa era a casa em si”¹⁸⁴. Apesar de não viver ninguém na mansão, também não se encontra aberta ao público.

Sara e Miguel, numa exploração pelo pequeno jardim, descobrem uma porta secreta. A casa de Ema foi, outrora, habitada por guardas da Quinta dos Cedros. Nesta configuração, era comum existir uma passagem que ligava as duas casas. Depois de abrirem a porta, os dois irmãos decidem explorar a quinta e deparam-se com o pintor Will Swift. O inglês conseguiu uma autorização para entrar na moradia. Desencadeiam-se, rapidamente, fortes laços de amizade entre o pintor e os jovens aventureiros.

A literatura juvenil, tal como a literatura infantil, promove o diálogo com o outro, a interação entre várias faixas etárias e uma cidadania mais dialogante. Também este livro aponta para o vetor do encontro e da harmonia. Mas, como não pode deixar de

¹⁸³ PEREIRA, Ana Teresa (2013), *A Porta Secreta*, Coleção Universos Mágicos, Lisboa, Relógio d'Água, p. 9.

¹⁸⁴ *Idem, Ibidem*, p. 31.

ser, é um texto de suspense e aventuras. Por isso, Sara e Miguel procurarão desvendar o mistério da Quinta dos Cedros.

Apercebem-se de que a luz de um dos quartos da quinta está acesa e decidem investigar. Os protagonistas descobrem o pintor num desses quartos. O artista inglês revela que aquela casa pertence ao seu irmão, que herdou toda a fortuna do seu pai. O pai do Will vivia em Londres e queria que ele estudasse em Oxford para mais tarde trabalhar nos negócios da família. Will queria ser pintor e foi estudar para Paris. A mãe ofereceu-lhe um quadro quando tinha dez anos e o seu irmão roubou-o. Guardou-o na Quinta porque, tal como o seu pai, colecionava quadros, mas não via a pintura como um trabalho sério. O pintor foi até à Quinta dos Cedros com o intuito de recuperar o quadro. A diferença familiar de Will é notória: ao pai e ao irmão coube-lhes o gosto pelo numérico e pelo lucro; à mãe e ao jovem ficou-lhes o apreço pela Arte e pelo Belo.

Paralelamente a esta história dissonante, existe a história de Ema e de Will e a vontade de reconstruir família: “(...) aconteceu algo de imprevisto. Encontrei dois amigos que se tornaram muito importantes para mim. E uma mulher que me parece uma das poucas provas da existência de Deus.”¹⁸⁵ Sara, Miguel, Ema e o Will Swift configuram, assim, o modelo da família atual.

Neste livro, contrariamente aos primeiros textos juvenis de Ana Teresa Pereira, não há nenhuma deslocação fora da capital da Ilha. A ação decorre quer na Quinta dos Cedros, quer na pequena casa alugada. De vez em quando, alude-se a uma ida até ao centro do Funchal. Até ao final da narrativa, como veremos no último ponto deste capítulo, há um conjunto de dados culturais, literários, artísticos que merecem uma análise mais detalhada.

Deter-nos-emos, por agora, na leitura de um novo livro de aventuras e suspense. *A Estalagem do Nevoeiro* desenrola-se durante as férias do Carnaval dos gémeos Hugo e Daniela, passadas numa pousada no Paul da Serra. A escritora volta a recuperar o modelo inicial da série “A Casa”, já que os protagonistas se deslocam para uma zona recatada da Ilha. Desta vez, o grupo reduz-se mas o mistério persiste. Uma vez mais, nesta época festiva, a mãe afasta-se da agitação carnalizante da cidade. É nessa estadia que os irmãos desenvolvem laços de amizade com Íris, uma jovem pouco sociável.

¹⁸⁵ *Idem, Ibidem*, p. 99.

A ação desenrola-se na estalagem de D. Sofia e nos arredores próximos desta casa. A estalagem vai ser vendida pois a concorrência hoteleira é forte. Antes, uma agência de promoção turística levava grupos de visitantes para aí irem almoçar; agora esta agência passou a trabalhar para outro restaurante. Esta situação leva à diminuição do número de clientes e, conseqüentemente, à falta de verbas para manter este negócio de família.

Apesar de a escrita juvenil não pretender veicular mensagens de forma muito evidente, não podemos silenciar a crítica aos excessos de construção que a Ilha sofreu neste últimos anos. O texto alude a uma modernização exacerbada que quebra o encanto do local.

O que mais preocupa a proprietária e familiares não é o facto de a pousada ser vendida, mas as construções que os novos proprietários querem realizar:

Mas era também a estalagem, pensar naquela velha casa transformada numa construção moderna, igual a tantas outras, dirigidas por pessoas que só queriam ganhar dinheiro... – E ninguém mais sairá do túnel e verá o vale como nós vimos hoje, com o nevoeiro a descer lentamente e a tocar as árvores e o telhado da casa.¹⁸⁶

Inicialmente, a estalagem ia ser vendida ao Casal Silva. No entanto, tal não aconteceu. Sublinhe-se que este casal, de gosto exuberante, muito pouco tem em comum com o espírito do lugar. Não será então por acaso que a estalagem vai permanecer nas mãos de quem ama o pitoresco e a dimensão humanizante da proposta hoteleira.

A pousada ganha novos sócios, o Senhor João e Laura. Entre eles existiu uma antiga história de amor. O Sr. João tinha pedido Laura em casamento cinco anos antes; a jovem não aceita o pedido porque queria ajudar a irmã Sofia. A partir de então, todos os anos o Sr. João regressa à estalagem, no mês de Fevereiro e, precisamente no dia de São Valentim, volta a pedir Laura em casamento. Desta vez, Laura aceitou o pedido e juntos vão salvar a estalagem.

Ele era dono de uma pastelaria no Funchal. Como o negócio lhe corria bem, poderia vender as pastelarias e investir nesta nova proposta, tornando-se sócio de Sofia. Temos, pois, um final feliz e um pacto com a harmonia. Este livro volta a sublinhar a importância do afeto e do compromisso. Numa era de betão e de uniformização cultural

¹⁸⁶ PEREIRA Ana Teresa (2014), *A Estalagem do Nevoeiro*, Coleção Universos Mágicos, Lisboa, Relógio d'Água, p. 21.

e turística, a narrativa apela a que se mantenha o traço inicial, o charme de outrora e o conforto da atualidade.

Assim, na estalagem, não haverá grandes transformações. Serão apenas introduzidas pequenas alterações: “Claro que, exceto alguns melhoramentos, a estalagem ficará igual. Tenho várias ideias para a tornar mais conhecida. Há muitas pessoas que se interessam pela natureza, pelos passeios a pé...”¹⁸⁷

Note-se que o início do texto aponta para a desmedida e a descaracterização que a Ilha tem vindo a conhecer: “O automóvel seguia pelas velhas estradas, algumas cavadas na rocha e cheias de curvas. A mãe tinha uma aversão enorme às vias-rápidas”¹⁸⁸. Se é certo que as novas infraestruturas facilitam a deslocação, esta família prefere contemplar a paisagem, passar por pequenas e pitorescas localidades e usufruir da natureza. Em todo o caso, reaviva a mensagem que a narrativa passada na Madalena do Mar já nos tinha transmitido: é preciso salvar as memórias de um lugar.

Regra geral, a escrita de Ana Teresa Pereira explora um repertório de imagens e de situações que parecem ser um depósito de um tempo e de um lugar que tende a apagar-se na contemporaneidade globalizante. Trata-se de um imaginário concebido como um lugar de “entre-saberes”¹⁸⁹, uma espécie de conhecimentos, de símbolos e de sonhos que permite ainda um “poética do devaneio”¹⁹⁰.

3.3. *As Duas Casas e A Casa das Sombras e Outras Histórias* – Abrindo caminho para a *crossover fiction*

Podemos definir *crossover fiction* como sendo uma literatura sem idade específica. No entender de Sandra L. Beckett¹⁹¹ a literatura *crossover* não se dedica, exclusivamente, às crianças e jovens. Esta literatura também vai ao encontro dos leitores adultos e está cada vez mais valorizada:

[...] *crossover fiction* does not consist merely of a few exceptional children’s fantasy titles that have enchanted today’s adults. Rather, it is an extensive body of diverse, cross-generational literature, with a very long history, that is finally being

¹⁸⁷ *Idem, Ibidem*, p. 59.

¹⁸⁸ *Idem, Ibidem*, p. 13.

¹⁸⁹ DURAND, Gilbert (1996), *Champs de l’imaginaire*. Textes réunis par Danièle Chauvin, Grenoble, Ellug.

¹⁹⁰ BACHELARD, Gaston (1984), *La Poétique de la Rêverie*, Paris, PUF. Poder-se-á também consultar *Idem* (1957), *La Poétique de l’espace*, Paris, PUF.

¹⁹¹ Sandra L. Beckett citado por PINHEIRO, Melina Galette Braga (2015), *op. cit.*, p. 15.

recognized as a flourishing and significant genre by writers, readers, publishers, and critics around the world.

Alguns escritores pretendem então abarcar leitores de várias idades, talvez para responderem às solicitações das editoras que, assim, conseguem lucrar de forma substancial.

Segundo Madalena Teixeira da Silva¹⁹², a literatura *crossover* corresponde a textos que “deixam de se dirigir a um público muito restrito, prevendo antes leitores sem especificação de idade e permitindo leituras diversas consoante a cultura ou a experiência de vida”. Podemos, também, considerar a literatura *crossover* como uma transição da literatura juvenil para a literatura adulta. Não se trata de uma literatura menosprezada ou fácil. Trata-se de uma literatura que aborda temas do interesse de várias faixas etárias.

Muitos jovens têm grande capacidade de interpretação. Regra geral, são atraídos por livros destinados aos adultos. Assim como alguns adultos, por terem um espírito jovem e por apreciarem alguns subgêneros narrativos, como a literatura de aventuras, de ficção científica ou a *fantasy*, podem querer ler textos dirigidos aos mais novos.

No entanto, os adultos sentem-se, de certo modo, infantilizados por aderirem à literatura juvenil, por muitos estudiosos considerada, ainda, uma literatura escapista. As editoras apostam então em capas diferentes para o mesmo livro, uma para os leitores adultos e outra para os jovens leitores, especificando as faixas etárias a que se destinam.

Ora, para Madalena Teixeira da Silva, é dispensável especificar o destinatário de um livro. Os livros para a juventude têm qualidades literárias, apreciadas quer por jovens, quer por adultos. Segundo a estudiosa¹⁹³:

Esta é uma asserção que me parece muito polémica, na medida em que não se percebe quais os efeitos práticos desta definição de público, a não ser que se parta do princípio (do preconceito) de que as obras escritas para os jovens seguem padrões de exigência e criatividade menos rigorosos que as restantes obras literárias – deverá entender-se que o público juvenil merece menos respeito do que os leitores adultos?!

Existem obras que foram escritas, inicialmente, para adultos e acabaram por ser populares junto dos mais novos. Veja-se, por exemplo, os contos de Perrault e as suas

¹⁹² Madalena Teixeira da Silva citado por PINHEIRO, Melina Galete Braga (2015), *op. cit.*, p. 12.

¹⁹³ *Idem, Ibidem*, p. 11.

múltiplas reescritas. Com *Harry Potter* de J. K. Rowling acontece o fenómeno contrário. A obra foi escrita para os jovens mas fez muito sucesso junto dos adultos. Isto parece significar que o requisito maior é sempre o da qualidade literária.

As Duas Casas e *A Casa das Sombras e Outras Histórias* podem ser lidas à luz do conceito de *crossover fiction* e pelo seu valor literário podem destinar-se a todos os leitores.

Como referimos anteriormente, *As Duas Casas* é uma reescrita de *A Casa das Sombras* e *A Casa do Nevoeiro*. Encontra-se dividida em duas partes. Cada uma delas corresponde à reescrita de um desses livros. Tal como na série “A Casa”, cada parte é constituída por doze capítulos e cada um desses capítulos apresentam um título sugestivos como, por exemplo, “E depois sempre em frente até amanhã”, “O Homem que procurava anjos”, “Uma lugar que só existe às vezes”. No final, é possível encontrar o índice, o que não acontece com *A Casa das Sombras* e *A Casa do Nevoeiro*.

Esta nova proposta configura-se como uma novela juvenil mas, também, já como um romance. A primeira versão apresenta a numeração a abrir o capítulo e, de vez em quando, uma pequena ilustração a preto e branco. Com a reescrita o artefacto tem outra roupagem: tem títulos, tem índice e a ilustração é quase inexistente.

Os títulos vão suscitar a curiosidade do leitor, sem pôr em causa o efeito surpresa, criando espaços em branco para uma interpretação diversa. A ausência de ilustração vem comprovar que o leitor não necessita de auxiliares de interpretação e leitura.

A reescrita implica escolher, eliminar e reconstruir as normas discursivas, linguísticas e textuais que estão presentes na produção original, tal como afirma Thierry Santos¹⁹⁴ em *De Ilhéus a Canga, de Horácio Bento de Gouveia: a narrativa e as suas (re)escritas (com uma proposta de edição crítico-genética e com uma tradução parcial do romance para francês)*:

Toda a reescrita consiste num processo de seleção, destruição e de reconstrução dos sentidos já materializados, de um conjunto semântico desvanecido e reaparecido com alterações, implicando uma série de variantes e de invariantes, o que convida à análise dos *décalages* (ou dissemelhanças) entre a versão anterior e a nova versão.

¹⁹⁴ SANTOS, Thierry Proença dos (2008), *De Ilhéus a Canga, de Horácio Bento de Gouveia: a narrativa e as suas (re)escritas (com uma proposta de edição crítico - genética e com uma tradução parcial do romance para francês)*, Funchal, Universidade da Madeira, p. 370.

Ainda assim, na problemática da reescrita podemos obter dois tipos de produções: os que incidem sobre produções de autores estrangeiros, que implicam a sua tradução, ou adaptação, e os que recaem em textos do mesmo autor, podendo haver uma mudança na estrutura textual, sendo o texto revisto, reelaborado ou retocado. E é neste último aspecto que podemos inserir as reescritas de Ana Teresa Pereira, pois a autora introduziu pequenas variantes a nível textual.

Apontaremos de seguida algumas diferenças entre o artefacto inicial e esta (nova) proposta literária. Na reescrita, deparamo-nos com mudanças significativas, nomeadamente, no que diz respeito ao nome das personagens:

<i>A Casa das Sombras</i>	<i>As Duas Casas</i>
Cristina	Rita
Cão Charlie	Cão Indy
Dina	Lina
Ricardo	José

<i>A Casa do Nevoeiro</i>	<i>As Duas Casas</i>
Cristina	Rita
Rui	Vítor
Casal Sousa	Casal Andrade

Duas observações podem ser apontadas: por um lado, o nome inglês mantém o referencial britânico muito apreciado pela escritora; por outro lado, a alteração do apelido pode talvez indicar um cuidado acrescido quanto à crítica subjacente no texto. De facto, o apelido Andrade não reenvia para nenhum grupo construtor da região que tenha feito fortuna nas últimas décadas.

Em *As Duas Casas*, existe uma preocupação em reduzir as imperfeições ocorridas nos últimos dois livros da série. Algumas frases são reformuladas; outras são acrescentadas. A pontuação é mais cuidada. Podemos observar estas breves distinções no quadro seguinte:

	<i>A Casa das Sombras/ A Casa do Nevoeiro</i>	<i>As Duas Casas</i>
Alteração do nome Frases Acrescentadas	“Cristina começou a desenhar uma casa na margem do caderno. Uma torre, uma janela marcada com um x, uma parede de pedra. Uma árvore sinistra, de filme de terror. – Passas o Carnaval aqui?– Perguntou Patrícia.” (<i>A Casa das Sombras</i> , p. 7)	“A Rita começou a desenhar uma casa na margem do caderno: uma torre em ruínas, uma janela assinalada com um x, uma longa parede de pedra. Uma árvore sinistra, de filme de terror. Gostava de desenhar casas e castelos, e de imaginar as pessoas que viviam lá dentro, imaginar as histórias...” (p. 9)
Pontuação/ Reformulação	“No umbral estavam um homem e uma mulher, vestidos de preto.” (<i>A Casa das Sombras</i> , p. 24) “Deitaram-se logo a seguir, mas Mónica e Cristina ficaram a conversar durante algum tempo.” <i>A Casa do Nevoeiro</i> , p. 19)	“No umbral, estavam um homem e uma mulher, vestidos de preto.” (p. 25) “Deitaram-se logo a seguir. A Mónica e Rita ficaram a conversar durante algum tempo.” (p. 90)

A Casa das Sombras e Outras Histórias, republicada recentemente pela Relógio d'Água, retoma a totalidade da série “A Casa”, publicada entre 1991 e 1992. Esta proposta é também uma reescrita e encontra-se dividida em cinco partes. Cada uma delas corresponde a uma reescrita de uma narrativa anteriormente publicada pela Editorial Caminho. Cada parte é constituída por doze capítulos.

Tal como aconteceu com *As Duas Casas*, o livro *A Casa das Sombras e Outras Histórias* apresenta títulos para cada um dos capítulos. Veja-se, por exemplo: “O Segredo da biblioteca” (cap. 9 – *A Casa dos Penhascos*), “Alguém na casa” (cap. 5 – *A Casa da Areia*), “Um estranho na baía” (cap. 4 – *A Casa dos Pássaros*), “A casa do outro lado da porta” (cap. 8 – *A Casa das Sombras*) e “Uma noite muito estranha” (cap. 8 – *A Casa do Nevoeiro*). Estes títulos despertam a curiosidade do jovem leitor. O artefacto literário é apresentado como um romance e, ao contrário da série “A Casa”, deparamo-nos com um índice no início da obra.

Ana Teresa Pereira tem o cuidado de reformular e acrescentar frases. A pontuação foi também revista. O nome de uma das personagens e do cão foi alterado. Veja-se o seguinte quadro:

	A série “A Casa”	<i>A Casa das Sombras e Outras Histórias</i>
Alteração do nome	“Entraram e Cristina foi mostrar o quarto a Mónica. Era muito simples, poucos móveis, uma janela ampla pela qual entrava o rumor das ondas. Cristina tinha posto na parede um <i>poster</i> de Rui Veloso e outro de Madonna” (cf. <i>A Casa da Areia</i> , p. 15)	“Entraram em casa. A Rita foi mostrar o quarto à Mónica. Era muito simples, duas camas de madeira, uma janela ampla por onde entrava o rumor das ondas. A Rita tinha colado na parede alguns <i>posters</i> de autores de cinema e cantores” (p. 64)
Frases Acrescentadas	“Foram arrumar as malas. Mónica pensou mais uma vez que era divertido aquele sistema de conhecer casas diferentes. Era como se a tia só gostasse de viajar com uma concha. Tinha de ter uma casa, de estar rodeada de livros... (cf. <i>A Casa das Sombras</i> , p. 20)	“Foram arrumar as mochilas. Não precisavam de levar muita roupa, porque deviam ficar só cinco dias. – A mãe sempre gostou de alugar casas em diferentes pontos da ilha para passar férias – disse a Rita. – Há alguns anos, quando tínhamos mais dinheiro, íamos para outros países. A Mónica pensou que era divertido aquele sistema de conhecer casas diferentes, em lugares diferentes. (p. 160)
Referencial musical apagado		
Pontuação	“Mónica imaginou como seria nadar num daqueles canais. Nadar sempre em frente, pois os canais eram estreitos... Ou então ter um barquinho pequeno e remar por um canal, atravessando florestas, túneis... (cf. <i>A Casa dos Penhascos</i> , p. 15)	“Mónica imaginou como seria nadar num daqueles canais. Nadar sempre em frente, pois os canais eram estreitos. Ou então ter um barco muito pequeno e remar por um canal, atravessando florestas de pinheiros e acácias, túneis mal iluminados... (p. 17)

Note-se que em *As Duas Casas* tinham ocorrido alterações, quer do nome das personagens, quer da frase, quer da pontuação. Em *A Casa das Sombras e Outras Histórias*, Ana Teresa Pereira manteve *A Casa das Sombras* e *A Casa do Nevoeiro* tal como foram publicadas na versão entretanto corrigida.

Estas edições têm outro aspeto ligado ao fenómeno *crossover fiction*: não têm ilustrações no seu interior e as capas apresentam um aspeto “neutro”. Em *As Duas Casas*, a capa é mais abstracta e recupera o detalhe do quadro de Paul Klee. A lua parece pairar sobre o que pode ser o telhado de algumas casas. A cor sombria acentua o mistério.

Em nosso entender, a não ser a referência a um artista plástico da Madeira, a capa de *A Porta Secreta* é, de igual modo, neutra, lembrando a pintura impressionista. A capa dá ênfase ao tratamento da luz e a passagem secreta de que nos fala o texto pode estar eventualmente simulada pela esfera mais clara que se encontra no lado esquerdo da proposta. Em todo o caso, a ilustração da capa é neutra e não representa nenhum acontecimento da intriga. Trata-se de uma paisagem esbatida que, de certo modo, recupera algumas características dos pintores impressionistas que a escritora tanto preza.

O detalhe da capa de *A Estalagem do Nevoeiro* não apresenta particularidades insulares, mas parece recordar os enigmas associados às casas e aos sótãos da produção pereiriana. Sublinhe-se que estas propostas afastam-se da série “A Casa”. De facto, as primeiras versões têm ilustrações na capa que correspondem a um momento da narrativa.

Talvez se possa afirmar que *A Casa das Sombras e Outras Histórias* é a proposta que mais reenvia para um referencial insular. Em nosso entender, a capa reenvia para um património local. De facto, lembra-nos a Quinta do Palheiro Ferreiro.

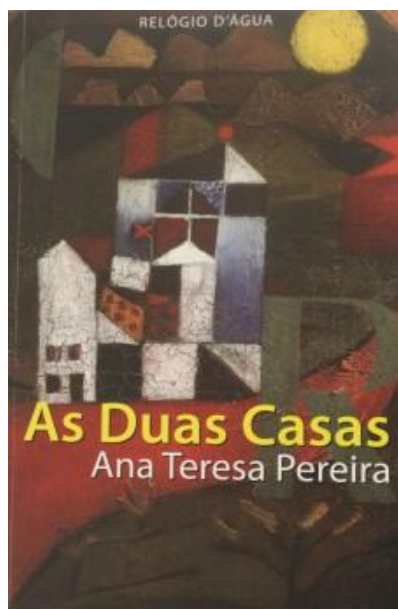


Fig. 10 Capa de *As Duas Casas*

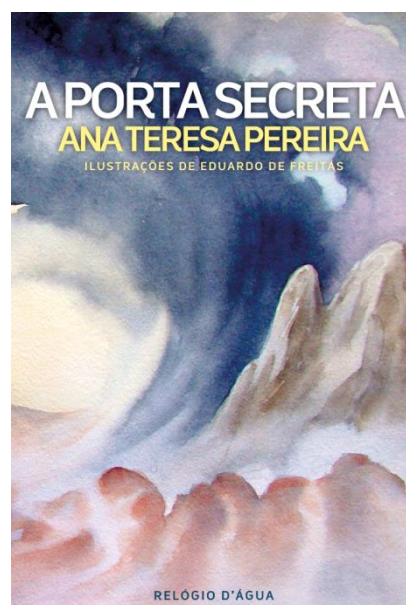


Fig. 11 Capa de *A Porta Secreta*

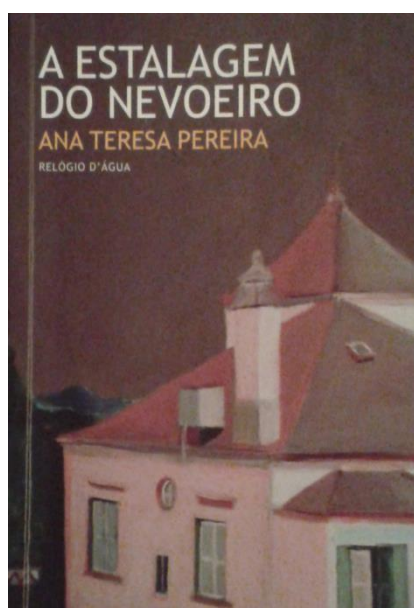


Fig. 12 Capa de *A Estalagem do Nevoeiro*



Fig. 13 Capa de *A Casa das Sombras e Outras Histórias*

Podemos afirmar que as novas propostas começam a afastar-se das coleções juvenis (“Labirinto”) e aproximam-se das obras dirigidas aos leitores adultos, apesar de quase todos pertencerem à coleção “Universos Mágicos”. É nesta coleção que encontramos *As Duas Casas*, *A Porta Secreta* e *A Estalagem do Nevoeiro*. Por sua vez, *A Casa das Sombras e Outras Histórias*, inserida na coleção “Universos Mágicos”,

parecendo destinar-se, também, ao público adulto, por dialogar de muito perto com o universo policial. Contudo, não nos pareceu muito apropriada a escolha desta capa para criar o efeito que a coleção pretende.

3.4. Do local ao global - Para uma formação cultural múltipla e diversa

Os textos de Ana Teresa Pereira incluem referências artísticas e literárias que dão a conhecer as figuras marcantes que acompanham – ou acompanharam – a escritora. Toda a sua produção está, em parte, impregnada das influências que recebeu, quer da literatura, quer da pintura, quer, ainda, do cinema.

Se José António Gomes refere que as narrativas juvenis de Ana Teresa Pereira são “histórias de ambiente insular madeirense ([com] curiosas referências ao universo da tradição literária)”¹⁹⁵, Anabela Sardo¹⁹⁶, em *A Audácia de Ser Diferente: a Escrita Obsessiva de Ana Teresa Pereira*, afirma:

o universo literário de Ana Teresa Pereira construiu-se a partir de ambientes e intimidades literárias e artísticas que revelam o mundo em que a escritora cresceu e continua a viver, um universo repleto de livros e filmes (...) a análise dos seus livros nos leva a perceber que a forma como a escritora encara e entende a vida tem a ver com a sua leitura dos livros, e de que toda a sua experiência é feita não só de factos, do que lhe acontece, mas também do que acontece nos livros que leu e lê.

De igual forma, Ana Isabel Moniz¹⁹⁷ dá conta da intertextualidade na escrita de Ana Teresa Pereira, muito embora o seu estudo se reporte ainda à literatura dita institucional:

Essas múltiplas referências, decorrentes de um constante diálogo com outras artes, diluem-se nos seus textos, através de citações de poetas e escritores, nas evocações de narrativas, filmes, pinturas e músicas, convocando-se assim outros discursos, mais ou menos dissimulados, dessas outras artes (...)

Para Julia Kristeva¹⁹⁸:

¹⁹⁵ GOMES, José António (1998), *op. cit.*, p. 66.

¹⁹⁶ SARDO, Anabela Oliveira Naia (2013), *A Audácia de Ser Diferente: a Escrita Obsessiva de Ana Teresa Pereira*, Tese de Doutoramento em Literatura, Universidade da Aveiro, p. 131. Disponível em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/12056/1/tese.pdf> [acedido a 16 de Junho de 2015].

¹⁹⁷ MONIZ, Ana Isabel (2007), “Outros Diálogos na obra de Ana Teresa Pereira”, *Islenha*, nº 40, Jan/Jul., Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais, p. 109.

¹⁹⁸ KRISTEVA, Julia (1974), *Introdução à Sémantose*, São Paulo, Perspectiva, p. 181. (versão original: (1969), *Semiotike : recherches pour une sémanalyse*, Paris, Seuil).

[o texto] é uma permuta de textos, uma intertextualidade: no espaço de um texto, vários enunciados, tomados de outros se cruzam e se neutralizam (...) O texto literário insere-se no conjunto dos textos; é uma réplica de (um) outro(s) texto(s).

As narrativas juvenis dialogam, também, com um referencial cultural e literário relevante. Estes textos fazem alusão a escritores, a personagens de ficção policial, a pintores e a realizadores que marcaram a autora.

De facto, Ana Teresa Pereira faz referência à música (quer seja portuguesa ou internacional) e ao cinema (atores, filmes, e realizadores). Como veremos, de seguida, os universos convocados são quase exclusivamente anglófonos.

A nível literário, deparamo-nos com escritoras de obras juvenis, como por exemplo Richmal Crompton (cf. *A Porta Secreta*), ou Enid Blyton (cf. *A Estalagem do Nevoeiro*). O romance policial de Agatha Christie, *Poirot Salva o Criminoso* (cf. *A Estalagem do Nevoeiro*), *A Princesinha* e *O Jardim Secreto*, de Frances Burnett (cf. *A Estalagem do Nevoeiro*), *Peter Pan*, de J. M. Barrie (cf. *A Casa do Nevoeiro*), *A Vida Privada*, de Henry James (cf. *A Casa da Areia*), e a série Lucky Luke (cf. *As Duas casas*) são, de igual modo, referidos.

A escritora menciona, ainda, Gilbert Chesterton, com o conto “O Homem no Corredor” (cf. *A Casa dos Penhascos*), “O Homem Invisível”, de H.G. Wells (cf. *A Casa das Sombras*), *O Livro de Areia*, de Jorge Luís Borges (cf. *A Casa da Areia*), *A Ilha do Tesouro*, *Clube dos Suicidas* e *O Médico e o Monstro*, de Robert Stevenson (cf. *A Casa dos Penhascos*). É, também, referido o poeta e filósofo Gaston Bachelard (cf. *As Duas Casas*), os escritores Balzac, Rilke e Swedenborg (cf. *As Duas Casas*).

Isto não significa que descure o contributo português. A título de exemplo, encontramos Carlos de Oliveira e o seu *Trabalho Poético* (cf. *A Casa dos Pássaros*). A referência ao *Elucidário Madeirense* (cf. *A Casa dos Penhascos*) permitirá aos protagonistas conhecer melhor o referencial local.

Podemos afirmar, tal como se pode ler na entrevista de Ana Teresa Pereira à Revista *Islenha*, que alguns destes escritores fazem parte – ou fizeram – das suas leituras. Podemos constatar que estas referências são mencionadas por outros escritores.

A título de exemplo, quer José Jorge Letria, quer Afonso Cruz parecem partilhar a mesma memória literária. José Jorge Letria afirma em “Confissões de um leitor

apaixonado”¹⁹⁹ que é fruto dos livros que leu; por sua vez, Afonso Cruz refere na entrevista “subindo as escadas do sótão”²⁰⁰ e no livro *Os Livros que Devoraram o Meu Pai*, que há um conjunto de escritores incontornáveis que fizeram – e fazem – parte do seu percurso de vida, como escritor e como leitor.

Nos textos de Ana Teresa Pereira é notória a presença de personagens de ficção policial. É o caso de Hercule Poirot, criado por Agatha Christie (cf. *A Casa da Areia* e *A Estalagem do Nevoeiro*), Sherlock Holmes, inventado por Conan Doyle (cf. *A Casa da Areia*, *A Casa das Sombras* e *A Estalagem do Nevoeiro*), Marlowe, proposto por Raymond Chandler (cf. *A Casa da Areia*) e Miss Marple, surgida pela mão de Agatha Christie (cf. *A Estalagem do Nevoeiro*). Porém, a banda desenhada não é descurada. De facto, Tintim, personagem principal de *As Aventuras de Tintim*, de Hergé, é também uma figura recorrente.

No que respeita ao cinema, Ana Teresa Pereira envereda por uma vertente anglófona e norte-americana. A escritora reenvia-nos para o cinema pós-guerra, cuja ação se passa numa época natalícia, como acontece, por exemplo, com *Do Céu Caiu uma Estrela* (1946), *The Bishop's Wife* (1947) e *Música no Coração* (1965), (cf. *A Porta Secreta*)).

A autora reenvia, ainda, para o cinema atual de teor natalício com é o caso de *A Invenção de Hugo* (2011), (cf. *A Porta Secreta*), ora para filmes de ação como, por exemplo, *Hook* (1991), de Steven Spielberg (cf. *A Casa do Nevoeiro*), *Indiana Jones* (1981/1984/1989/2008), de George Lucas (cf. *A Casa das Sombras*).

Recupera, pois, um imaginário ligado à aventura, à ação e ao enigma. Um imaginário que lhe permite lembrar atores incontornáveis da sétima arte, como Julia Roberts ou Harrison Ford. É também aludido o nome do ator Tom Cruise (cf. *As Duas Casas*) e, dentro de cinematografia, o destaque vai para os cineastas John Ford (cf. *A Casa das Sombras*) e Hitchcock (cf. *A Casa dos Pássaros*).

Contrariamente ao cinema, na pintura, Ana Teresa Pereira envereda por um referencial europeu. Sublinha a pintura italiana com Fra Angelico, Rafael, Pierro Della Francesca (cf. *A Casa do Nevoeiro*) e Botticelli (cf. *As Duas Casas*). Dá ênfase à pintura paisagística com William Turner e James Whistler (cf. *A Porta Secreta*). Não

¹⁹⁹ LETRIA, José Jorge (2006), “Confissões de um leitor apaixonado”, in Escola Superior de Educação de Beja (org.), *No Branco do Sul as Cores dos Livros: Atas do 6º Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens*, Lisboa, Caminho, pp. 121-126.

²⁰⁰ CRUZ, Afonso (s/d), “Subindo as Escadas do Sótão”. Disponível em http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalebta/bo/documentos/lmi_afonsocruz_b.pdf [acedido a 21 de Dezembro de 2015].

descura a vertente mais modernista com Van Gogh (cf. *A Porta Secreta*) e Paul Klee (cf. *A Estalagem do Nevoeiro*).

No que toca à música, são referidos nomes de cantores que foram ou parecem ser ainda apreciados pela escritora: o cantor português Rui Veloso (cf. *A Casa dos Penhascos* e *A Casa do Nevoeiro*), mas também o espanhol Patxi Audion (cf. *A Casa dos Penhascos*). Como se tratam de narrativas juvenis, o elenco de vozes mais novas não é descurado: Madonna (cf. *A Casa dos Penhascos*), Adam Levine (cf. *A Estalagem do Nevoeiro*) e KT Tunstall (cf. *A Porta Secreta*) adequam-se a uma faixa etária mais jovem.

Ao introduzir esses efeitos intertextuais e inter-artes nas suas obras juvenis, Ana Teresa Pereira parece querer contribuir para a formação cultural do jovem leitor. Além de apontar referências portuguesas, a escritora vai dialogar com nomes estrangeiros relevantes. Por isso, o leitor também enriquece a sua cultura. Não é, pois, de estranhar que o Plano Nacional de Leitura contemple alguns livros de Ana Teresa Pereira. De facto, *As Duas Casas* é recomendado como leitura autónoma para o 3º ciclo.²⁰¹ Trata-se de um reconhecimento pela qualidade estética e pela mais-valia cultural das narrativas pereirianas e que os jovens leitores podem acompanhar.

²⁰¹ *O Fim de Lizzie e Outras Histórias* é aconselhado para sugestões de leitura, no ensino secundário. Este livro, apesar de ser recomendado para jovens leitores, não foi analisado nesta dissertação porque não entra dentro da escrita de série e de aventuras. Todavia, num trabalho futuro, poder-se-á contemplar não só dentro do fenómeno *crossover* mas também no que diz respeito à intertextualidade.

Conclusão

Ao longo do trabalho, procurámos entender várias problemáticas em torno de uma produção dirigida aos jovens leitores ou por eles anexada. Assim, num primeiro momento, foi nossa intenção compreender os artefactos destinados à criança e ao jovem. Procurámos, pois, seguir uma mudança de paradigma que se impôs na Europa, em geral, e em Portugal, em particular.

As histórias e os contos eram transmitidos oralmente pelos contadores, dirigindo-se, deste modo, tanto a adultos, como a crianças. Os séculos XVI e XVII ficaram marcados pela transição do texto oral para o texto escrito. Até então, não havia propriamente uma produção para a criança porque era considerada um pequeno adulto. No século XVIII, dá-se uma mudança notória, fruto não só da preocupação de intelectuais, pedagogos e filósofos, mas também do contributo da imprensa, porque através dela foi possível assistir a um aumento do número de leitores.

No século XIX, os textos de receção infantojuvenil vão ganhar destaque. Como se pretendia transmitir valores e costumes, os livros para os adultos eram usados pelas crianças. Para além do mais, a literatura estava interligada com a escola e o livro era um método utilizado para instruir o jovem aluno. Nesse contexto, vários escritores e intelectuais portugueses determinaram novos modelos literários e adotaram novas ideias vindas da Europa. Assim, como vimos, o grupo da Geração de 70 teve um papel relevante na sociedade portuguesa e, naturalmente, na questão da educação.

Estavam, pois, lançadas as bases para um renovado entendimento que se prolonga, em parte, durante o século XX, apesar de alguns retrocessos verificados nos tempos da censura e da ditadura. De facto, no começo do século XX, para além das tradições ou de alguns trabalhos originais, surgem em Portugal livros de carácter formativo e pedagógico para combater o analfabetismo. Nessa altura, vão surgir obras patrióticas, republicanas e de instrução. Talvez por isso, alguns autores portugueses não tenham como intuito apelar ao imaginário e divertir o leitor mas antes ensinar os fundamentos da cultura oficial.

Muitos foram os passos que prepararam o *boom* da literatura para a infância e a juventude. Recorde-se a título de exemplo, o surgimento de revistas e

suplementos infantojuvenis, o serviço das Bibliotecas itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian (1958) e as bibliotecas fixas (1961) foram deveras passos importantes para que a criança (e não só) entrasse em contacto com os livros. Nos anos 60, o ensino obrigatório passou a ser de seis anos. Isto leva a um acréscimo do número de estudantes e, conseqüentemente, ao aumento de material de leitura e à diminuição do analfabetismo no país.

A literatura infantojuvenil adquiriu um estatuto relevante depois do 25 de Abril e várias iniciativas devem ser consideradas: a introdução do estudo da literatura infantil e juvenil no ensino superior; a divulgação desta área por meio de seminários, exposições, ações de formação e colóquios; o aumento e a renovação de muitas bibliotecas; a projeção de uma Rede Nacional de Bibliotecas de Leitura Pública; o contributo das revistas especializadas; o surgimento de vários prémios literários nessa modalidade editorial; a publicação de volumes sobre a história da literatura infantil para um melhor conhecimento dessas matérias.

Parecem, assim, estar reunidas as condições para se entender um aumento notório na produção de obras para a infância e juventude na primeira década do século XXI. O desenvolvimento tecnológico, que permitiu melhorar a qualidade gráfica dos livros, o aumento de bibliotecas escolares e públicas, o crescimento do número de editoras direcionadas para a infância e a implementação do Plano Nacional de Leitura contribuíram, efetivamente, para esta situação.

Acresce, ainda, uma diversidade de propostas, quer em termos temáticos, quer em termos genológicos. Nos livros para a infância e juventude são abordados temas que, até então, não eram tratados, como acontece com a emigração, a pobreza, o antes e o pós 25 de Abril, a discriminação racial, as diferenças sociais, os conflitos familiares, o divórcio e suas conseqüências. Assim, a publicação aumenta como aumenta também o número de autores e os subgéneros literários.

Da pesquisa realizada para os dois primeiros capítulos, podemos concluir que os artefactos são numerosos e diversificados, transportando os jovens leitores para o mundo dos sonhos e da imaginação. No entanto, os escritores não descuram uma vertente do real, abordando temas mais disfóricos, procurando, de certo modo, que as obras tenham um papel fulcral na educação da criança e do adolescente. Assim, é importante que sejam abordados temas como o multiculturalismo, a xenofobia, a inclusão social, a guerra, a morte, a sexualidade, o racismo, o sofrimento, a violência, problemas ambientais e até questões políticas.

Considerando a faixa etária a que se destina, a literatura juvenil é tida por muitos estudiosos como uma literatura de fronteira ou de transição. Isto não significa que deve ser menosprezada. Antes pelo contrário. De facto, a literatura juvenil apresenta-se como um discurso experiencial. Os jovens leitores tentam encontrar nessa literatura temas que, de certo modo, lhes deem respostas aos dilemas que os inquietam. Ela serve, assim, para ajudar os adolescentes a entenderem novos horizontes, a construir a sua personalidade, a lidarem com os problemas do dia-a-dia, a consolidarem hábitos de leitura e a descobrirem o seu lugar no mundo. Compreendemos, desde logo, o alcance desta produção que sofreu um certo menosprezo, tendendo, agora, para uma notória valorização.

Na literatura juvenil, destaca-se o fenómeno da “chick-lit”, com temas ligados ao dia a dia dos jovens, nomeadamente das jovens leitoras. As novelas cor-de-rosa estão, geralmente, orientadas para as raparigas e abordam preocupações próprias da adolescência. Estas narrativas tendem a seguir uma estrutura rígida e Maria Teresa Maia Gonzalez é, neste sentido, um caso de sucesso.

Nos textos juvenis de teor mais realista, quer na novela, quer no romance, os temas fraturantes como a morte, o sexo, as drogas e a descoberta do mundo começam a ser relevantes e podem ser um contributo valioso junto dos adolescentes, como acontece com os livros de Ana Saldanha.

Quanto à literatura de atmosfera fantástica, alguns escritores portugueses enveredaram por esta escrita, regra geral, muito apreciada por jovens e menos jovens. Algumas editoras lançaram uma coleção destinada a essa produção. Veja-se, por exemplo, os livros de Paulo Ventura publicados pela Papiro Editora e posteriormente, pela Editorial Presença, na coleção “Via Láctea”. De facto, nessa literatura, a realidade e o sobrenatural (con)fundem-se, acentuando-se, nos textos, um certo suspense e terror, que agradam aos jovens leitores, mas também aos *young adults*.

Como referimos, a literatura juvenil conhece o seu *boom* nos anos 80 do século XX. Nessa época, surgem as coleções de livros de aventuras. Estas narrativas são protagonizadas por um grupo de jovens empenhados na resolução de um mistério. As personagens principais passam de obra para obra, obedecendo a certos princípios da *formula fiction*. Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada são exemplos significativos desta produção, cujo sucesso não é possível negar. A título indicativo, acabam de lançar *Uma Aventura na Madeira*, colocando o espaço madeirense na coleção “Uma Aventura...”,

muito embora a ilha da Madeira já aparecesse em pano de fundo no livro *Uma Ilha de Sonho*, desta vez publicado na coleção “Viagens no Tempo”.

Como observámos, na Madeira, a imprensa criou estratégias para incutir nos leitores o interesse pela cultura e pela aprendizagem. Neste sentido, os jornais proporcionaram espaços e propostas múltiplas que conjugavam entretenimento e instrução. É através dos jornais que os “clássicos” da literatura infantojuvenil estrangeira e as (novas) vozes femininas chegam ao Arquipélago. Começa-se, também, a pensar na criança e no jovem como um consumidor de cultura. Assim se explica, a publicação de periódicos destinados às crianças, como por exemplo, “Diário de Notícias Infantil” (1927), “A Canoa” (1ª série - 1969), “Bem-Me-Quer” (1979).

Despontam novas iniciativas: a Direção Regional dos Assuntos Culturais, a Câmara Municipal do Funchal e a Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia colaboraram para promover, junto dos mais novos, o gosto pela cultura, em geral, e pela arte e literatura, em particular. Foram desenvolvidas várias atividades por parte dessas entidades como, por exemplo, os concursos musicais, os festivais, o teatro de fantoches, o baú de leitura, as feiras do livro, a implementação da hora do conto nas bibliotecas e, ainda, uma coleção de textos e desenhos elaborados por alunos das diferentes escolas da Ilha.

Os escritores tendem a acompanhar os “novíssimos” temas da produção infantojuvenil: a ecologia, a interculturalidade e o afeto são, de facto, temas recorrentes. Todavia, os temas mais dissonantes são matizados ou pouco explorados na produção de autores afetos à Madeira.

Como acontece com a produção nacional, na Ilha, destacar-se-ão os suplementos infantis, os livros de contos, os álbuns narrativos e as recolhas de lendas e textos oralizantes; a vertente poética, a escrita dramatúrgica e a banda desenhada tem, de igual modo, menos cultores. As narrativas que abordam temas relacionados com a memória histórica são em menor número. Porém, os projetos levados a cabo pela livraria Sétima Dimensão pretendem resgatar a história insular. É o caso da banda desenhada publicada recentemente: *O Ataque do Submarino Alemão* e *O Vinho que salvou a Revolução Americana*. No contexto regional e local, a História da Madeira contempla vários acontecimentos que podiam ter um tratamento literário e poderiam ser destinados à juventude, quer como leitura autónoma, quer como leitura acompanhada em contexto escolar.

Ao contrário do que se passa no Continente, na Madeira, os escritores não enveredam pela *fantasy*, pelas novelas “cor-de-rosa” ou por temas fraturantes. Em contrapartida, a aventura, a indagação e o suspense cativam escritores e leitores. Importa destacar três autores. Maria do Carmo Rodrigues deixa-nos alguns livros que anunciam as escritas de série, nomeadamente com *Chamo-me Leovigildo - Páginas de um Diário*, *A Mensagem Enigmática* e *A Jóia do Imperador*. Francisco Fernandes publicou a série “O Enigma” e Ana Teresa Pereira escreveu um conjunto de textos que despertou o nosso interesse.

Assim, no terceiro capítulo, debruçámo-nos sobre a produção juvenil de Ana Teresa Pereira. Nas narrativas de aventura e de série, a autora conjuga o suspense e a indagação com um fundo policial. Nas primeiras propostas da autora, os protagonistas passam de obra para obra, obedecendo aos princípios da *formula fiction*. Mais recentemente, a autora retocou e reeditou as narrativas, de modo a situarem-se na *crossover fiction*.

Ana Teresa Pereira seguiu o modelo arquitetado por Enid Blyton nas suas narrativas, em particular na série “A Casa”. A escritora inglesa apresenta um grupo de jovens e um cão que, juntos, vivem várias aventuras e desvendam mistérios nas férias escolares. Estes temas e assuntos cativam o leitor, pelo mistério que encerram. Não é de estranhar que Ana Teresa Pereira tenha enveredado por este modelo, adaptando-o à nossa contemporaneidade. A sua escrita de aventura e suspense apresenta, também, um modelo familiar próximo dos nossos dias: são famílias monoparentais, reconstruídas ou separadas pelas vicissitudes da vida com as quais o leitor se identifica. Todavia, a escrita de Ana Teresa Pereira sugere ao jovem leitor que o diálogo entre gerações é sempre profícuo.

As aventuras ocorrem nas férias escolares (natal, páscoa, verão, carnaval) e giram em torno de uma casa antiga fantasmagórica e que fica algures isolada, no interior da Ilha ou junto ao mar. Neste local afastado acabam por acontecer as mais variadas aventuras. Note-se que a casa é um lugar importante e está muito presente nas obras desta escritora. É através da casa que temos acesso a outros lugares como a biblioteca, os quartos fechados, o alçapão e passagens secretas. Trata-se de um imaginário pereiriano que outros estudiosos têm revelado na produção dita institucional.

As propostas de Ana Teresa Pereira apresentam vários cenários e realidades do Arquipélago da Madeira. Esses espaços são importantes na valorização do património paisagístico e da identidade local. Essas narrativas patenteiam as várias paisagens da

Ilha, nomeadamente Porto Moniz, Porto Santo, Madalena do Mar, Jardim da Serra, Paul do Mar, Funchal e Paul da Serra.

Na maioria das narrativas, a viagem do Funchal até ao lugar isolado é quase um roteiro turístico. Durante o trajeto, o leitor tem a oportunidade de conhecer a ilha da Madeira. Nesse percurso, a paisagem natural, como, por exemplo, as estradas que ficam entre o mar e as rochas, as levadas, as flores, os túneis de pedra e as cascatas são valorizados. Os livros fazem, ainda, referência a aspetos culturais e históricos da Ilha, dando conta de uma cultura humanizada que nos agradou: ora recuperam o “espírito do lugar”, propondo uma Ilha mais tranquila, ora reavivam a lenda do capitão Kid, ora recordam o modelo dos passeios em família.

Apesar de a escrita juvenil não veicular grandes mensagens, não podemos silenciar a crítica aos excessos de construção que a Madeira sofreu neste últimos anos. *A Estalagem do Nevoeiro* alude a uma modernização exacerbada que quebra o encanto do local. Existe, também, um certo menosprezo pelo cortejo de Carnaval muito divulgado no Funchal (*A Casa das Sombras* e em *A Estalagem do Nevoeiro*), talvez por ser uma importação cultural.

Os textos pereirianos incluem, ainda, referências artísticas e literárias que dão a conhecer as figuras marcantes que acompanham – ou acompanharam – a escritora. Estes textos fazem alusão a escritores, a personagens de ficção policial, a pintores e a realizadores que marcaram a autora. De facto, Ana Teresa Pereira alude à música (quer seja portuguesa ou estrangeira) e ao cinema (atores, filmes, e realizadores). Ao introduzir esses efeitos intertextuais nas suas obras, a escritora vai contribuir para a formação cultural do jovem, visto que o leitor acompanha a história das aventuras e desventuras dos protagonistas, mas, também, enriquece a sua cultura.

Pela sua riqueza cultural, estes textos abrem caminho para uma literatura *crossage*. Uma tendência cada vez mais presente na escrita de Ana Teresa Pereira, se considerarmos a reescrita da primeira série juvenil. De facto, *As Duas Casas* e *A Casa das Sombras e Outras Histórias* podem ser lidas à luz do conceito de *crossover fiction*. Podemos considerar a literatura *crossover* como uma literatura de transição, que se destina, ora a adolescentes, ora a jovens adultos. Não se trata de uma literatura fácil ou escapista, mas, de uma produção que aborda temas do interesse de várias faixas etárias.

De certo modo, *A Porta Secreta* e *A Estalagem do Nevoeiro* situam-se, igualmente, no horizonte da *crossover fiction*, uma vez que os livros têm poucas ilustrações no seu interior e as capas não apresentam nenhum momento da intriga.

Portanto, estas propostas afastam-se, paulatinamente, da série “A Casa”, muito embora a autora recrie o modelo da *formula fiction*, limitando, contudo, a aventura pela ilha da Madeira a dois irmãos.

Ana Teresa Pereira segue um modelo legitimado nas narrativas juvenis. No entanto, a sua escrita apresenta claras diferenças no que respeita a referências espaço-temporais e a referências mais pessoais e afetivas: excetuando *A Porta Secreta*, as histórias desenrolam-se fora do Funchal e as paisagens prediletas estão afastadas da cidade. Esse modelo tem como cenário a ilha da Madeira nos anos 90 do século XX e início do século XXI. Colocando a ação dos seus textos no contexto regional e local, a escritora deixa-nos, efetivamente, artefactos que são uma porta para entrarmos no seu imaginário. Diz-nos Michel Lecoïnte²⁰²: “En tant que nom, l’imaginaire a un lieu, une place, a une fonction, a un cadre et a un processus”. A faculdade imaginativa na escrita de receção juvenil de Ana Teresa Pereira revelou-nos lugares, tempos, modos de ser e de atuar, simultaneamente próximos e longínquos. Fazendo eco às palavras de Lecoïnte, o imaginário desta escritora é feito de combinações e atualizações, um processo afetivo e intelectual que lhe permite salvaguardar o espírito do lugar, o relacionamento saudável, o sentido do devir, dos saberes e da construção do mundo. Trata-se de um imaginário que preserva a beleza singela ou mais selvagem da paisagem, por forma a valorizar o património paisagístico e a identidade da Ilha. Todavia, as referências culturais, nomeadamente no campo artístico e literário, levam a que o leitor se abra também para o mundo. A literatura para a juventude de Ana Teresa Pereira promove um relacionamento equilibrado dos seres de papel que (re)criam cartografias (ainda) possíveis. Não descurando uma certa fantasia, há como uma vontade de uma construção de uma (outra) consciência voltada para o equilíbrio ecológico e social e para uma visão poliédrica de saberes e conhecimentos que une o local ao global.

²⁰² LECOINTE, Michel (1997), “Statut de l’imaginaire”, BÉCHILLON, Denys de, *La Transdisciplines. Revue d’épistémologie critique et d’anthropologie fondamentale. Bookseller Image. Imaginaire Raison Rationalité* ½, Paris, L’Harmattan, p.187.

Bibliografia

1. Obra de Ana Teresa Pereira

1. *Corpus*

PEREIRA, Ana Teresa (1991a), *A Casa dos Penhascos*, Coleção Labirinto, Lisboa, Editorial Caminho.

----- (1991b), *A Casa da Areia*, Coleção Labirinto, Lisboa, Editorial Caminho.

----- (1991c), *A Casa dos Pássaros*, Coleção Labirinto, Lisboa, Editorial Caminho.

----- (1991d), *A Casa das Sombras*, Coleção Labirinto, Lisboa, Editorial Caminho.

----- (1992), *A Casa do Nevoeiro*, Coleção Labirinto, Lisboa, Editorial Caminho.

----- (2009), *As Duas Casas*, Coleção Universos Mágicos, Lisboa, Relógio d'Água.

----- (2013), *A Porta Secreta*, Coleção Universos Mágicos, Lisboa, Relógio d'Água.

----- (2014), *A Estalagem do Nevoeiro*, Coleção Universos Mágicos, Lisboa, Relógio d'Água.

----- (2015), *A Casa das Sombras e Outras Histórias*, Coleção Crime Imperfeito, Lisboa, Relógio d'Água.

1.2 Outras obras referidas de Ana Teresa Pereira

PEREIRA, Ana Teresa (1989), *Matar a Imagem*, Coleção Caminho Policial, Lisboa, Editorial Caminho.

----- (1990), *As Personagens*, Coleção O Campo da Palavra, Lisboa, Editorial Caminho.

- (1991), *A Última História*, Coleção Caminho Policial, Lisboa, Editorial Caminho.
- (1993), *A Cidade Fantasma*, Coleção Caminho Policial, Lisboa, Editorial Caminho.
- (1996a), *Num Lugar Solitário*, Coleção Caminho Policial, Lisboa, Editorial Caminho.
- (1996b), *Fairy Tales*, Lisboa, Black Son.
- (1997a), *A Noite Mais Escura da Alma*, Coleção O Campo da Palavra, Lisboa, Editorial Caminho
- (1997b), *A Coisa Que Eu Sou*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (1998), *As Rosas Mortas*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (1999), *O Rosto de Deus*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2000a), *Se eu Morrer Antes de Acordar*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2000b), *Até Que a Morte nos Separe*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2000c), *O Vale dos Malditos*, Lisboa, Black Son.
- (2001a), *A Dança dos Fantasmas*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2001b), *A Linguagem dos Pássaros*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2002a), *O Ponto de Vista dos Demónios*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2002b), *Intimidações de Morte*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2003), *Contos de Ana Teresa Pereira*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2004), *Se Nos Encontrarmos de Novo*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2005a), *O Mar de Gelo*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2005b), *O Sentido da Neve*, Lisboa, Relógio d'Água.

- (2006a), *Histórias Policiais*, Coleção Crime Imperfeito Lisboa, Relógio d'Água.
- (2006b), *A Neve*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2007), *Quando Atravessares o Rio*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2007), *A Coisa que Eu Sou*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2008a), *O Fim de Lizzie*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2008b), *O Verão Selvagem dos Teus Olhos*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2009), *O Fim de Lizzie e Outras Histórias*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2010a), *Inverness*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2010b), *A Outra*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2010c), *Los Monstruos; Os Monstros; Les Monstres*, (Edição trilingue) Canárias, Horizontes Insulares.
- (2011), *A Pantera*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2011), *O Lago*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2012a), *Num Lugar Solitário*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2012b), *Si nos encontrarmos de nuevo*, (trad. de Silvia Sánchez) Espanha, Baile del Sol.
- (2013), *As Longas Tardes de Chuva em Nova Orleães*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2014), *As Velas da Noite*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2015), *Neverness*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2016), *Karen*, Lisboa, Relógio d'Água.

2. Obras de Referência

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel (2008), *Teoria da Literatura*, 8ª ed. Coimbra, Livraria Almedina.
- AZEVEDO, Fernando (2007), *Formar Leitores: Das Teóricas às Práticas*, Lisboa, Lidel.
- BACHELARD, Gaston (1984), *La Poétique de la Rêverie*, Paris, PUF.
- (1957) *La Poétique de l'espace*, Paris, PUF.
- BASTOS, Glória (1999), *Literatura Infantil e Juvenil*, Lisboa, Universidade Aberta.
- BAUMANT, Zygmunt (2001), *Modernidade Líquida*, Brasil, Zahar.
- BLOCKEEL, Francesca (2001), *Literatura Juvenil Portuguesa Contemporânea: Identidade e Alteridade*, Lisboa, Editorial Caminho.
- BARROS, Carla Sofia Rodrigues de (2012), *Leituras Lúdico – Pedagógicas: Os Suplementos Infante - Juvenis na Madeira*, Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, Funchal, Universidade da Madeira, dissertação policopiada.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (1982), *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa, Editorial Teorema.
- COELHO, Leonor Martins (2010), "Maria Aurora e os livros para a infância", in SANTOS, Thierry (org.), *Leituras e Afectos. Homenagem a Maria Aurora Carvalho Homem*, Vila Nova de Gaia, Exodus, pp. 149-157.
- (2010), "Artes em correspondência. Os artefactos de recepção infantil na ilha da Madeira", in F. Viana, *et al.* (coord.) *Actas do 8º Encontro Nacional (6º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*, Braga, Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho, pp. 375-400.
- (2011a), "A Literatura de Recepção Infantil de Francisco Fernandes: Propostas de Fruição, Escritas de Formação", in *Islenha*, nº 49, Jul./Dez., Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, pp. 43-54.

- (2011b), "José Viale Moutinho, *Os Meus Misteriosos Pais*, Porto, Seara de Letras, 2009 (ilustrações de Acácio de Carvalho)", in *Limite – Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonía*, nº 5, Cáceres, Universidad de Extremadura, pp. 304-308.
- (2012), "A Literatura para a infância e juventude de Maria do Carmo Rodrigues", in PETROV, Petar; *et al.* (eds.), *Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas Século XX. Vol. 3*, Santiago de Compostela - Faro, Associação Internacional de Lusitanistas, Através Editora, pp. 265-281.
- COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2011), "História da Literatura Infanto-juvenil na Madeira: os primeiros passos de uma investigação", in *Revista Portuguesa de Educação Artística*, nº 1, Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, pp. 79-89.
- (2012), "Narrativas biográficas e mediação artística e cultural: o contributo de José Viale Moutinho", in IGLÉSIAS, Roberto; PRADO, M. Felisa (dir.), *Agália - Revista de Estudos na Cultura*, vol. 105, 1º semestre, Santiago de Compostela, pp. 105-117.
- (2015), "A Literatura Infantil e Juvenil de Ambientação Madeirense: Contributo para o Plano Regional de Leitura", in VERÍSSIMO, Nelson; SANTOS, Thierry Proença (eds.), *Universidade da Madeira: 25 anos*, Funchal, Associação Académica da Universidade da Madeira, pp. 229-261.
- CORREIA, João David Pinto (1978), *Literatura Juvenil/Paraliteratura*, Lisboa, Livro Novidades Pedagógicas.
- DURAND, Gilbert (1996), *Champs de l'imaginaire. Textes réunis par Danièle Chauvin*, Grenoble, ELLUG.
- FERNANDES, Francisco J. V. (2011), *O Enigma do Palácio*, Vila Nova de Gaia, 7 dias e 6 Noites.
- GOMES, José António (1991), *Literatura para Crianças e Jovens – Alguns Percursos*, Lisboa, Editorial Caminho.

- (1998), *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*, Lisboa, Instituto do Livro e das Bibliotecas.
- GOMES, José António; RAMOS, Ana Margarida; SILVA, Sara Reis da (2007), “Produção Canonizada na Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude (século XX)”, in GOMES, José António; ROIG RECHOU, Blanca - Ana (coord.) *Grandes Autores para Pequenos Leitores. Literatura para a Infância e a Juventude: Elementos para a Construção de um Cânone*, Porto, Deriva Editores.
- KRISTEVA, Julia (1974), *Introdução à Semanálise*, São Paulo, Perspectiva. (versão original: (1969), *Semeiotike : recherches pour une sémanalyse*, Paris, Seuil).
- LECOINTE, Michel (1997), “Statut de l’imaginaire”, in BÉCHILLON, Denys de, *La Transdisciplines. Revue d'épistémologie critique et d'anthropologie fondamentale. Bookseller Image. Imaginaire Raison Rationalité ½*, Paris, L’Harmattan, pp. 187-197.
- LEMOS, Esther de (1972), *A Literatura Infantil em Portugal*, Lisboa, Ministério da Educação Nacional.
- LETRIA, José Jorge (2006), “Confissões de um leitor apaixonado”, Escola Superior de Educação de Beja (org.), *No Branco do Sul as Cores dos Livros: Actas do 6º Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens*, Lisboa, Caminho, pp. 121-126.
- MAGALHÃES, Rui (1999), *O Labirinto do Medo: Ana Teresa Pereira*, Braga, Angelus Novus.
- MONIZ, Ana Isabel (2007), "Outros diálogos na obra de Ana Teresa Pereira", PESTANA, Jorge (dir.), in *Isleña*, nº 40, Jan./Jun., Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, pp. 107-115.
- NASCIMENTO, Maria Teresa (2010), “A Menina da Janela das Persianas Azuis – contar pela Arte”, in F. Viana, et al.(coord), *Actas do 8.º Encontro Nacional (6.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*, Braga, Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho, pp. 335-346.

- QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO, Rita (org.) (2014), *LIT&TOUR – Ensaio sobre Literatura e Turismo*, Vila Nova de Gaia, Húmus.
- PEREIRA, Ana Teresa (2011), "A Escada para o Sótão", in *Isleña*, nº 48, Jan./Jun., Funchal, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, pp. 45-50.
- PIMENTEL, Diana (2009), "Era uma vez uma linha que seguia um quadro e nele entrava: um exemplo de ekprasis em José Viale Moutinho", in *Solta Palavra*, nº 15, Porto, Centro de Recursos e Investigação sobre Literatura para a Infância e Juventude, pp. 15-16.
- PIRES, Maria Laura Bettencourt (1983), *História da Literatura Infantil Portuguesa*, Lisboa, Veja.
- (2006), *Teorias da Cultura*, Lisboa, Universidade Católica Editora.
- RAMOS, Ana Margarida (2011), "Uma década de produção literária para a infância (2000-2010)", in *Solta Palavra*, nº 17, Porto, Centro de Recursos e Investigação Sobre Literatura Para a Infância e Juventude, pp. 3-10.
- REBELO, Helena (2006), «Recorrências linguísticas na escrita de Ana Teresa Pereira. À procura de léxico regional madeirense em dois contos: "O teu Lugar no meu Corpo" e "As Beladonas"», in DIOS, Ángel Marcos (dir.) *Estudios Portugueses - Revista de Folología Portuguesa*, Salamanca, Luso-Española de Ediciones, pp. 35-44.
- RODRIGUES, Carina Miguel Figueiredo da Cruz Rosa (2007), "Literatura para a infância em Portugal: conceptualização e contextualização histórica", in *Visão Global*, vol. 10, nº 2, Jul./Dez., Joaçaba, Unoesc, pp. 161-184.
- SANTOS, Thierry Proença (2012), "Representações da infância e da juventude na literatura de ambientação madeirense do séc. XX", in PETROV, Petar; et al. (eds.), *Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas Século XX. Vol.3*, Santiago de Compostela - Faro, Associação Internacional de Lusitanistas, Através Editora, pp. 283-301.
- SILVA, Leonel Correia da; CASEIRO, Cláudia Sónia (2011), "A lenda das amoras " e "O outro lado do muro", in *I Concurso Literário Nacional Padre Alfredo Vieira*

de Freitas, Gaula, Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea / Junta de Freguesia de Gaula.

SILVA, Maria Madalena (2010), "Um mundo à parte: contributos para uma definição do subsistema d literatura juvenil", in GOMES, José António et al. *Maré de Livros*, Porto, Deriva.

SILVA, Maria Margarida Macedo (1999), *A Sementeira do Livro*, Coleção Permanente - 5, Barcelos, Editora do Minho.

SOUSA, Otilia da Costa (2007), "O texto literário na escola: uma outra abordagem - círculos de leitura", in AZEVEDO, Fernando (coord.), *Formar Leitores: das teorias às práticas*, Lisboa, Lidel, pp. 45-68.

VELOSO, Rui Marques (1994), "Uma literatura de corpo inteiro", in *A Obra de Aquilino Ribeiro para Crianças - Imaginário e Escrita*, coleção Mundo de Saberes 12, Porto, Porta Editora, pp. 15-31.

3. Webgrafias

ALBUQUERQUE, Maria Fátima (s/d), "Literatura Juvenil", Carlos Ceia (coord.), *E-Dicionário de Termos Literários*. Disponível em <http://www.edtl.com.pt/business-directory/6144/literatura-juvenil/> [acedido a 7 de Outubro de 2015].

AVENA Biagio (2010), "Saberes e Conhecimentos que Emergem das Viagens e do Turismo: Filosofia, Antropologia, Cultura, Mitologia, História", in *Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul - Saberes e fazeres no turismo: Interfaces*, Brasil, Universidade de Caixas do Sul. Disponível em http://www.ucs.br/ucs/tplVSEminTur%20/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/gt02/arquivos/02/Saberes%20e%20Conhecimentos%20que%20Emergem%20das%20Viagens%20e%20do%20Turismo [acedido a 16 de Outubro de 2015].

- AZEVEDO, Fernando; CAMPOS, Susana (2014), “Da memória e da alteridade: A perspectiva de Ana Saldanha”, pp. 53-73. Disponível em https://repositoriim.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/33661/1/cap3_Forma%C3%A7%C3%A3o%20Memoria%20Alteridade.pdf [acedido a 26 de Maio de 2015].
- BALÇA, Ângela (2008), “Literatura Infantil Portuguesa – De temas emergentes a temas consolidados”, in *e-f@bulações – Revista Electrónica de Literatura Infantil*, nº 2 (6). Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4650.pdf> [acedido a 12 de Fevereiro de 2016].
- BORTOLUZZI, Carolina Seeger (2012), *Fast Fashion: a realização dos desejos de consumo sobre as urgências da aparência na sociedade hipermoderna e hipertecnológica*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação Especialização em Publicidade e Relações Públicas, Instituto de Ciências Sociais – Universidade do Minho. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23339/1/Carolina%20Seeger%20Bortoluzzi.pdf> [acedido a 9 de Outubro de 2015].
- CAMARGO, Luís (s/d), “Uma conversa sobre ilustração por Luís Camargo”, entrevistado por Frieda com a participação especial de Angela Lago, Candú Marques, Flávia Ramos, Gláucia de Souza, Karla Maldonado, Paula Mastroberti, Ricardo Azevedo e Silvia Oberg. Disponível em http://www.culturainfancia.com.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=61:uma-conversa-sobre-ilustracao&catid=39:artes-plasticas&Itemid=61 [acedido em 13 de Novembro de 2015].
- CATALÃO, Rui (2010), “Sou capaz de qualquer coisa pelos meus livros”, in *Público, Ípsilon*, 2 de Julho. Disponível em <https://anateresapereira.wordpress.com/outros-textos/%E2%80%9Csou-capaz-de-qualquer-coisa-pelos-meus-livros%E2%80%9D/> [acedido a 16 de Fevereiro de 2019].
- CARNEIRO, J. A. Nunes (2012), "Não Julgues o Livro pela Capa". Disponível em http://www.janunescarneiro.net/J._A._Nunes_Carneiro/Downloads_files/LivroNaoJulgueoLivropelaCapa.pdf [acedido a 12 de Outubro de 2015].

- COELHO, Leonor Martins; SANTOS, Thierry Proença (2013), "A formula fiction segundo Ana Teresa Pereira", in *Reflexos- Revue pluridisciplinaire du monde lusophone*, nº 2, Université de Toulouse II - Le Mirail. Disponível em http://e-revues.pum.univtlse2.fr/sdx2/reflexos/article.xsp?numero=2&id_article=Varia_02proencadoc-508#haut [acedido a 12 de Maio de 2015].
- CREMA, Rafael Luís, LAGO, Cláudia (2012), "A Narrativa Policial em Janete Clair", in *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, vol. 5, nº 4 Jun/Set, São Paulo. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/8014/7483h> [acedido a 12 de Outubro de 2015].
- CRUZ, Afonso (s/d), "Subindo as Escadas do Sótão". Disponível em http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/lmi_afonsocruz_b.pdf [acedido a 21 de Dezembro de 2015].
- CRUZ, Visconde do Porto da (1951), *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira*, II Vol., Funchal, Câmara Municipal do Funchal. Disponível em http://www.bprmadeira.org/imagens/documentos/File/bprdigital/ebooks/Historia_Litvol_II.pdf [acedido a 1 de Junho de 2015].
- DIAS, Fanuel Hanán (2008), "Literatura juvenil, sobre el filo de una corda", in *Barataria – Revista Latinoamericana de Literatura Infantil y Juvenil*, vol. v, nº 1, p. 8. Disponível em <http://pt.calameo.com/read/000085494ba9e78722e8a> [acedido a 18 de Setembro de 2015].
- FIGUEIREDO, Maria Augusta da Fonseca Pires (2006), *O 25 de Abril na Literatura para Crianças e Jovens*, Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares, Lisboa, Universidade Aberta. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/605/1/LC182.pdf> [acedido a 20 de Novembro de 2014].
- GOMES, José António (2006), "Literatura para a infância e a juventude e promoção da leitura", Disponível em [http://magnetesrvk.no-](http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/lmi_afonsocruz_b.pdf)

ip.org/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_litinf_promleit_a.pdf [acedido a 17 Setembro de 2015).

LAMAS, Berenice Sica (2004), *O duplo em Lygia Fagundes Telles: um estudo em literatura e psicologia*, Porto Alegre, EDIPUCRS. Disponível em https://books.google.pt/books?id=1mWNLHq2n9wC&printsec=frontcover&dq=isbn:8574304395&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CB4Q6AEwAGoVChMIjon-5Pa8yAIVB_MCh1Nhwho#v=onepage&q&f=false [acedido a 12 de Outubro de 2015].

LLUCH, Gemma (2005), “Mecanismos de adicción en la literatura juvenil”, in *Anuario de Investigación en Literatura infantil y Juveni*, Vigo, Universidad de Vigo, Vol. 3, pp. 135-156. Disponível em <http://www.gemmalluch.com//esp/actividad/mecanismos-de-adiccion-en-la-literatura-juvenil/> [acedido a 20 de Outubro de 2015]

MONTEIRO, Maria do Rosário (2010), “A Literatura Fantástica – um Género Literário Híbrido”, in MONTEIRO, Maria do Rosário, *A Simbólica do Espaço em O Senhor dos Anéis de J. R.R. Tolkien*. Disponível em http://www.fcsh.unl.pt/docentes/rmonteiro/pdf/literatura_fantastica.pdf [acedido a 13 de Fevereiro de 2016]

PINHEIRO, Melina Galete Braga (2015), *Uma Leitura do Romance A Vida No Céu, de José Eduardo Agualusa, à luz do conceito de crossover fiction*. Dissertação em Línguas, Literaturas e Culturas, Aveiro, Universidade de Aveiro. Disponível em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/14619/1/Tese.pdf> [acedido a 22 de Dezembro de 2015]

QUINTEIRO, Sílvia; BALEIRO Rita (2015), “As Tradicionais Casas Algarvias na Literatura: Contributo para o Desenvolvimento do Turismo Arquitetónico na Região”, in *International Journal of Scientific Management and Tourism*, Vol. 1, pp. 153-166. Disponível em ijosmt.com/index.php/ijosmt/article/download/16/15 [acedido a 14 de Fevereiro de 2016]

RAMOS, Dina Isabela Lemos Ramos (2010), *História da Literatura Infantil na Madeira – Reflexos de um Mundo em Mudança*, Dissertação de Mestrado em

- Gestão Cultural, Funchal, Universidade da Madeira. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/251730538/Dina-Isabela-Lemos-Ramos-Historia-Literatura-Infantil-Na-Madeira#scribd> [acedido a 25 de Março de 2015]
- RAMOS, Jozelma de Oliveira (2013), “As narrativas de mistério”, in *Mediação, Belo Horizonte*, v. 15, nº 16, jan./jun., Brasil, Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC). Disponível em <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/1428/pdf> [acedido a 15 de Fevereiro de 2016]
- REIS, Amândio (2014), *O Livro Encenado: Escrita e Representação na Obra de Ana Teresa Pereira*, Dissertação de Mestrado em Estudos Românicos, Lisboa, Universidade de Lisboa. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/18346> [acedido a 5 de Agosto de 2016.]
- ROLON, Renata Beatriz Brandespin (2011), “O Ensino das literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curriculum escolar brasileiro: algumas considerações”, in *Ecos*, nº 2, Jul./Dez., ed. 011, pp. 131-139. Disponível em http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_11/131_Pag_Revista_Ecos_V-11_N-02_A-2011.pdf [acedido a 16 de Abril de 2015]
- ROMÃO, Lucília M. S. (2005), “No País das Maravilhas: Uma metáfora sobre o dizer na rede”, in *Revista Letra Magna - Revista Electrónica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, ano 2, nº 3 – 2º semestre. Disponível em http://www.letramagna.com/lucilia_romao%20.pdf [acedido a 12 de Outubro de 2015].
- RUIZ, Julián Montesinos (s/d), “Necesidad y definición de la literatura juvenil” Disponível em <http://servicios.educarm.es/templates/portal/ficheiros/websDinamicas/154/827da be7.pdf> [acedido a 8 de Outubro de 2015]
- SARDO, Anabela Oliveira Naia (2013), *A Audácia de Ser Diferente: a Escrita Obsessiva de Ana Teresa Pereira*, Tese de Doutoramento em Literatura, Aveiro, Universidade de Aveiro. Disponível em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/12056/1/tese.pdf> [acedido a 16 de Junho de 2015]

- SCHRAMME, Lisnéia Beatris (2009), *Destino: a Literatura Juvenil. Escalas: Narrativa de Viagem e Jornada do Herói*, Dissertação em Teoria da Literatura, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. 70. Disponível em http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2533 [acedido a 16 de Fevereiro de 2016]
- TOMÉ, Maria da Conceição D. A. F. (2013), *O Outro na Literatura Juvenil Portuguesa do Novo Milénio Vozes, Silêncios e (Con)Figurações*, Tese de Doutoramento em Estudos Portugueses, Lisboa, Universidade Aberta. Disponível em https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3469/1/TD_MariaConcei%C3%A7%C3%A3oTom%C3%A9.pdf [acedido a 21 de Setembro de 2015]
- TOMÉ, Maria da Conceição; BASTOS, Glória (2011), “A herança dos irmãos Grimm na literatura juvenil contemporânea: a “chick lit” e as princesas do novo milénio”, in *Agália*, nº 103, 1º semestre, pp. 7-29. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/3216/1/artigoagalia.pdf> [acedido a 25 de Setembro de 2015]
- VERDULHA, António Moreno (2006), “Identidad y Límites de la Literatura Juvenil”, in SÁEZ, Maria Victoria Sotomayor (dir.), *Personajes y Temáticas en la Literatura Juvenil*, Madrid, Ministerio de Educación y Ciencia, pp. 9-28. Disponível em https://books.google.pt/books?id=xHaC9SmtsR4C&pg=PA7&hl=pt-PT&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false [acedido a 14 de Dezembro de 2015]
- <http://www.netmadeira.com/noticias/cultura/2011/6/17/antonio-castro-lancou-livro-muito-especial> [acedido a 30 de Maio de 2015]